



Escola de Tecnologias e Arquitetura
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Mestrado Integrado em Arquitetura

Sara Tinoco Guerreiro

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura

Cartografias do Material e do Imaterial
O caso de Marvila

Orientadora:
Professora Alexandra Paio, ISCTE-IUL

Concurso Trienal de Arquitetura

Tutor:
Professor Pedro Pinto, ISCTE-IUL

[Novembro, 2019]

AGRADECIMENTOS..... 6

PARTE I - VERTENTE TEÓRICA8

INTRODUÇÃO 11

ENQUADRAMENTO.....12

RESUMO / ABSTRACT13

OBJECTIVOS14

METODOLOGIA.....16

ESTRUTURA DO TRABALHO.....17

CARTOGRAFIA DA DESINDUSTRIALIZAÇÃO 19

DESINDUSTRIALIZAÇÃO URBANA20

CARTOGRAFIA.....23

ABORDAGENS CARTOGRÁFICAS: TOP-DOWN VS BOTTOM-UP27

TOP-DOWN29

BOTTOM- UP30

MARVILA37

PASSADO38

PRESENTE41

FUTURO43

MARVILA: LEITURAS CARTOGRÁFICAS45

TOP-DOWN.....46

 CARTOGRAFIA MORFOLÓGICA47

 CARTOGRAFIA SOCIAL58

 CARTOGRAFIA CULTURAL78

BOTTOM-UP80

 CARTOGRAFIA COLETIVA81

KEY WORDS :

Marvila, *Mapping*, Trienal de Arquitetura, *Top-Down*, *Bottom-Up*

PALAVRAS CHAVE :

Marvila, Cartografar, Trienal de Arquitetura, *Top-Down*, *Bottom-Up*

AGRADECIMENTOS

À orientadora, Professora Alexandra Paio, pelo apoio na escrita da dissertação, e pela sua paciência.

Ao Professor Pedro Pinto, pela ajuda em projeto e todo o seu acompanhamento.

Aos atores entrevistados, e por toda a sua ajuda para se entender o que é Marvila: Arquiteta Joana Braga, Dr. João Rebolo, Dr. Rui Telmo Gomes, Sociólogo Henrique Chaves, Dr. João Martins, Dr. Roberto Falanga e Cristina Santos.

Aos meus pais, ao meu irmão e à minha avó, por me terem dado a oportunidade de estudar e de me apoiarem em toda a vida académica.

À minha colega e amiga, Luísa Almeida, por me ter acompanhado nesta jornada e que em tempos de stress esteve sempre lá.

Ao meu namorado, Pedro Filipe, por ter ficado muitas vezes comigo a ajudar-me no que eu precisava durante todo o meu percurso académico, sempre sem dizer que não.

À Rafaela, pelos dias passados na biblioteca a fazer a dissertação.

Aos meus amigos, Teresa, Daniela Morence, Rita, Érica, Marta, Carlos, Dulce, Ana, Carolina, Alexandra, Rodrigo, Pedro, Sandro, Andreia, Rafael e Sofia, pelo apoio incansável nestes 5 anos.

Aos meus amigos de Erasmus, Lily, Louis Tardivon, Federica Petti, Francesco Molinari, Mariana, Ni, Jaume e Roger, por me terem acompanhado numa experiência que me fez crescer imenso.

A todos, agradeço do fundo do coração. Obrigada

PARTE I
VERTENTE TEÓRICA

CARTOGRAFIAS DO MATERIAL E DO IMATERIAL

O caso de Marvila

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO

A Revolução Industrial introduziu mudanças importantes no território português, surgindo nas cidades os locais de produção que se fixam na matriz urbana preexistente, respondendo a necessidades puramente funcionais e produtivas.

Na metrópole contemporânea, essas estruturas industriais desativadas levantam uma série de questões associadas à regeneração urbana de largas parcelas de território subitamente desocupadas no interior das cidades consolidadas. A desindustrialização tem coincidido com operações de especulação imobiliária e, consequente, gentrificação. Marvila é um exemplo deste fenómeno.

Tendo como base o desafio lançado pelo concurso Prémio Universidades Trienal Arquitetura de Lisboa Millenium bcp deste ano - Centro Comunitário e Interpretativo, a presente investigação assenta numa série de leituras cartográficas (morfológicas, sociais e culturais) que permitam no final o debate sobre o fenómenos urbanos de Marvila e suportar o desenho de uma solução arquitectónica que possa dar ao cidadão da metrópole um espaço de qualidade urbana coerente à sua identidade cultural. Para suportar o desenho arquitetónico o Arquiteteto necessita cartografar o território de intervenção.

RESUMO

O presente estudo, analisa Marvila através da sua morfologia, sua paisagem e o seu modo de vida. Olha para uma Marvila esquecida no mapa e procura entender o porquê.

À medida que Lisboa foi crescendo, o Vale de Chelas foi mantendo-se um território rural, sem edificado, durante bastante tempo.¹ Com a revolução industrial, muitas fábricas começaram a surgir na margem do rio Tejo, fazendo com que houvesse um êxodo-rural do norte do país à procura de trabalho. A falta de resposta à necessidade de habitação, faz emergir bairros como o Bairro Chinês e a PRODAC.²

Hoje em dia, Marvila é uma zona com vários edifícios e espaços abandonados e um pouco esquecida das suas origens, contudo, muitos projetos novos estão a surgir para a sua requalificação.

Neste contexto, e tendo como base o desafio de projetar um centro comunitário lançado pelo concurso da Trienal de Arquitetura de Lisboa, questionou-se como cartografar Marvila, surgindo a oportunidade de se realizar várias leituras cartográficas: morfológicas, sociais e culturais.

As cartografias, tanto materiais como imateriais, possibilitaram, na vertente teórica, uma melhor compreensão do território de Marvila, fazendo com que na segunda parte da dissertação, vertente prática, fosse possível fazer um centro comunitário consciente da realidade, dando ao cidadão da metrópole um espaço com qualidade urbana.

¹ Claudia Sisti, 'Morfologia Do Território e Paisagem. Marvila', *On the W@terfront*, 2005, 7–17 <<http://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/217108>>.

² João Manuel Teles Rebolo, 'O Realojamento Do Bairro Chinês Em Marvila Participação e Autoconstrução Como Processo – o Caso Da P Rodac (1970-1974) João Manuel Teles Rebolo', 2016.

ABSTRACT

This study, analyses Marvila through its morphology, its landscape and its lifestyle. It looks at a forgotten Marvila on the map and tries to understand why that happened.

As Lisbon grew, the Vale de Chelas was kept a rural territory for a long time. With the industrial revolution, many factories were built close by Tagus River, causing an increase in the rural north of the country looking for work. The lack of response to housing needs had led to neighborhoods such as Bairro Chinês and PRODAC.

Nowadays, Marvila is an area with many abandoned buildings and spaces, that are somehow their origins are forgotten. However, many new projects are emerging, for their requalification.

In this context and based on the challenge of the design of a community center, created by Trienal de Arquitetura, the question of “how to map” Marvila, has emerged, giving rise to an opportunity to perform various cartography readings: morphological, social and cultural.

As cartographies, both material and immaterial, enabled theoretical aspects, a better understanding of Marvila’s territory, giving to the second part of the dissertation, the practical part, a better understanding of the of their reality, doing a conscious community center, giving the citizen a space with the quality they deserve.

OBJECTIVOS

Com a participação no concurso Prémio Universidades Trienal Arquitetura de Lisboa Millenium bcp de 2019, a vertente teórica da dissertação tem como objectivo analisar o território de intervenção, como suporte de desenho informado do contexto, essencial na realização de um centro comunitário, em Marvila.

Para tal, o estudo consiste em cartografar esta zona de Lisboa, realizando uma série de leituras cartográficas: morfológicas, sociais e culturais, que permitam ter os dados essenciais para o desenvolvimento de uma solução de espaço urbano com qualidade urbana. Só com o território de intervenção cartografado (material e imaterialmente), o projetista poderá contribuir para “compreender como o espaço afeta as relações sociais”³ e promover comunidade.

³ Markus Miessen, ‘Novas Coletividades: Perspetivas Críticas’ On Arqa Novas Coletividades, 2013, 22-39

METODOLOGIA

Relativamente à metodologia utilizada na presente dissertação, o seu suporte teórico passa por uma recolha de informação sobre Marvila, elementos que permitam uma melhor compreensão do território de intervenção. Cada etapa terá uma reflexão cuidada, onde os resultados servirão de suporte ao desenho da solução arquitetónica proposta no final. Assim, é necessária uma leitura história de Marvila: do seu passado, presente e futuro; várias abordagens cartográficas: *Bottom-Up* e *Top-Down*; realização de sete entrevistas, havendo análises descritivas e comparativas.

O estudo começa com uma fase descritiva da desindustrialização de Lisboa e o papel de Marvila; seguida de uma fase cartográfica; e finalizada com as versões do que é Marvila por diferentes atores, sendo descritas e refletidas visões sobre a melhor solução para o centro comunitário em Marvila. As reflexões teóricas servem de base ao desenho do centro comunitário que requalifique a metrópole urbana.

ESTRUTURA DO TRABALHO

O texto da dissertação está dividido em dois momentos: vertente teórica e vertente prática. A vertente prática, teve como zona de intervenção Marvila, onde é proposto um centro comunitário para o concurso Prémio Universidades Trienal Arquitetura de Lisboa Millenium bcp 2019 - Centro Comunitário e Interpretativo. Na vertente teórica, houve um trabalho de investigação intercalado com o ensaio prático, que apesar de não ser obrigatório, considerou-se benéfico.

No primeiro capítulo, são descritas as mudanças do território de Lisboa ao longo dos anos e alguns apontamentos sobre a sua desindustrialização.

No segundo capítulo, aborda-se o tema cartografia, não só ligado à arquitetura. Introduz-se os conceitos de tangível e intangível, questionando como se pode cartografar algo que não se vê: que não é facilmente mapeado. Nos subcapítulos, percorrem-se abordagens cartográficas *Top- Down* - “de cima para baixo” e *Bottom-Up* - “de baixo para cima”.

No terceiro capítulo, é relatado o crescimento de Marvila. É dividido em três partes: Presente, passado e futuro.

No último capítulo, apresentam-se as cartografias de Marvila: Cartografia morfológica - mapeamento da cidade; cartografia social, com a ajuda do projeto ROCK - Regeneration and Optimization of Cultural heritage in creative and Knowledge cities /Reutilização e otimização do património cultural em cidades criativas e baseadas no conhecimento, financiado pelo programa europeu HORIZONTE 2020 e suportadas pela plataforma ArcGis; e cartografia cultural. A vertente teórica termina com a descrição da abordagem *Bottom-Up* que deu origem à cartografia coletiva, possível graças à ajuda de vários convidados, através da realização de entrevistas com a duração de uma hora e percurso digital com a aplicação MinhaRota.

Na segunda parte da dissertação, vertente prática, é feita uma memória descritiva a explicando o projeto de final de arquitetura, seguindo com as representações gráficas - desenhos técnicos.

CARTOGRAFIA DA
DESINDUSTRIALIZAÇÃO

DESINDUSTRIALIZAÇÃO URBANA

A partir da segunda metade dos anos 70 do século passado na Europa, com a desindustrialização, as cidades têm sofrido um forte impacto de mudança com importantes reflexos a nível social, económico, político e territorial. Naturalmente, estas múltiplas alterações, levam os académicos a estudar o fenómeno. As suas reflexões têm introduzido conceitos como: cidade fragmentada; cidade perfurada; ou cidade esquecida.

Em Lisboa, desde o último quartel do século XX, o fenómeno de desindustrialização e terciarização, também ditou o declínio de várias partes do território marcadamente industriais. Para contrariar este processo, a solução tem passado por estratégias de regeneração urbana, ou seja, “ação mediante a qual se procede à substituição de estruturas existentes; envolve, portanto, a demolição dos edifícios e a construção de novos imóveis” (Barata Salgueiro, 1999). Estas operações passam, assim, pela não preservação do património edificado pré-existente associado as memórias e identidade do local.

Segundo Luís Mendes, a gentrificação associada à desindustrialização remete para uma cidade fragmentada:

“A cidade compacta, de zonamento social estanque e de limites precisos, cujo centro evidencia uma relativa homogeneidade social, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística dão lugar a formações territoriais mais complexas, territorialmente descontínuas e sócio e espacialmente enclavadas. Daremos particular atenção às formulações teóricas que defendem que essa tendência de gentrificação, enquanto processo específico de recentralização socialmente seletiva nas áreas centrais da cidade, tem contribuído para a fragmentação social e residencial do espaço urbano contemporâneo.”⁴

⁴ Luís Mendes, ‘Gentrificação e a Produção Social Do Espaço Fragmentado Introdução’, *Cadernos Metrópole*, 13.26 (2011), 473–95.

Eduardo Henriques Brito et al. , também, analisa o fenómeno, caracterizando-o como uma “cidade perfurada”. A cartografia das “perfurações” geradas pelo abandono de espaços industriais em quatro cidades portuguesas, marcadamente pós-industriais, como são Barreiro, Lisboa, Guimarães e Vizela.⁵, permitiu averiguar a ocorrência e localização deste tipo de elementos na paisagem urbana. As perfurações são como Solá-Morales descreve “internas à cidade, mas externos ao seu uso quotidiano (...) porque existem fora dos circuitos efetivos da cidade e das suas estruturas produtivas”.⁶ Solá-Morales chama-lhe *Terrain Vague*, lugares estranhos ao sistema urbano: lugares abandonados; vazios; limites não precisos.⁷ *Terrain Vague* alude às problemáticas éticas e estéticas, que envolvem a vida social contemporânea.

A sua cartografia passa pela fotografia, como instrumento de representação da metrópole desindustrializada. Solá-Morales, refere que não é possível falar de história da arquitetura, sem referir os fotógrafos do seu tempo correspondente.⁸ A fotografia facilita a compreensão, tendo do objeto, como estética. Pode até ser comparada com um índice.⁹ Os fotógrafos, buscam refúgio nas margens da cidade, tendo uma liberdade sob controlo.

Ana Rita Ochoa, aponta outro conceito ao descrever a zona Oriental da cidade de Lisboa, trata-se de uma “cidade esquecida”, porque foi durante muito tempo associada a indústrias decadentes e a bairros sociais desqualificados.¹⁰ Cenário que nasce nos anos 50, devido a migrações interna que procuram trabalho nas indústrias locais. O aumento

⁵ Eduardo Brito; Henriques, Paulo; Morgado, and David. Cruz, ‘Morfologia Da Cidade Perfurada : Padrões Espaciais de Ruínas e Terrenos Vacantes Em Cidades Portuguesas’, 2018, 111–33.

⁶ Solá- Morales, “Terrain Vague”, 2013, pp. 118-123;

⁷ Sofia Morgado, ‘Lisboa, Um Território Em Formação’, 2015.

⁸ Ignasi de Solá-Morales, ‘Terrain Vague’, 2013.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ Ana Rita Ochoa, ‘Da Azinhaga À Estrada. Memória E Identidade Na Zona Oriental De Lisboa’, 2007, 33–41.

demografico dita o aumento da procura de habitação, que a cidade não consegue suprir gerando, assim, bairros de barracas e de habitação clandestina, na periferia de Lisboa.¹¹ Para Teresa Barata Salgueiro, existe um papel importantíssimo na estruturação do território, dada a maneira que hoje em dia tudo se desenvolve.¹² Falamos de espaços de cidade que ficam perdidos, interligados com a desindustrialização urbana. Contudo, os movimentos artísticos contemporâneos têm olhado para estes espaços como espaços a ocupar, tornando-os alternativos, de modo a produzir algo diferente para a cidade. A arquitetura e o desenho urbano do “*Terrain Vague*” tem incentivado a um maior envolvimento da cidadania ativa.

¹¹ Luís Mendes, ‘Urbanização Clandestina e Fragmentação Socio-Espacial Urbana Contemporânea: O Bairro Da Cova Da Moura Na Periferia de Lisboa’, *Revista Da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade Do Porto*, II.2 (2008), 57–82.

¹² Salgueiro, Barata Teresa ‘Urbanização Clandestina e Fragmentação Socio-Espacial Urbana Contemporânea: O Bairro Da Cova Da Moura Na Periferia de Lisboa’, *Revista Da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade Do Porto*, II.2 (2008).

CARTOGRAFIA

A cartografia é uma ciência secular que tem como principal objetivo promover uma representação gráfica de diferentes fenômenos espaciais, obtendo-se como produto final um mapa para diversos propósitos. A cartografia tradicional encontra-se ligada ao campo do conhecimento da geografia e busca ser um conhecimento preciso, fundado em bases matemáticas, estatísticas, contando com instrumentos e técnicas sofisticadas.

A cartografia desempenha um papel fundamental, nos estudos urbanos e sua relação com a geografia do território, contribuindo amplamente para a análise do meio ambiente. Na arquitetura esta abordagem é indispensável, porque representa a articulação da ideia com objeto real a implementar.¹³ A cartografia é um método de pesquisa-intervenção em qualquer área.¹⁴ Como Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros descrevem:

*“A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa.”*¹⁵

De acordo com a Associação de Cartografia Internacional, um mapa é uma imagem que mostra uma realidade geográfica, resultado do esforço dos autores que recolheram a in-

¹³ Lorenz Hurni and Gerrit Sell, ‘Cartography and Architecture: Interplay between Reality and Fiction’, *The Cartographic Journal*, 2009.

¹⁴ Eduardo. Passos, *Pistas Do Método Da Cartografia : Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*, 2010.

¹⁵ *Ibidem*

formação. Trata-se de uma perspectiva em várias escalas, que ajuda os arquitetos no planeamento espacial e manipulação visual, permitindo a exploração, análise e compreensão de um espaço.¹⁶

A arquitetura, como criação de uma ideia, partilha com a cartografia os princípios que dão início a qualquer projeto.¹⁷ Para o arquiteto, a cartografia é onde começa a ideia, os mapas são fontes primárias, onde podemos ver o pensamento acumulado e trabalhar o passado.¹⁸

¹⁶ Lorenz Hurni and Gerrit Sell, ‘Cartography and Architecture: Interplay between Reality and Fiction’, *The Cartographic Journal*, 2009.

¹⁷ *Ibidem*

¹⁸ Jane R. Camerini, ‘The Power of Maps . Denis Wood , John Fels ’, *Isis*, 2002, 129–30.

Cartografias do Tangível e Intangível

A ideia de cartografia remete automaticamente para uma representação de um território, que permite leituras de um determinado espaço. No caso do tangível, representa-se a evolução do território morfológicamente, enquanto no intangível existe uma representação social e cultural. O intangível, como cartografia cultural de um espaço, é um modo emergente de pesquisa. Incomum na abordagem dos arquitetos, está a ser repensada e expandida, dando espaço a novas metodologias para o desenho de mapas culturais e interativos.¹⁹ No artigo *“Introduction: Mapping Cultural Intangibles”*, é relatado que:

*“De uma perspectiva pragmática, o mapeamento cultural é definido como um processo de coletar, registar, analisar e sintetizar informações, a fim de descrever os recursos culturais, redes, links e padrões de uso de uma determinada comunidade ou grupo.”*²⁰

A abordagem incorpora informações cronológicas e espaciais, onde pode incluir narrativas, som, imagens e também para uma melhor compreensão dos sentidos do lugar, os seus fluxos e as suas mudanças.²¹ Volta-se a constatar a forte relação entre cartografia e arquitetura. Ambos lidam com o espaço, documentando-o.²²

Quando se fala em “tangível”, pensa-se em património. No entanto, a UNESCO, em 2003, começa a repensar estes aspetos, dando lugar a espaços de património imateriais:

¹⁹ Alys Longley and Nancy Duxbury, ‘Introduction: Mapping Cultural Intangibles’, *City, Culture and Society*, 7.1 (2016), 1–7.

²⁰ *Ibidem*

²¹ *Ibidem*

²² Lorenz Hurni and Gerrit Sell, ‘Cartography and Architecture: Interplay between Reality and Fiction’, *The Cartographic Journal*, 2009.

*“A UNESCO vê o património cultural intangível (incluindo práticas herdadas e contemporâneas como ativamente enraizadas nas comunidades e dependentes de pessoas conhecedoras, transmitindo seus conhecimentos à comunidade, de geração em geração”*²³

Na arquitetura, cria-se o espaço com base no território, onde a cartografia tangível tem um grande peso, contudo, tem que haver um balanço na pesquisa, onde se estuda o imaterial, o intangível, mapeando-o para entender outras dimensões do território.

²³ ‘Patrimônio Imaterial No Brasil | UNESCO’ <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>.

ABORDAGENS CARTOGRÁFICAS: *TOP-DOWN VS BOTTOM-UP*

A cidade mudou muito na segunda metade do séc. XX, mudando a paisagem radicalmente.²⁴ As novas urbanizações parecem escapar à típica lógica das cidades tradicionais, e com isto, surge uma nova necessidade de compreender a cidade contemporânea.²⁵ Philippe Panerai, relata no seu livro “Análise Urbana” que:

*“(...) para entender as cidades é necessário (...) um corpo de conhecimentos em que misturam- de modo impuro- a abordagem histórica, a geografia, o trabalho cartográfico, a análise arquitetónica, a observação dos sistemas construtivos e dos modos de vida”.*²⁶

O tecido urbano condensa o processo de evolução e a história do local. A variedade do tecido traduz um carácter único de cada cidade e a sua lógica.²⁷ A sua interpretação é fundamental para intervir na contemporaneidade. Segundo Coelho,

*“A interpretação da cidade como realidade material deve compreender duas abordagens: a análise da sua forma num momento determinado e a sua justificação a partir dos momentos que lhe deram origem”.*²⁸

Estas leituras, fundamentais, devem, também, permitir entender como criar futuras conexões. Logo, não é possível negar que as cidades não são desenhadas somente por planos físicos, mas, também, pela interação de múltiplos fatores, como, por exemplo, o comportamento de seus habitantes e suas relações sociais e culturais²⁹. O estudo contemporâneo

²⁴ Philippe Panerai, *Análise Urbana*, 2006.

²⁵ *Ibidem*

²⁶ *Ibidem*

²⁷ Carlos Coelho and others, ‘Morfologia Urbana- Estudos Da Cidade Portuguesa- Elementos Urbanos’, 2013.

²⁸ *Ibidem*

²⁹ Jan Gehl e Birgitte Svarre, *How to Study Public Life*, 2013

do espaço urbano deve considerar a combinação de ações que não só projetem um destino estático, mas também o resultado dinâmico da vida urbana. Assim, para um melhor entendimento da morfologia urbana, devemos considerar a articulação de duas abordagens cartográficas: *Top-Down* e *Bottom-Up*.

Top-Down, com tradução livre “de cima para baixo”, é a abordagem mais comum usada pelos arquitetos, correspondendo à primeira análise feita para qualquer projeto, representando morfolologicamente o local de intervenção. É feito, principalmente, através de cartografias morfológicas, onde se observa a configuração física da sua produção e transformação no tempo, para o conhecimento do meio urbano.³⁰ Este, ocupa-se na divisão do meio em partes, e da articulação dos mesmos entre si.

Os estudos morfológicos, aprofundam o estudo dos objetos arquitetônicos ligados entre si por relações espaciais. Morfologia, pode ser definida, como o espectro de realidade ou modo como é organizado, relativamente à materialidade dos aspetos qualitativos, como densidades e fluxos.³¹ Gordon Cullen promove a percepção de cidade com um conceito de paisagem urbana, onde fala da arte dessa mesma paisagem, como algo com coerência e muito organizada, onde as ruas, os espaços, os edifícios são parte do que torna o ambiente da cidade.³² Kevin Lynch refere-se à cidade como uma construção no espaço a grande escala, percebida apenas no discurso de longos períodos de tempo e que é crucial numa cidade a legibilidade, analisando-a com detalhe.³³

³⁰ José Lamas, ‘Morfologia Urbana e Desenho Da Cidade’, 2010.

³¹ *Ibidem*

³² Roberto Sabatella ADAM, ‘Analisando o Conceito de Paisagem Urbana de Gordon Cullen’, *Da Vinci*, 5.1 (2008), 61–68.

³³ H. Warren Dunham, ‘The Image of the City Kevin Lynch’, *Social Problems*, 2012, 280–81.

Bottom-Up, tradução livre “de baixo para cima”, é uma abordagem ao processo de criação, que entende a cidade, não a considerando como uma coisa em si, mas algo a ser entendida pelos habitantes³⁴. Os estudos baseiam-se nas leituras das práticas sociais e apropriações coletivas na configuração da paisagem urbana. A aproximação com não arquitetos, reconhece saberes não institucionalizados materializados em contribuições por inúmeros agentes sugerindo novas formas de prática arquitetónica.

Neste contexto, o estudo parte do debate explorado pelo filósofo da ciência Bruno Latour. Latour questiona-se como é possível que com tanta facilidade de desenho, ainda existam dificuldades tantas básicas, abordando a dualidade entre as questões de facto e as questões de interesse.³⁵ Havendo tantas novas invenções, desde perspetivas a CAD, os humanistas muitas vezes são incapazes de agrupar “através do desenho (...) de materializar (...) em toda a sua complexidade”³⁶ Latour provoca, com a intenção de promover uma mudança de foco nas práticas arquitetónicas, que são mais interessadas no resultado do objeto construído que nas necessidades diárias e preocupações dos cidadãos.

Latour defende que é necessário pensar *Bottom-Up*, defendendo uma Teoria Ator-Rede (TAR). Esta teoria, procura observar o contexto socio-material, formado por agregações emergentes de pessoas, objetos, criando, assim, cartografias culturais.³⁷ Hoje em dia, na “cidade da informação”, a TAR pode ser aplicada com mapeamentos colaborativos e dinâmicos, com smartphones, tablets e acesso à internet (plataformas digitais), procurando, assim, uma melhor compreensão do espaço urbano.³⁸

Outro contributo importante para a abordagem *Bottom-p*, neste estudo, é dado pela Teoria

³⁴ H. Warren Dunham, ‘The Image of the City Kevin Lynch’, *Social Problems*, 2012, 280–81.

³⁵ Bruno Latour, ‘Um Prometeu Cauteloso?’, 2014, 1–21.

³⁶ *Ibidem*

³⁷ *Ibidem*

³⁸ David L Viana and Isabel C Carvalho, ‘O Estudo Da “Forma - Dinâmica” Urbana Através Do Mapping de Dinâmicas Sociais e Da Apropriação Espacial E’, 4.May (2016), 29–42.

da Deriva criada por Guy Debord: criador da Internacional Situacionista.³⁹ O ativista político, muito influenciado pelo surrealismo, descreve o pensamento urbano situacionista, a “deriva”⁴⁰:

*“As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica do andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. Todas as casas são belas. A arquitetura deve se tornar apaixonante. Nós não saberíamos considerar tipos de construção menores. O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. É possível se pensar que as reivindicações revolucionárias de uma época correspondem à ideia que essa época tem da felicidade. A valorização dos lazeres não é uma brincadeira. Nós insistimos que é preciso se inventar novos jogos”.*⁴¹

A “Deriva” é, assim, baseada num procedimento “psicogeográfico”, uma pesquisa, que consiste numa pessoa andar num determinado território, “à deriva”, com uma rota por definir, onde é o meio urbano que a encaminha.⁴²

Vários estudos têm sido desenvolvidos nesta área, juntamente com cartografias digitais, permitindo observar o modo que o espaço urbano e o cidadão estão relacionados.⁴³ Com a ajuda do *Global Positioning System* (GPS), procura-se pesquisar, os percursos da população, as suas atividades, as suas permanências, vivências, entre outros, dando oportunidade de juntar o digital com o analógico, algo que não acontece na abordagem *Top-Down*.⁴⁴

³⁹ Guy Debord, ‘Guy Debord_ Antes e Depois Do Espetáculo - JUREMIR MACHADO DA SILVA, CRISTIANE FREITAS GUTFREIND’.

⁴⁰ Paola Berenstein Jacques, ‘Breve Histórico Da Internacional Situacionista – IS’, 2003.

⁴¹ Bruno Latour, ‘Um Prometeu Cauteloso?’, 2014, 1–21.

⁴² Guy Debord, ‘Guy Debord_ Antes e Depois Do Espetáculo - JUREMIR MACHADO DA SILVA, CRISTIANE FREITAS GUTFREIND’.

⁴³ Clorisval Pereira Jr, ‘Speculative Cartography and the Formation of Public Interest Issues’, 2018.

⁴⁴ David L Viana and Isabel C Carvalho, ‘O Estudo Da “Forma - Dinâmica” Urbana Através Do Mapping de Dinâmicas Sociais e Da Apropriação Espacial E’, 4.May (2016), 29–42.

Um exemplo de utilização destas práticas, é relatado no “O estudo da 'forma-dinâmica' urbana através do *mapping* de dinâmicas sociais e da apropriação espacial”⁴⁵, onde é feita a correlação entre forma urbana e mapeamento de dinâmicas sócio espaciais, decorrentes do rastreamento de fluxos urbanos com recurso a dispositivos comunicacionais móveis - *smartphone* e *tablet*.⁴⁵ No caso de Chelas, sendo um local de dificuldade de apropriação espacial e de construção de vivências urbanas, foram levantados vários problemas.⁴⁶ Foram instalados nos smartphones dos participantes a aplicação *MyTracks* ou “Os meus Mapas”, consoante o sistema operativo, onde dentro destas plataformas foi criado um mapa colaborativo onde se pode acrescentar uma grande quantidade de notas, observações, imagens, sons, entre outros, abrindo assim novas possibilidades instrumentais e morfológicas da forma urbana.⁴⁷ Os mapas coletivos, permitiram observar os fluxos da população, as suas vivências, sinalizar espaços importantes, fotografar, adicionar notas, entre outros.

Na plataforma online da Escola de Verão *Technopolitics platform for urban investigation*⁴⁸, realizada em julho de 2019, existe o mesmo princípio de mapeamento, onde se apresenta um estudo em desenvolvimento de regeneração urbana.⁴⁹ A informação disponível online facilita o acesso à informação para futuros estudos nas áreas analisadas – AUGI em Cascais.

No IndAtlas⁵⁰, onde se pretende colecionar, analisar informação e se ver a transformação do espaço urbano. Na plataforma estão disponíveis vários conteúdos compostos por:

⁴⁵ David L Viana and Isabel C Carvalho, ‘O Estudo Da “Forma - Dinâmica ” Urbana Através Do Mapping de Dinâmicas Sociais e Da Apropriação Espacial E’, 4.May (2016), 29–42.

⁴⁶ *Ibidem*

⁴⁷ *Ibidem*

⁴⁸ <https://turcocreating.weebly.com/plataforma.html> (acesso, outubro 2019);

⁴⁹ Michele Brito, Ana Isabel De Sá, and Natacha Rena, ‘IndAtlas - Technopolitic Platform for Urban Investigation’, 2018.

⁵⁰ http://tecnopoliticas.indisciplinar.com/index.php?title=P%C3%A1gina_principal (acesso, outubro 2019)

- 1) Mapas Colaborativos online- Mapas Colaborativos Georreferenciados (sendo uma plataforma de crowdsourcing Crowdmap/Ushahidi;
- 2) Produção de Linhas do tempo e infográficos-
- 3) Produção de topologias de redes (grafos);
- 4) Articulação com redes sociais
- 5) Páginas Wikipédia.

A cidade estudada foi Belo Horizonte, no Brasil, pelo grande risco de descaracterização do património histórico de grande valor cultural. O estudo realizado por estudantes, foi estruturado a partir de 3 camadas: Persistência, Negócio e Aplicação.⁵¹ Os alunos mostraram interesse no método cartográfico do grupo Indisciplinar, realçando a facilidade de visualização dos dados em formatos distintos (grafos, mapa e linha do tempo). Manifestaram, também, de algumas dificuldades, aspetos que deverão ser abordados na continuidade do desenvolvimento da plataforma IndAtlas.⁵²

Noutro estudo, descrito *Speculative cartography and formation of public interest issues*, foram realizados trabalhos com GPS, que permitindo a democratização do geoprocessamento, abriram, mais uma vez, novos horizontes para a construção do território, através do relacionamento do espaço urbano e o humano.⁵³ São referidos os atores que trouxeram uma nova energia para o campo da cartografia crítica e social, como Cramtom, Fredrick Jameson, Di Salvo, entre outros. Estes, defendem as diferentes tecnologias de geolocalização e mapeamento de percursos do espaço urbano.⁵⁴ Foram realizadas inúmeras experiências, através do aplicativo Strava (plataforma e rede social para desportistas), onde foram editadas de forma colaborativa através da plataforma Google Maps, sendo integrados depois na plataforma MapBox.⁵⁵

⁵¹ Michele Brito, Ana Isabel De Sá, and Natacha Rena, 'IndAtlas - Technopolitic Platform for Urban Investigation', 2018.

⁵² *Ibidem*

⁵³ Clorisval Pereira Jr, 'Speculative Cartography and the Formation of Public Interest Issues', 2018

⁵⁴ *Ibidem*

⁵⁵ *Ibidem*

Neste contexto, para ter um bom estudo arquitetônico na atual “cidade da informação”, e como Mehrota refere, deve-se ter em atenção que:

*“A arquitetura é, claramente, a manifestação de estática. (...) A cidade cinética não é percebida através da sua arquitetura, mas por espaços, que detêm valores associativos e suportes de vida. (...) é um urbanismo indigente que tem a sua lógica local particular.”*⁵⁶

A abordagem *Bottom-Up*, será utilizada como auxílio à vertente prática, cartografando não só morfologicamente e socialmente, mas, também, culturalmente, onde haverá uma combinação dos modos de análise “tradicionais”, com nos novos processos de compreensão do espaço urbano,⁵⁷ utilizando sempre como referência as duas teorias descritas, sumariamente, anteriormente: Teoria Ator Rede e Teoria da Deriva. Estas análises permitirão com facilidade a compreensão de Marvila, estimulando também a interação social da população.⁵⁸

⁵⁶ David L Viana and Isabel C Carvalho, ‘O Estudo Da “ Forma - Dinâmica ” Urbana Atravé s Do Mapping de Dinâmicas Sociais e Da Apropriação Espacial E’, 4.May (2016), 29–42.

⁵⁷ *Ibidem*

⁵⁸ *Ibidem*

MARVILA

PASSADO

A cidade de Lisboa foi-se desenvolvendo ao longo dos vales e das linhas de fecho principais, através de um crescimento linear e de malhas adaptadas à sua topografia (Figura 1). A coincidência entre colinas e bairros históricos faz de Lisboa uma cidade com identidades múltiplas, entre os quais nessas identidades, Marvila.⁵⁹

Esta zona era conhecida por ser a zona rural e industrial de Lisboa, e também local para famílias abastadas, com muitos palácios familiares ao longo do Tejo.⁶⁰ A sua história começou como a Herdade de Marvila, conquistada aos Mouros em 1147, onde no séc. XV, metade da Herdade foi entregue aos cônegos da Sé, dando origem às quintas de Marvila. Deu espaço a inúmeras instituições religiosas, onde mais tarde, trazem a aristocracia, enriquecendo com a construção de palácios e com mais desenvolvimento dessas mesmas quintas.⁶¹ Com a inauguração da linha de ferro, esta zona começa a ter uma forte importância industrial. A zona ribeirinha expandiu, onde foram instaladas várias infraestruturas. Com isto, a zona das Quintas começou a ser ocupada por provenientes do êxodo rural, onde foram realojadas nestas quintas de Marvila.⁶²

Foi construída habitação precária a grande escala, surgindo assim bairros como a PRO-DAC e o Bairro Chinês.

Assim, esta zona de Lisboa ficou definida como uma área de grandes barracas, e acima de tudo, caracterizada como um grande espaço público da cidade.⁶³

⁵⁹ Claudia Sisti, 'Morfologia Do Território e Paisagem. Marvila', *On the Waterfront*, 2005, 7–17.

⁶⁰ 'The Following Excerpt of the ROCK-Marvila Project Report Is Introduced Here as an Element for Context Characterization of the Site and Does Not Represent the Criteria by Which the Proposals Will Be Evaluated by the Jury or Selected for the "Natural Beauty"', 2020.

⁶¹ Sofia Morgado, 'Lisboa, Um Território Em Formação', 2015.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem*.

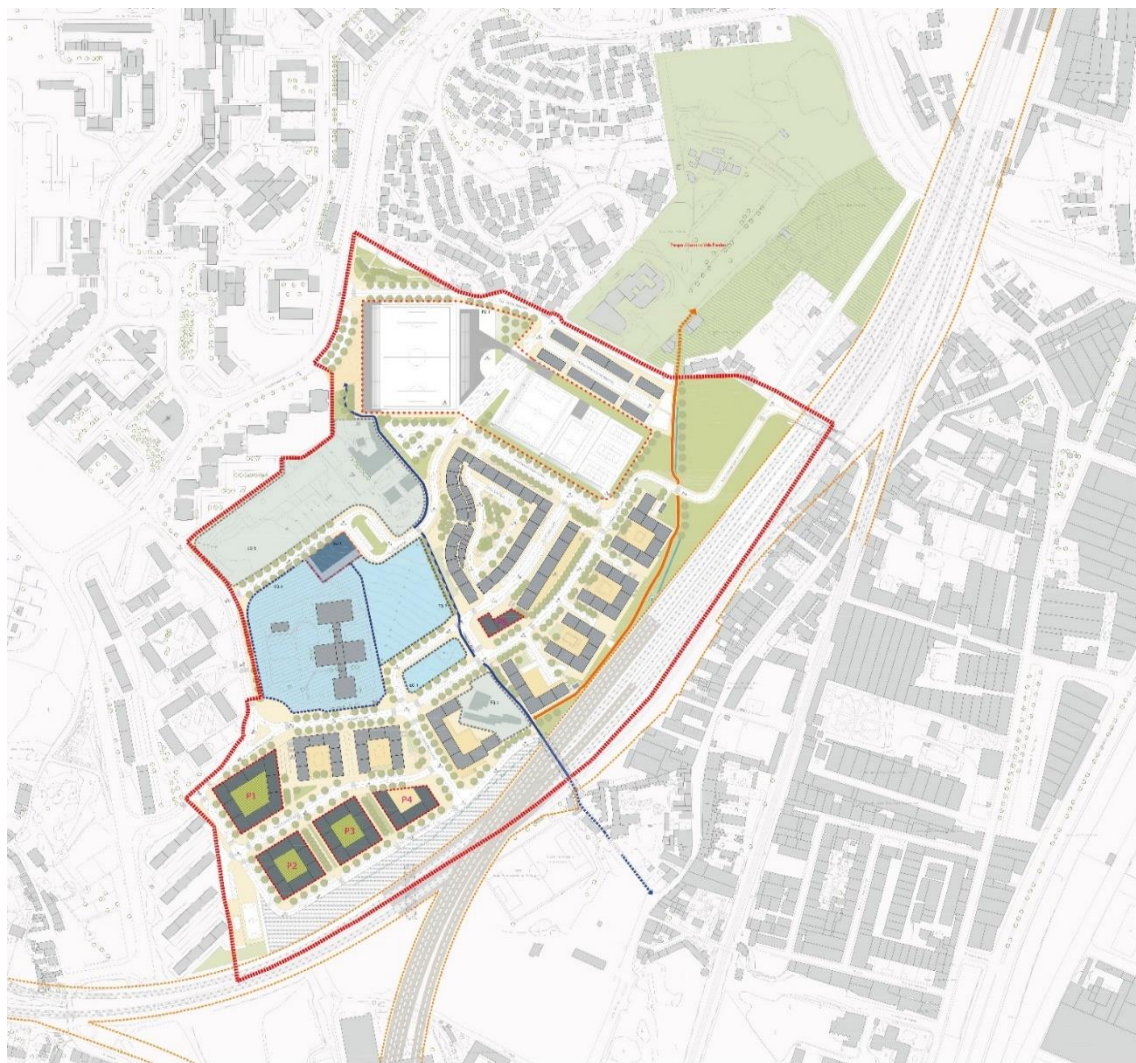


Figura 2- Plano de Pormenor da Quinta Marquês de Abrantes e Alfinetes (fonte <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-de-pormenor>);

PRESENTE

Com o passar dos anos, a cidade foi-se urbanizando, contudo, a divisão territorial ainda é muito visível com os bairros fechados entre si, onde não há ligação com o exterior sem ser via carro. As estradas são muito grandes, o que faz com que o fator de separação aumente ainda mais.

Existe também a separação clara de “Duas Marvilas”, separadas pela linha de ferro e pela diferença de cotas.⁶⁴

O percurso pedonal desta zona é também confuso, onde não se sabe a entrada ou saída dos locais. Tem edifícios abandonados, e acima de tudo, não existe espaço publico. Os idosos não têm onde estar sem ser dentro de cafés, as crianças não têm onde brincar, e as bicicletas não têm onde circular. Marvila foi, e é conhecida, como uma área de conflitos sociais e pela miscigenação de usos e formas urbanísticas (Figura 2).⁶⁵ É também, a freguesia mais extensa da cidade de Lisboa.⁶⁶

Muitos dos palácios familiares ao longo do Tejo nesta zona, estão completamente abandonados e aguardam uma reabilitação.⁶⁷

⁶⁴ ‘The Following Excerpt of the ROCK-Marvila Project Report Is Introduced Here as an Element for Context Characterization of the Site and Does Not Represent the Criteria by Which the Proposals Will Be Evaluated by the Jury or Selected for the “Natural Beauty”.

⁶⁵ Sofia Morgado, ‘Lisboa, Um Território Em Formação’, 2015.

⁶⁶ Cristóvão Pereira, Sérgio Vicente, and Telmo Lopes, ‘Á Procura Do Centro: Marvila’, *On the W@terfront*, 2005, 18–29.

⁶⁷ ‘The Following Excerpt of the ROCK-Marvila Project Report Is Introduced Here as an Element for Context Characterization of the Site and Does Not Represent the Criteria by Which the Proposals Will Be Evaluated by the Jury or Selected for the “Natural Beauty”.



Figura 3- Hospital Todos os Santos (Fonte: <http://lx-projectos.blogspot.com/2011/03/hospital-de-todos-os-santos.html>);

Figura 4- 3ª Travessia Tejo (Fonte: <http://www.grid.pt/projectos/pontes/d/terceira-travessia-sobre-o-rio-tejo>);

FUTURO

Marvila irá mudar imenso nas próximas décadas, com a construção de vários projetos de grande escala:

A construção da terceira travessia sobre o Tejo, dos GRID (Figura 4), antecipa-se que esta zona vai ter uma importância internacional, onde terá ligação ao novo aeroporto na Margem Sul, e ao resto da Europa.⁶⁸

O projeto do maior hospital de Lisboa, o Hospital de Todos os Santos, do Arquiteto Souto Moura (Figura 3), onde irá chamar novos cidadãos ao local. O Prata Living Concept, desenhado por Renzo Piano, consiste em habitações para classes altas, onde está pronto para habitar 2500 pessoas.

Os Planos de Pormenor para esta zona, como é o caso do Plano de Pormenor da Matinha e o Plano de Pormenor da Quinta Marquês de Abrantes e Alfinetes. O plano pormenor da Matinha, do atelier RISCO, irá revolucionar toda a zona ribeirinha, onde terá principalmente um grande espaço verde.

O Plano de Pormenor da Quinta Marquês de Abrantes e Alfinetes, é inserido no local do Projeto da Trienal de Arquitetura de Lisboa (Figura 2). Para esta zona, estão previstas futuras habitações cooperativas, novas estradas, uma extensão da escola para creche e jardim de infância, entre outros. Para a zona proposta do concurso da Trienal, é deixado como espaço verde.

Com isto, pode-se afirmar que Marvila está a mudar rapidamente, principalmente, a frente ribeirinha, onde existe o risco de criar uma barreira social ainda maior entre as duas partes distintas do território.⁶⁹

⁶⁸Sofia Morgado, 'Lisboa, Um Território Em Formação', 2015.

⁶⁹ 'The Following Excerpt of the ROCK-Marvila Project Report Is Introduced Here as an Element for Context Characterization of the Site and Does Not Represent the Criteria by Which the Proposals Will Be Evaluated by the Jury or Selected for the "Natural Beauty'.

MARVILA:
LEITURAS CARTOGRÁFICAS

TOP-DOWN

CARTOGRAFIA MORFOLÓGICA

Numa primeira fase da vertente projectal de PFA, foi cartografada Marvila, de modo a compreender o local e as suas necessidades. Foi realizada uma evolução morfológica, por uma breve resenha histórica do urbanismo⁷⁰ de Marvila, desde o momento que eram quintas com grandes palácios no séc. XIX (Figura 5), à importância do alojamento operário na transição do séc. XIX para o século XX⁷¹, até aos dias de hoje, onde se vê uma Marvila completamente diferente, com palácios e parques abandonados, terrenos baldios, conflitos, entre outros. No entanto, a frente ribeirinha está a sofrer grandes alterações⁷², o que faz com que no futuro a zona de Marvila mude por completo.

⁷⁰ Teresa Marat-Mendes and Maria Amélia Cabrita, ‘Morfologia Urbana Em Portugal: Percurso e Visibilidade’, *Second Conference of the Portuguese Network on Urban Morphology*, 2012, 1750–81.

⁷¹ Sónia Ildefonso and others, ‘A Proto-Habitação Social Na Cidade de Lisboa: Uma Leitura Integrada Da Vila Operária No Contexto Urbano Atual’, *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 11.0 (2019), 1–15.

⁷² ‘The Following Excerpt of the ROCK-Marvila Project Report Is Introduced Here as an Element for Context Characterization of the Site and Does Not Represent the Criteria by Which the Proposals Will Be Evaluated by the Jury or Selected for the “Natural Beauty”’.

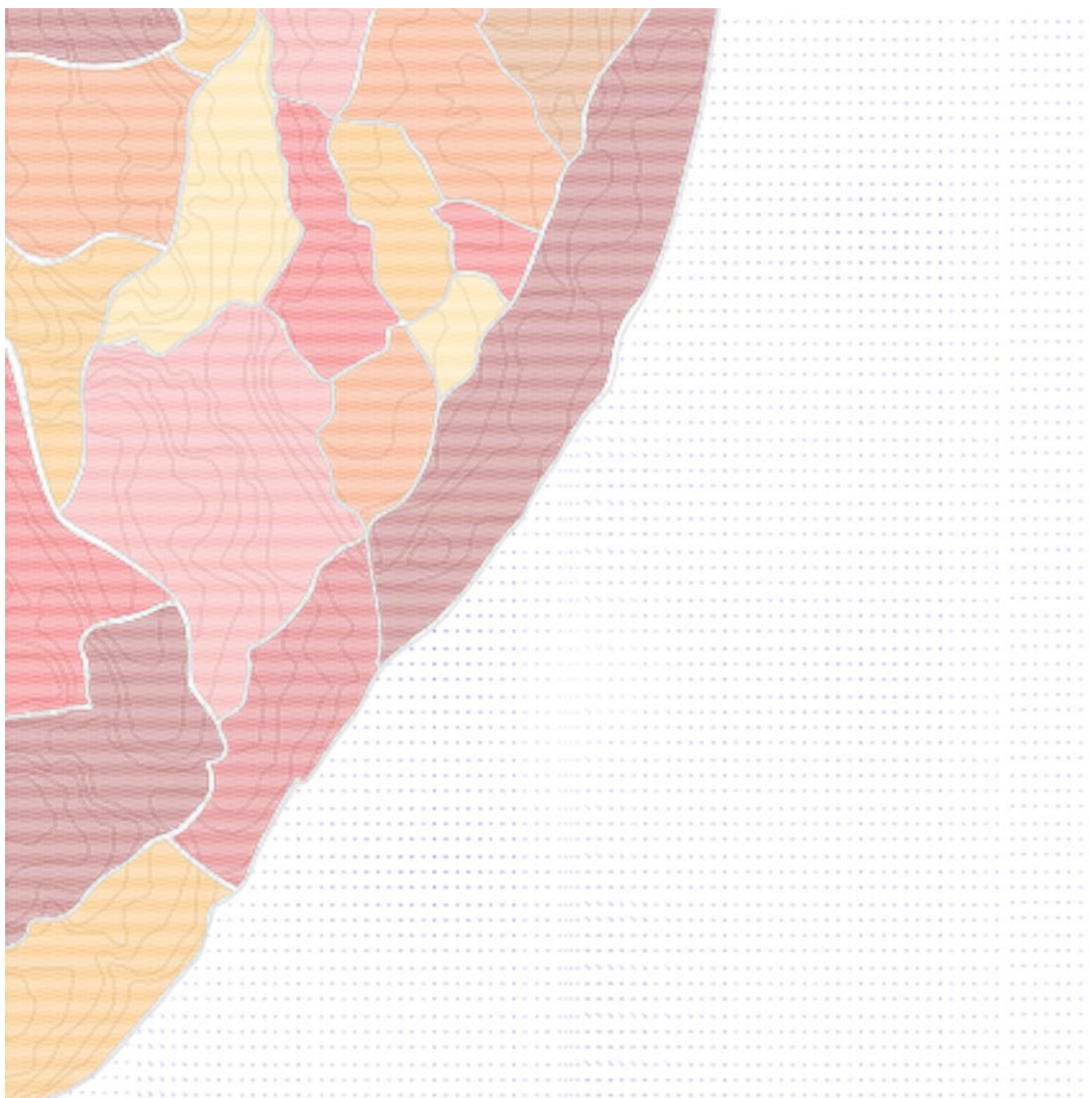


Figura 5- Planta delimitação Quintas, escala 1:80000

Como já referido, durante séculos, a frente ribeirinha de Lisboa foi uma zona rural e de lazer⁷³, com vários palácios, onde se começou a povoar com quintas para famílias abastadas⁷⁴.

Estas famílias, buscavam usufruir dos ares do rio, do campo e das vistas sobre o tejo⁷⁵, de uma zona mais tranquila de Lisboa. Esta zona tem um grande cariz histórico⁷⁶. Marcava e marca, um limite oriental da cidade.⁷⁷

Como se pode ver na figura 5, existiam inúmeras quintas no local, separadas por ruas principais, ainda hoje existentes na sua maioria.

Contudo, a urbanização futura vai modificar consideravelmente esta zona, com o desaparecimento de alguns locais ligados a vilas, a quintas e pátios.⁷⁸

⁷³ Margarida Reis e Silva, 'Pátios e Vilas de Marvila e Beato: Modos de Vida de Um Movimento Antigo', *Cadernos Do Arquivo Municipal*, 2016, pp. 143–70.

⁷⁴ 'The Following Excerpt of the ROCK-Marvila Project Report Is Introduced Here as an Element for Context Characterization of the Site and Does Not Represent the Criteria by Which the Proposals Will Be Evaluated by the Jury or Selected for the "Natural Beauty".'

⁷⁵ Margarida Reis e Silva, 'Pátios e Vilas de Marvila e Beato: Modos de Vida de Um Movimento Antigo', *Cadernos Do Arquivo Municipal*, 2016, pp. 143–70.

⁷⁶ Sofia Morgado, 'Lisboa, Um Território Em Formação', 2015.

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ José Carlos Kullberg, 'A Geologia Na Toponímia'.



Figura 6- Planta Malha Séc. XVIII- Escala 1:20000

Planta século XVIII

Nos finais do século XVIII, com o acréscimo da indústria, o rio Tejo começa a ser uma grande via de transportes⁷⁹, mudando toda a zona ribeirinha de Lisboa. Nesta figura 6, conseguimos observar o seu começo: o início das infraestruturas industriais, que no futuro se irão expandir por toda a zona ribeirinha, mudando a paisagem de Marvila (Figura 6).

Depois do terramoto de 1755, o centro da cidade é renovado, desenvolvendo-se para Norte. De seguida, com o processo de industrialização e a introdução dos caminhos-de-ferro futuros, os limites urbanos foram-se estendendo até à estação de Santa Apolónia.⁸⁰

Ainda era estruturada como território rural.⁸¹ Com o passar dos anos, começa a surgir esta tomada da entrada oriental da cidade, com as populações operárias.⁸²

⁷⁹ Margarida Reis e Silva, 'Pátios e Vilas de Marvila e Beato: Modos de Vida de Um Movimento Antigo', *Cadernos Do Arquivo Municipal*, 2016, pp. 143–70.

⁸⁰ Cristóvão Pereira, Sérgio Vicente, and Telmo Lopes, 'Á Procura Do Centro: Marvila', *On the W@terfront*, 2005, 18–29.

⁸¹ *Ibidem*

⁸² *Ibidem*

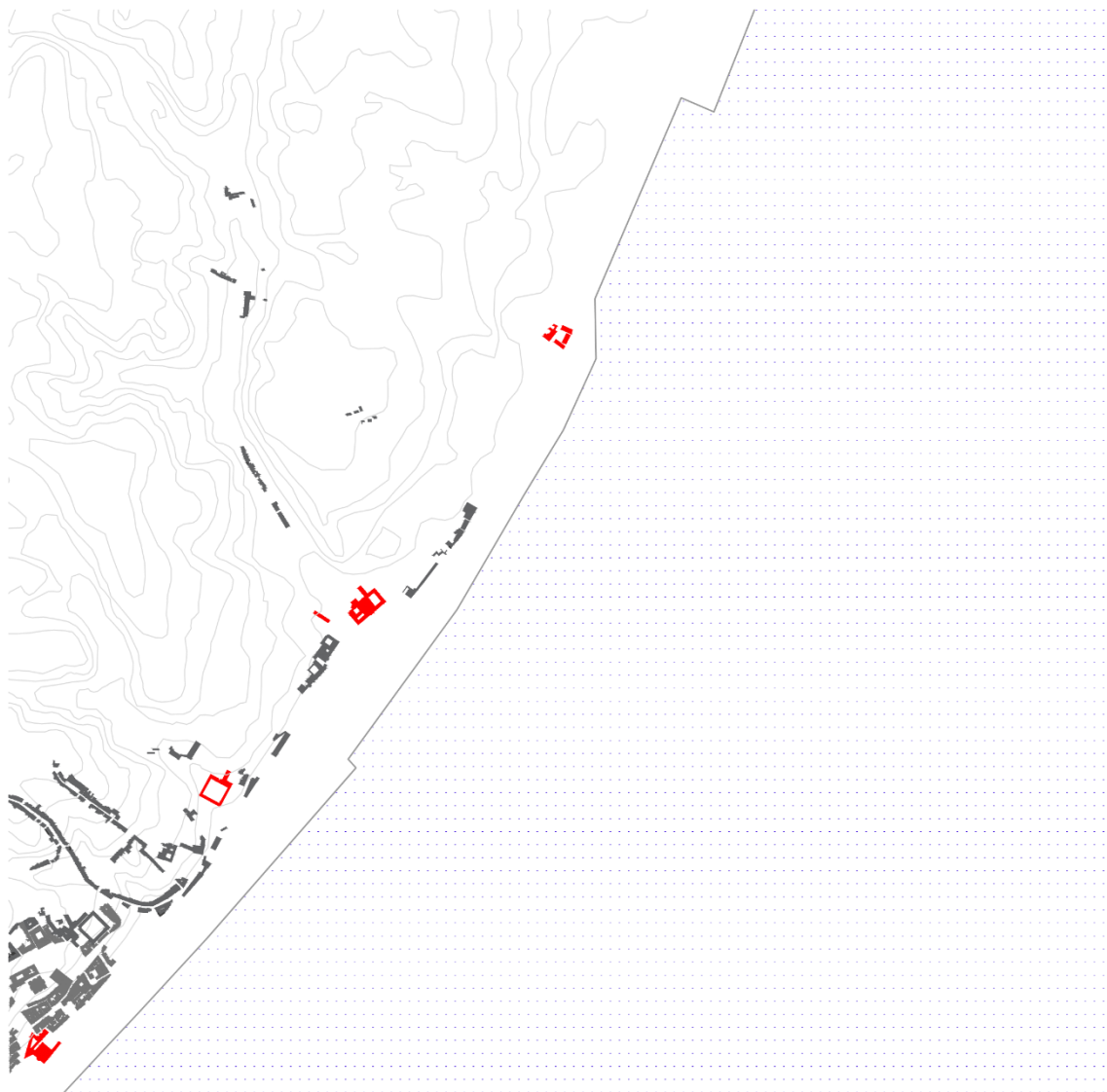


Figura 7- Planta Malha Séc. XIX- Escala 1:20000

A figura 7 demonstra, no séc. XIX, como as fábricas começaram a crescer no vale de Alcântara.⁸³ As freguesias de Marvila e Beato começaram a sofrer também transformações.

Com este acréscimo de fábricas na zona de Lisboa, houve uma necessidade de albergar a população operária, como já referido anteriormente, necessidade esta que ia aumentando de dia para dia.

Os moradores vindos do meio rural começaram a espalhar-se no espaço oriental da cidade. De Marvila ao Beato, começaram a reaproveitar pátios, logradouros de prédios, construindo pequenas “células” habitacionais.⁸⁴

Com isto, o tecido urbano vai continuar a sofrer uma expansão por contiguidade infraestrutural⁸⁵, que vai realojar ainda mais população operária e fazer crescer o local.

⁸³Margarida Reis e Silva, ‘Pátios e Vilas de Marvila e Beato: Modos de Vida de Um Movimento Antigo’, *Cadernos Do Arquivo Municipal*, 2016, pp. 143–70.

⁸⁴ *Ibidem*

⁸⁵ Sofia Morgado, ‘Lisboa, Um Território Em Formação’, 2015.

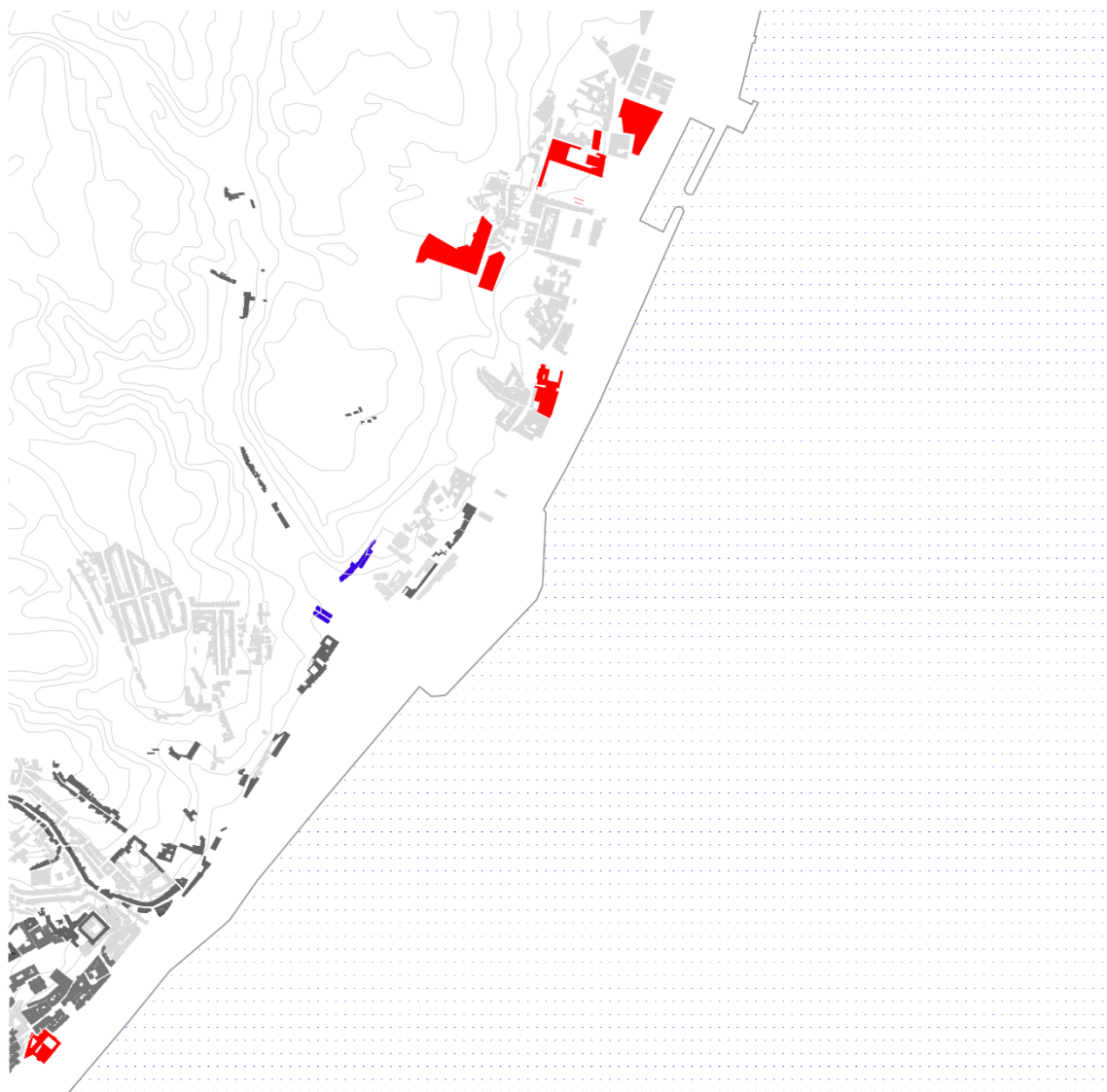


Figura 8- Planta Malha Séc. XX- Escala 1:20000

Na figura 8, podemos observar progressivamente o espaço rústico a urbanizar-se e consolidar-se.⁸⁶ Contudo, a zona de Chelas permanece como uma “grande bolsa vazia face ao edificado interligado da cidade”⁸⁷ Esta parte do território mantém a tradição rural, com as antigas quintas, aproveitando ainda os miradouros e as culturas hortícolas pelas encostas.⁸⁸

No final do século XIX/início do século XX, a população migrante para trabalhar nas novas indústrias começa a aparecer, procurando melhores condições de vida. Esta população, vinda do anterior, tinha uma clara “feição rural, transmitida de gerações em gerações.”⁸⁹

Em meados do século XX, é esta a realidade: nova população para se empregar nas fábricas, o que derivou no crescimento da população, e com isso, a necessidade a albergar população.

No início da década de 1970, foi criado o realojamento do Bairro Chinês em Marvila, que consistia numa operação urbana de grandes dimensões, bairro de autoconstrução.⁹⁰

Verifica-se assim, um acréscimo muito significativo na área entre 1911 e 1950,⁹¹ sendo o pico da habitação operária e da industrialização urbana.

⁸⁶ Sofia Morgado, ‘Lisboa, Um Território Em Formação’, 2015.

⁸⁷ Cristóvão Pereira, Sérgio Vicente, and Telmo Lopes, ‘À Procura Do Centro: Marvila’, *On the W@terfront*, 2005, 18–29.

⁸⁸ *Ibidem*

⁸⁹ Margarida Reis e Silva, ‘Pátios e Vilas de Marvila e Beato: Modos de Vida de Um Movimento Antigo’, *Cadernos Do Arquivo Municipal*, 2016, pp. 143–70.

⁹⁰ João Manuel Teles Rebolo, ‘O Realojamento Do Bairro Chinês Em Marvila Participação e Autoconstrução Como Processo – o Caso da PRODAC(1970-1974) João Manuel Teles Rebolo’, 2016.

⁹¹ Sofia Morgado, ‘Lisboa, Um Território Em Formação’, 2015.

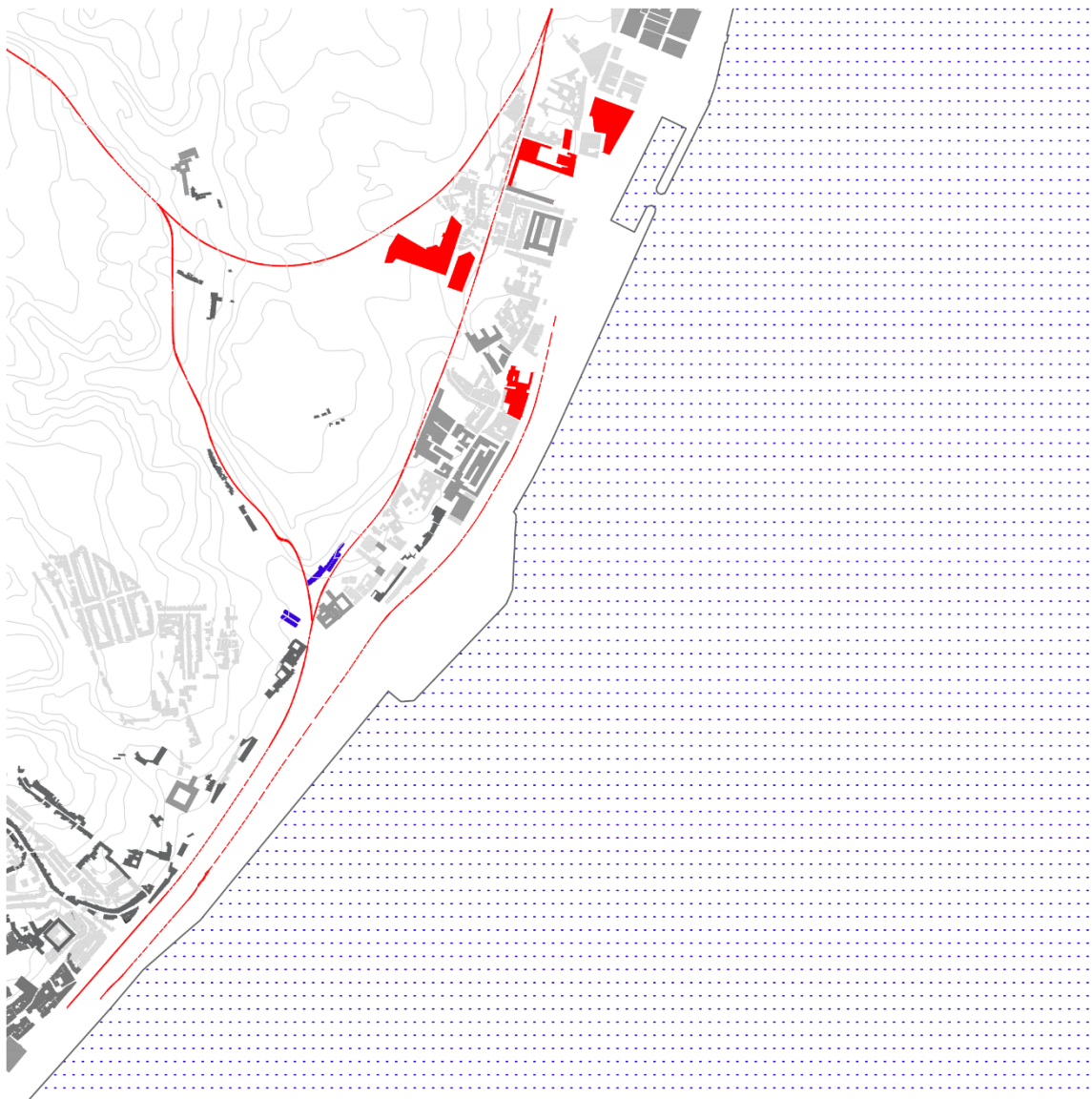


Figura 9- Planta Malha Séc. XXI- Escala 1:20000

Nos dias de hoje, as freguesias de Lisboa perderam o carácter industrial. Contudo, pouco ganharam em vez disso.⁹² Antigas zonas operárias são agora confundidas com o resto da malha urbana, em degradação.⁹³ Existem agora fábricas abandonadas, terrenos baldios, carência de espaço público, etc. Parte da cidade com testemunhos históricos tão fortes, ainda na memória da população de Marvila, agora esquecidos.⁹⁴

Contudo, começa-se a ver um pouco desta realidade a mudar. As fábricas abandonadas a se tornarem em espaços criativos, resgatando o espaço antigo de indústria tradicional. Na figura 9, consegue-se observar o impacto que tem o caminho-de-ferro no local, fazendo uma clara divisão territorial. Também, se consegue observar a quantidade de fábricas abandonadas no local, e como a cidade evoluiu tanto nos últimos séculos.

Com os novos planos propostos para esta zona, o tecido urbano mudará com a ocupação determinante urbana operada, com o Plano de Urbanização de Chelas.⁹⁵ A terceira travessia será também das principais infraestruturas a mudar no local, mudando completamente a paisagem, onde Marvila será a entrada de Lisboa.

⁹² Reis e Silva.Reis e Silva.Reis e Silva.Reis e Silva.Reis e Silva.Margarida Reis e Silva, 'Pátios e Vilas de Marvila e Beato: Modos de Vida de Um Movimento Antigo', <i>Cadernos Do Arquivo Municipal</i>, 2016, pp. 143–70.

⁹³ *Ibidem*

⁹⁴ *Ibidem*

⁹⁵ Sofia Morgado, 'Lisboa, Um Território Em Formação', 2015.

CARTOGRAFIA SOCIAL

A cartografia pode gerar mapas referentes a territórios, regiões e suas fronteiras, demarcações e sua topografia, como, ainda, tratar da distribuição de uma população num espaço, mostrando as suas características sociais, económicas e educação. O mapa como representação de um território e das características duma população é um instrumento fundamental para a leitura social.

Na realização da Cartografia Social da zona de Marvila, foi utilizada a plataforma online ArcGIS Story Maps da ESRI⁹⁶. No mapa, *online*, foram inseridas notas, manchas, desenhados percursos, colocadas imagens, e outra informação relevante para caracterizar socialmente Marvila (Figuras 10 a 18). A plataforma de informações geográficas, permitiu geolocalizar a informação disponível pelo ROCK Project - *Regeneration and Optimisation of Cultural Heritage in Creative Knowledge cities* no documento “*Preliminary Study Contextual Framework: Analysis of the main*”.

A plataforma, disponível online a todos, com notas de todos dos bairros de Marvila e a sua correspondente delimitação. Em seguida, segue-se todas as notas colocadas na plataforma, com a sua imagem correspondente (Figuras 10 a 18).

⁹⁶ <https://storymaps.arcgis.com/> (acesso, outubro 2019)



Figura 10- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros

MARVILA-A-VELHA

População Residente: 1714

População e faixa etária:

0-24: 18%

25- 64: 48%

> 65: 35%

Número de membros por família:

1-2 pessoas: 66.3 %

3-4 pessoas: 29.1 %

Níveis acadêmicos concluídos:

Não lê ou escreve: 9%

1º ciclo, básico: 35%

2º ciclo, básico: 14%

3º ciclo, básico: 17%

Ensino Secundário: 12%

3-4 andares: 22%

mais que 5: 5%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 39%

50-100m2: 47%

101-200m2: 14%

Pós-secundário: 1%

Ensino Superior: 6%

Posse de alojamento:

Proprietário: 18.5%

Aluguer: 49.9%

Outros: 31.6%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 9

1919-1945: 19

1946-1970: 37

1971-1990: 1

1991-2000: 1

Depois de 2000: 1

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 73%

>200m2: 0%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 11%

3-4 quartos: 89%

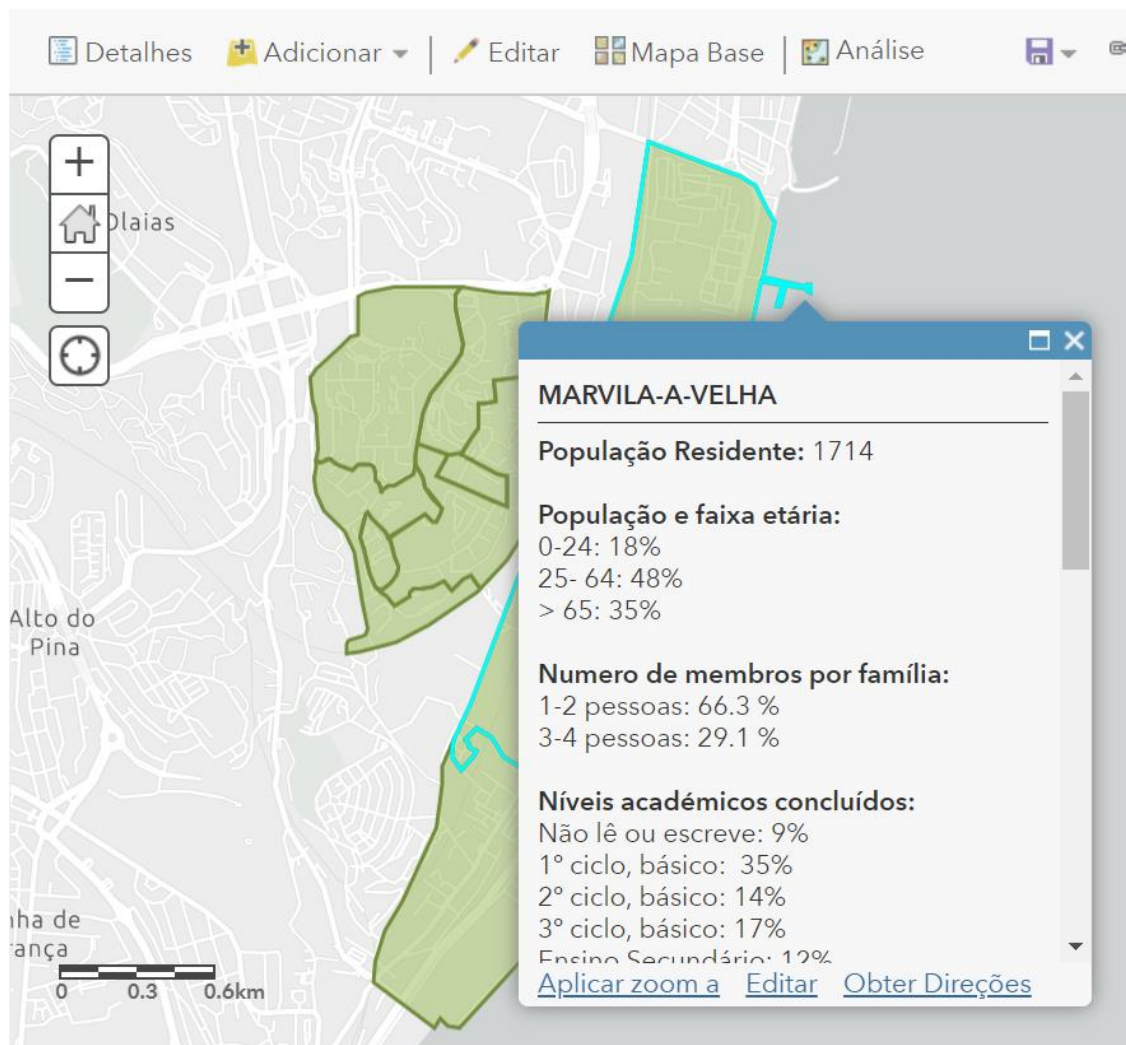


Figura 11- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Marvila-a-velha;

BEATO SUL

População Residente: 1273

População e faixa etária:

0-24: 19%

25- 64: 59%

> 65: 22%

Número de membros por família:

1-2 pessoas: 77.4%

3-4 pessoas: 19%

Níveis acadêmicos concluídos:

Não lê ou escreve: 3%

1º ciclo, básico: 24%

2º ciclo, básico: 13%

3º ciclo, básico: 17%

Ensino Secundário: 16%

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 73%

3-4 andares: 18%

mais que 5: 9%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 34%

50-100m2: 52%

Pós-secundário: 2%

Ensino Superior: 16%

Posse de alojamento:

Proprietário: 14.6%

Aluguer: 46.6%

Outros: 38.8%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 38

1919-1945: 6

1946-1970: 13

1971-1990: 6

1991-2000: 7

Depois de 2000: 1

101-200m2: 13%

>200m2: 1%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 15%

3-4 quartos: 85%

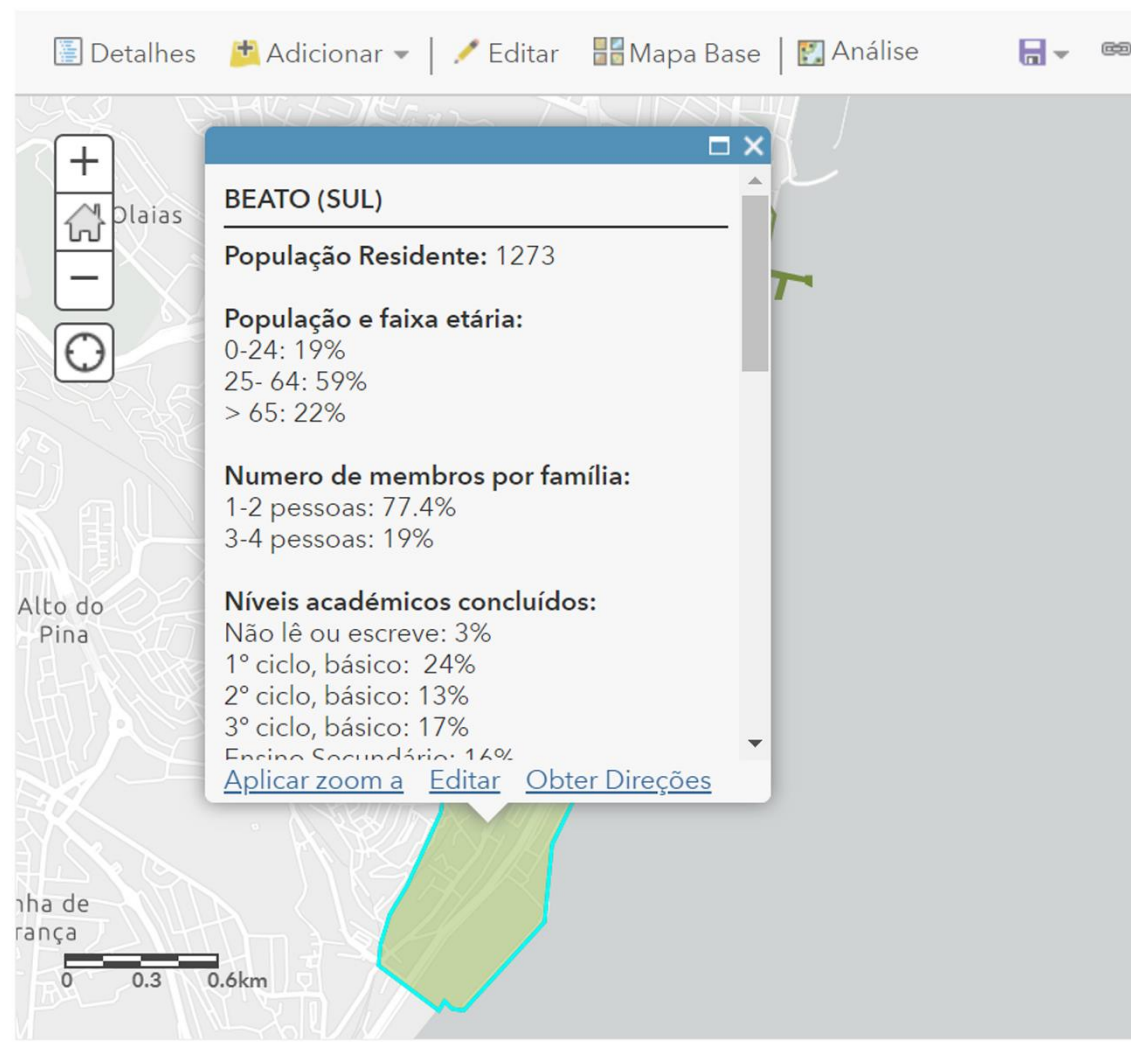


Figura 12- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Beato (Sul);

PRODAC

População Residente: 2025

População e faixa etária:

0-24: 20%
25- 64: 46%
> 65: 33%

Número de membros por família:

1-2 pessoas: 59.5 %
3-4 pessoas: 33.5 %

Níveis acadêmicos concluídos:

Não lê ou escreve: 11%
1º ciclo, básico: 37%
2º ciclo, básico: 14%

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 92%
3-4 andares: 0%
mais que 5: 8%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 17%
50-100m2: 75%

3º ciclo, básico: 16%
Ensino Secundário: 8%
Pós-secundário: 2%
Ensino Superior: 3%

Posse de alojamento:

Proprietário: 32.2%
Aluguer: 49.8%
Outros: 18%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 0
1919-1945: 1
1946-1970: 37
1971-1990: 1
1991-2000: 1
Depois de 2000

101-200m2: 8%
>200m2: 0%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 3%
3-4 quartos: 97%

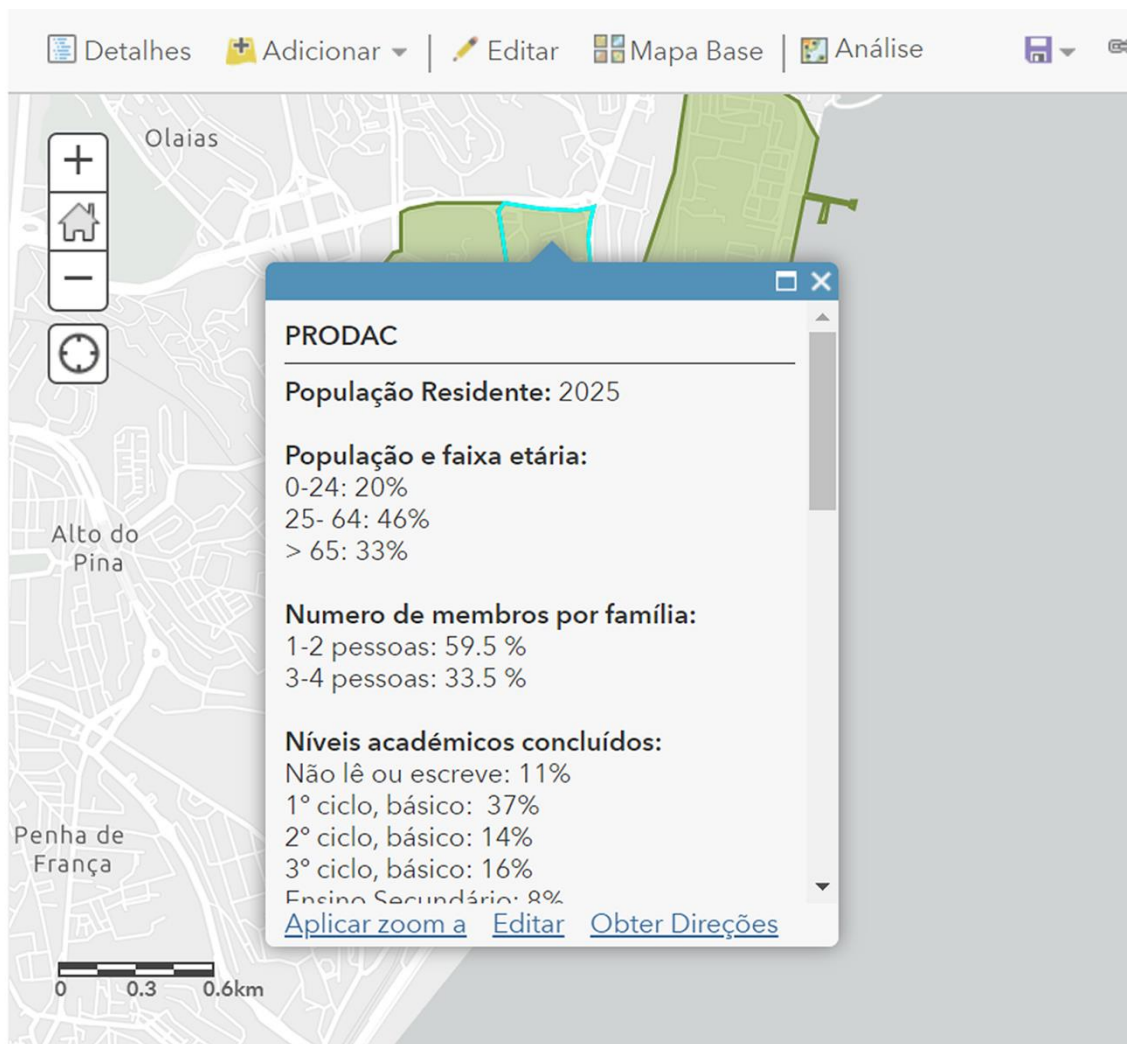


Figura 13- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- PRODAC);

CONDADO ZONA J

População Residente: 3663

População e faixa etária:

0-24: 21%

25- 64: 57%

> 65: 22%

Número de membros por família:

1-2 pessoas: 53.2 %

3-4 pessoas: 36.7 %

Níveis académicos concluídos:

Não lê ou escreve: 6%

1º ciclo, básico: 33%

2º ciclo, básico: 14%

3º ciclo, básico: 16%

Ensino Secundário: 12%

Pós-secundário: 1%

Ensino Superior: 6%

Posse de alojamento:

Proprietário: 22.3%

Aluguer: 60.5%

Outros: 17.3%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 7

1919-1945: 1

1946-1970: 1

1971-1990: 78

1991-2000: 2

Depois de 2000: 19

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 11%

3-4 andares: 8%

mais que 5: 81%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 6%

50-100m2: 73%

101-200m2: 21%

>200m2: 0%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 1%

3-4 quartos: 99%

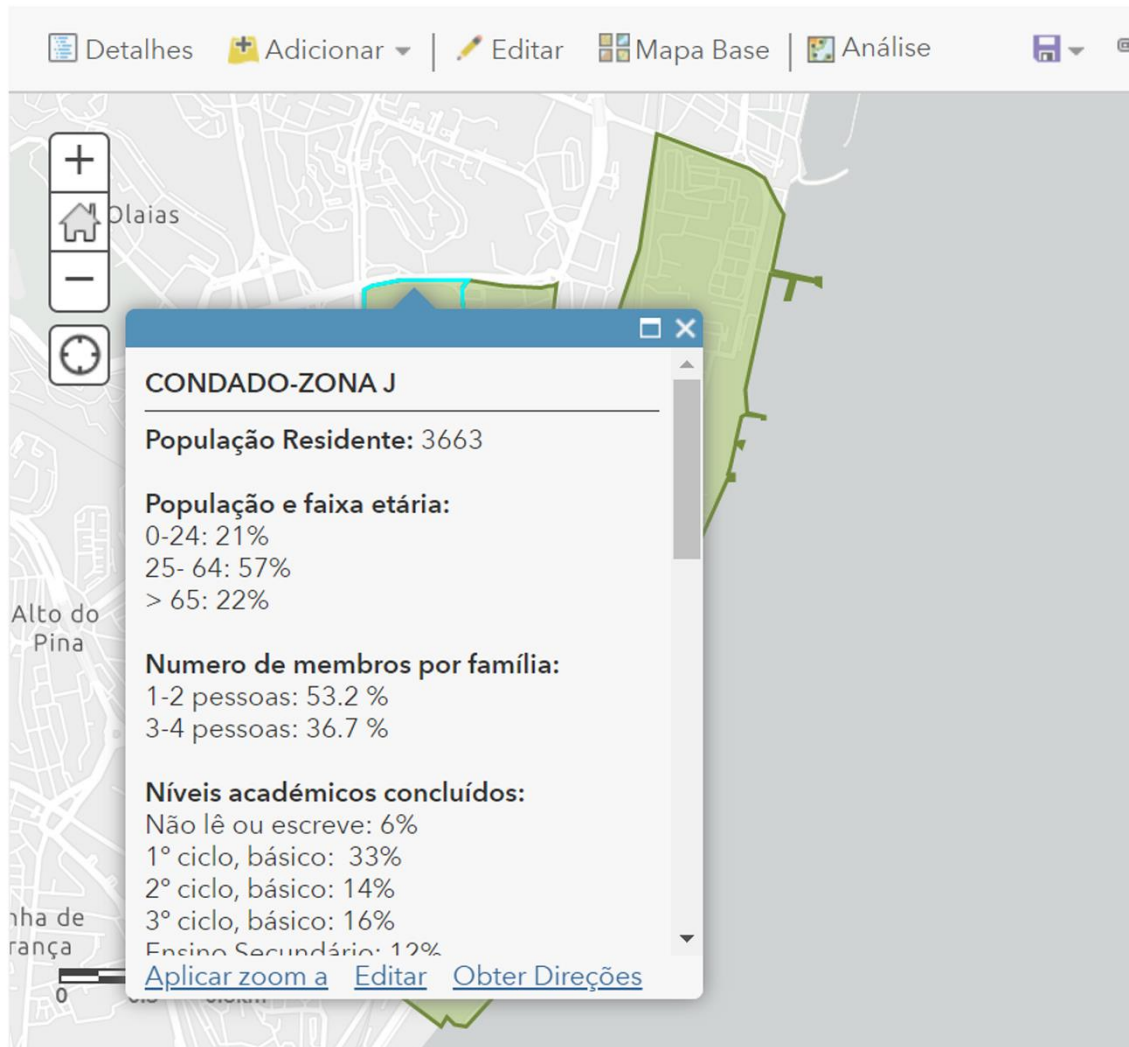


Figura 14- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Condado- Zona J;

MARQUÊS DE ABRANTES

População Residente: 2038

População e faixa etária:

0-24: 32%
25- 64: 54%
> 65: 15%

Número de membros por família:

1-2 pessoas: 50 %
3-4 pessoas: 39.1 %

Níveis académicos concluídos:

Não lê ou escreve: 7%
1º ciclo, básico: 35%
2º ciclo, básico: 19%
3º ciclo, básico: 14%
Ensino Secundário: 6%
Pós- secundário: 1%
Ensino Superior: 3%

Posse de alojamento:

Proprietário: 13.1%
Aluguer: 74.6%
Outros: 12.3%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 1
1919-1945: 1
1946-1970: 6
1971-1990: 4
1991-2000: 92
Depois de 2000: 1

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 10%
3-4 andares: 30%
mais que 5: 60%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 14%
50-100m2: 62%
101-200m2: 14%
>200m2: 0%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 4%
3-4 quartos: 96%

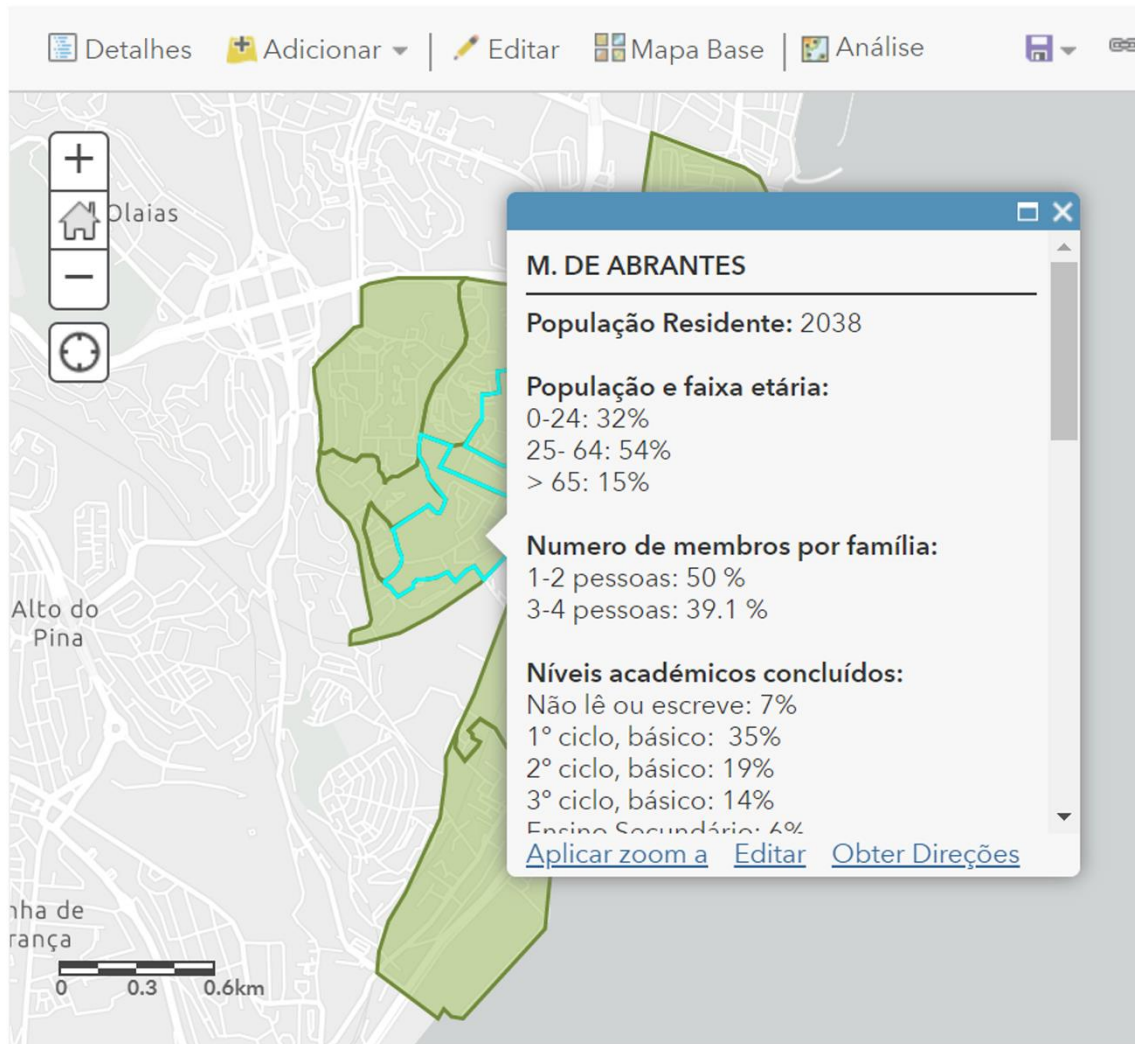


Figura 15- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- M. de Abrantes;

ALFINETES

População Residente: 2589

População e faixa etária:

0-24: 32%

25- 64: 58%

> 65: 10%

Número de membros por família:

1-2 pessoas: 41.5 %

3-4 pessoas: 47.2 %

Níveis acadêmicos concluídos:

Não lê ou escreve: 4%

1º ciclo, básico: 30%

2º ciclo, básico: 15%

3º ciclo, básico: 17%

Ensino Secundário: 12%

Pós- secundário: 1%

Ensino Superior: 6%

Posse de alojamento:

Proprietário: 39.9%

Aluguer: 46.5%

Outros: 19.5%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 1

1919-1945: 1

1946-1970: 1

1971-1990: 30

1991-2000: 56

Depois de 2000: 19

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 4%

3-4 andares: 4%

mais que 5: 92%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 11%

50-100m2: 61%

101-200m2: 28%

>200m2: 0%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 3%

3-4 quartos: 97%

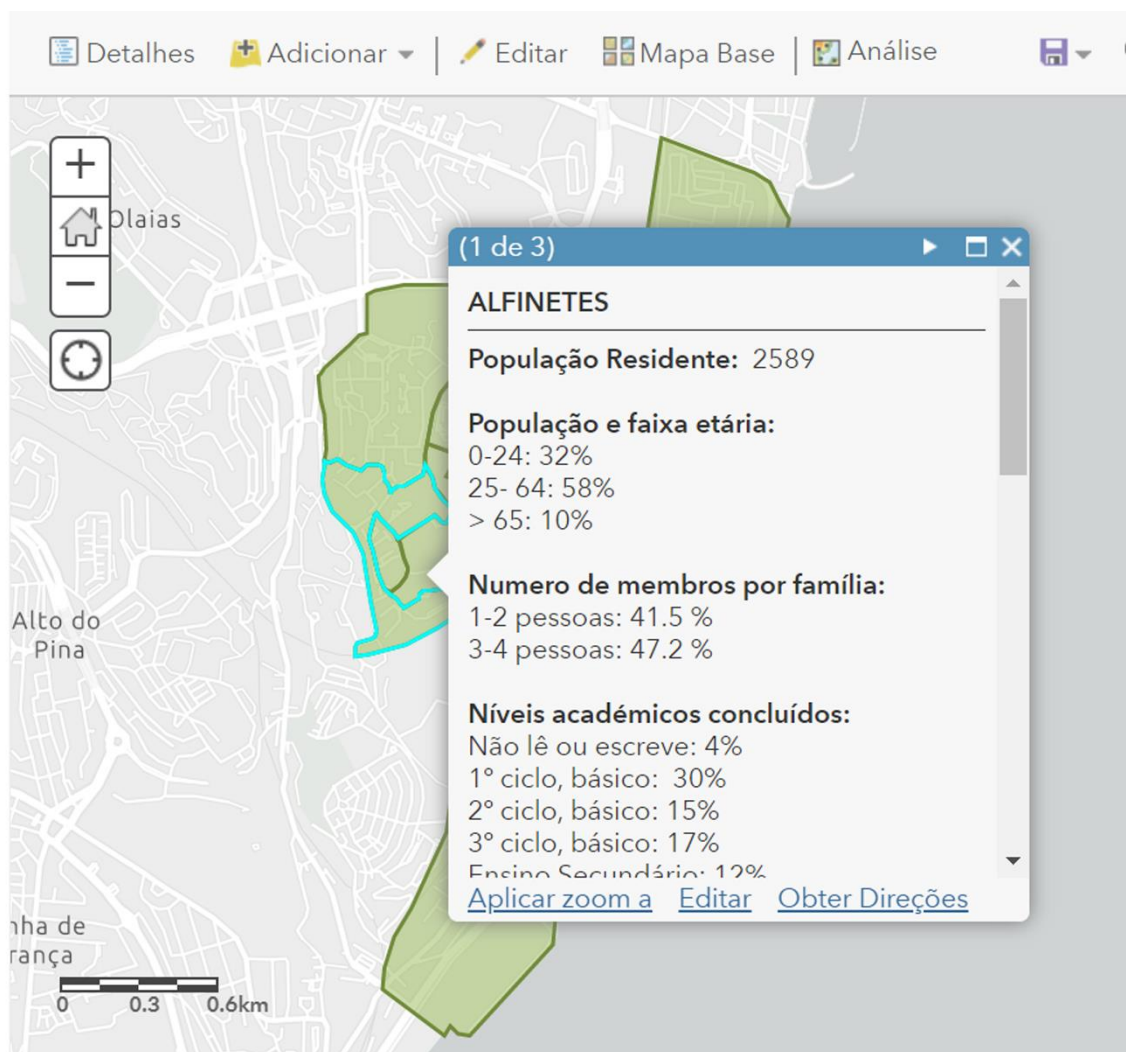


Figura 16- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Alfinetes;

SALGADAS

População Residente: 513

População e faixa etária:

0-24: 24%

25- 64: 56%

> 65: 19%

Numero de membros por família:

1-2 pessoas: 50.0 %

3-4 pessoas: 36.3 %

Níveis académicos concluídos:

Não lê ou escreve: 6%

1º ciclo, básico: 39%

2º ciclo, básico: 14%

3º ciclo, básico: 17%

Ensino Secundário: 7%

Pós- secundário: 2%

Ensino Superior: 3%

Posse de alojamento:

Proprietário: 6.8%

Aluguer: 77.8%

Outros: 15.5%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 1

1919-1945: 1

1946-1970: 1

1971-1990: 100

1991-2000: 1

Depois de 2000: 19

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 0%

3-4 andares: 7%

mais que 5: 93%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 21%

50-100m2: 69%

101-200m2: 9%

>200m2: 1%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 3%

3-4 quartos: 97%

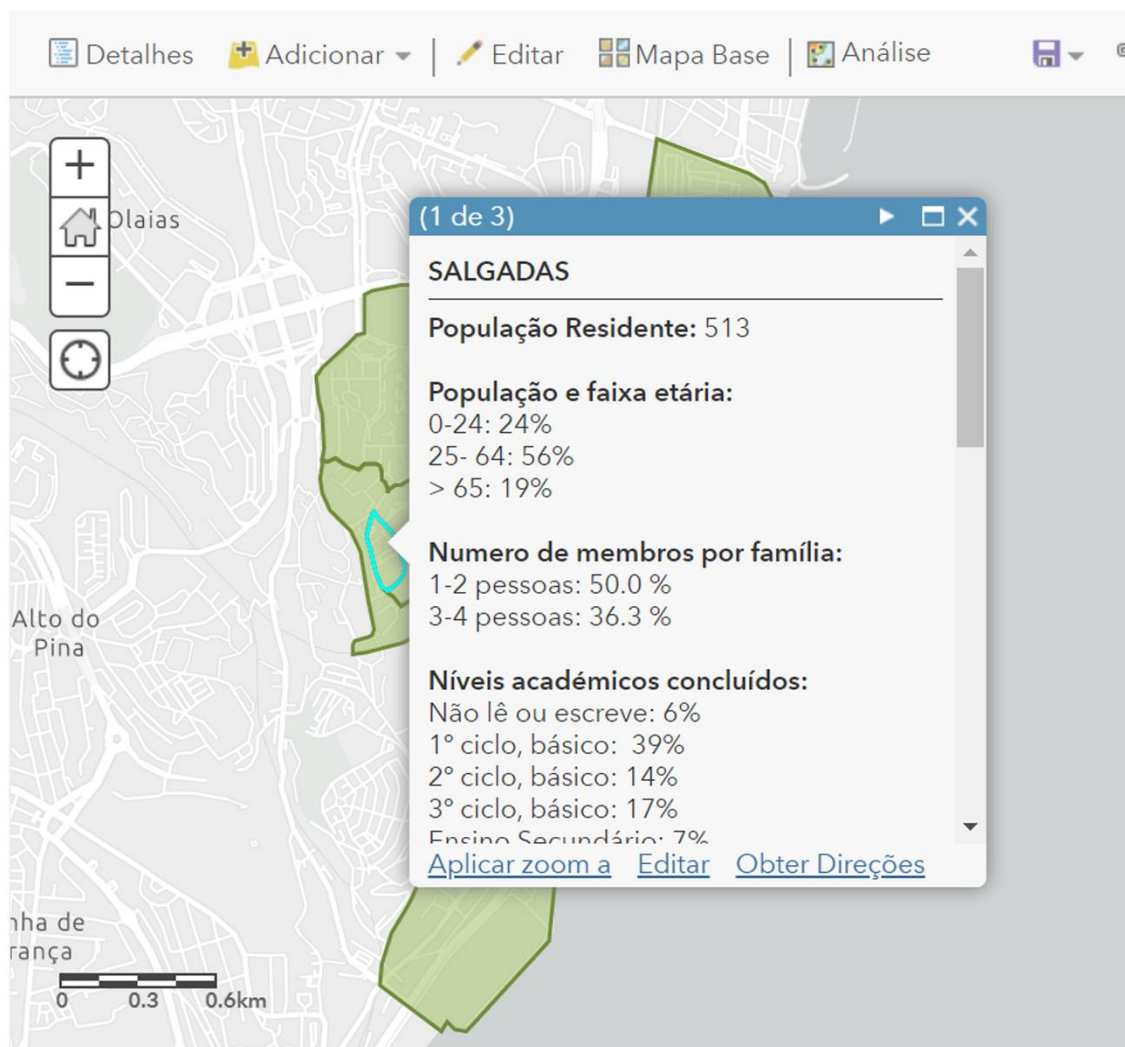


Figura 17- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Salgadas

QUINTA DO CHALÉ

População Residente: 333

População e faixa etária:

0-24: 18%

25- 64: 51%

> 65: 31%

Numero de membros por família:

1-2 pessoas: 66.9 %

3-4 pessoas: 28.4 %

Níveis acadêmicos concluídos:

Não lê ou escreve: 10%

1º ciclo, básico: 42%

2º ciclo, básico: 9%

3º ciclo, básico: 13%

Ensino Secundário: 9%

Pós- secundário: 2%

Ensino Superior: 3%

Posse de alojamento:

Proprietário: 34.9%

Aluguer: 48.8%

Outros: 16.3%

Tendência histórica da construção civil:

Antes de 1919: 1

1919-1945: 1

1946-1970: 12

1971-1990: 89

1991-2000: 1

Depois de 2000: 1

Número de andares por prédio:

1-2 andares: 11%

3-4 andares: 0%

mais que 5: 89%

Dimensões (m2) por habitação:

<50m2: 29%

50-100m2: 72%

101-200m2: 5%

>200m2: 0%

Classificação de nº de quartos por habitar:

1-2 quartos: 4%

3-4 quartos: 96%

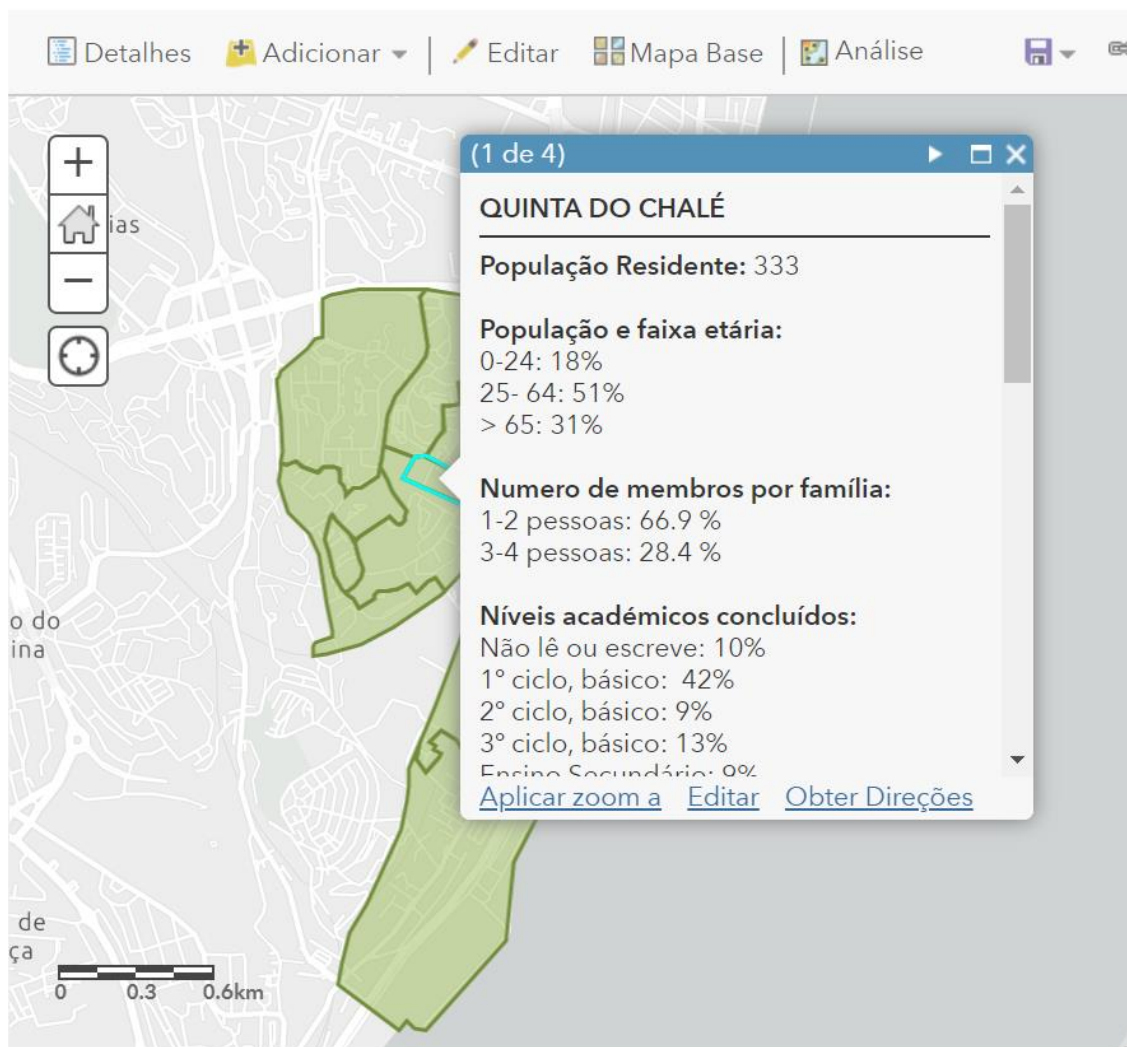


Figura 18- Print-Screen da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Quinta do Chalé;

Com todos estes dados georreferenciados, pode-se observar que em todos os bairros de Marvila, identificados nos projetos ROCK, existem características semelhantes a nível territorial.

Em geral, mais de metade da população destes bairros é população jovem dos 24 aos 64, com idosos em média nos 20 a 30%. Cidadãos com menos de 24 anos variam dos 18% aos 32%. Ainda assim, as percentagens dos idosos e dos jovens > 24 são significativas, tendo a haver uma necessidade de espaços de convívio e de reunião de todos os bairros.

O nível académico concluído é o 1º ciclo básico. Verifica-se, ainda, que existe um grande número de pessoas que não sabe ler nem escrever, principalmente nos bairros da PRODAC e Quinta do Chalé. O nível académico do ensino superior está nos 3%, em geral, exceto no do Beato Sul, que chega aos 16%.

O bairro com mais população é o Condado Zona J, com população de 3663 e o com menor população é o Quinta do Chalé, com 333. Os agregados familiares rondam 1 a 2 pessoas, com a exceção do Bairro dos Alfinetes que ronda as 3 a 4 pessoas.

Em relação a posses de alojamento, os alugueres rondam os 50% nos bairros de Marvila-velha, Beato Sul, PRODAC, bairro dos Alfinetes e na quinta do Chalé, enquanto no

Bairro das Salgadas e no Condado Zona J os números chegam aos 70%.

Em geral, a tendência histórica de cada edifício ronda o séc. XX nos anos 80, com exceção do Bairro dos Alfinetes e do bairro do Condado.

Em relação aos andares de cada prédio, vê-se uma grande diferença para com os outros bairros, nas Salgadas e no Condado havendo por média de 80% mais de 5 andares. Na PRODAC, por exemplo, 90% dos edifícios rondam os 2 andares, ou só piso térreo.

O dado de número de membros por família, é mais notável quando se fala de 1-2 pessoas por bairro, sendo 3-4 pessoas numa escala muito mais reduzida, rondando os 30/40%.

Em suma, com esta cartografia social, obteve-se informações que com uma planta morfológica não é fácil de obter. Conseguiu-se perceber, que em gral, há idosos e crianças que precisam de espaços de convívio, que existem muitas habitações alugadas, que existe bastante alfabetologia para os dias de hoje e que não existem muitos cidadãos com vontade de ingressar no ensino superior.

Tudo isto, poderá ser tomado em conta na altura de realização de projeto prático, criando espaços conscientes para melhorar a qualidade de vida destes cidadãos da metrópole, criando um espaço de qualidade urbana.

CARTOGRAFIA CULTURAL

Na figura 19, podemos observar todos os equipamentos de ensino, culturais e potenciais espaços de utilização cultural, existentes na envolvente da zona de intervenção do concurso da Trienal. Constatase, a ausência de utilização de um conjunto de equipamentos fabris abandonados.

A cartografia cultural evidência da riqueza de história e as oportunidades culturais: museus, galerias, conventos, entre outros.

Neste contexto, destaca-se a Biblioteca Municipal de Marvila, muito perto do local de intervenção, que é mais do que um espaço de leitura, é um ponto de encontro da comunidade ou centro comunitário. Com a escassez de espaços de reunião coletivos, a biblioteca, inaugurada em 2016, tomou lugar em Marvila como um centro de apoio tanto a idosos, como a jovens. Neste, existem inúmeros concertos e atividades diárias que atraem diferentes públicos.

A presença deste equipamento, questiona a pertinência programática definida pela Trienal. Será mesmo necessário um centro comunitário e interpretativo para os cidadãos da metrópole em Marvila?

	Biblioteca		Loja do cidadão
	Escolas		Museus
	Estações		Cemitério
	Galerias		Espaços verdes
	Estádios		Edificado
	Conventos		Fabricas Ativas
	Palácios		Fabricas Inativa
			Caminho-de-ferro



Figura 19- Mapa de Equipamentos, escala 1:80000

BOTTOM-UP

CARTOGRAFIA COLETIVA

A cartografia coletiva, que se apresenta, refere-se ao mapeamento de campos de forças e relações existentes em Marvila. "Um novo cartógrafo"⁹⁷, onde coloca a cartografia como método para expor a realidade, como se estivesse a desfazer um novelo. Deleuze e Guattari, descreve:

*“O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas; (...) Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que sempre volta ao 'mesmo.’”*⁹⁸

Neste sentido, e para suportar o desenho arquitetónico informado pelas necessidades das populações, o projetista necessita cartografar o território de intervenção. A cartografia coletiva que se apresenta, pretende captar a identidade do património intangível e o tangível do território e, assim, entender melhor o contexto dos bairros de Marvila aos olhos dos que a estudam, há vários anos, e da população que os habita. Os resultados desta ação, podem suportar o desenho de uma solução arquitectónica mais coerente com a identidade cultural do território.

Para a sua realização, foi adotada uma abordagem *Bottom-Up*, sendo efetuadas uma série de entrevistas a diferentes atores do território: Arquiteta Joana Braga; Prof. Arquiteto

⁹⁷ Gilles Deleuze, O que é um dispositivo?, 2005

⁹⁸ Gilles Deleuze & Félix Guattari, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed.34, 1995

João Rebolo; Prof. Dr. Roberto Falanga; Prof. Dr. João Martins; Sociólogo Henrique Chaves; Prof. Dr. Rui Telmo Gomes; e uma moradora Cristina Santos.

As entrevistas consistiram em andar pelo território de Marvila, com o auxílio de um smartphone, com a aplicação Minha Rota com *Global Positioning System* (GPS).⁹⁹ A aplicação móvel permitiu criar um mapa interativo, onde foram colocadas notas, imagens, sons, pontos importantes do local, entre outros (Figuras 24, 29, 35, 40, 44 e 49).

Os entrevistados escolheram o local de encontro para a entrevista e o percurso de, aproximadamente, 1h, que terminava no local inicial. Os atores escolheram o itinerário que melhor caracterizava Marvila, mapeando os pontos importantes digitalmente.

A conversa foi estruturada com base 4 em perguntas:

- 1) O que caracteriza Marvila?
- 2) Qual é o papel do Ator no Território?
- 3) O que é um centro comunitário para este local?
- 4) A longo prazo, com tantos projetos a decorrer em Marvila, que impacto terá o centro comunitário na comunidade?

⁹⁹ Viana and CarvaDavid L Viana and Isabel C Carvalho, ‘O Estudo Da “ Forma - Dinâmica ” Urbana Através Do Mapping de Dinâmicas Sociais e Da Apropriação Espacial E’, 4.May (2016), 29–42.



Figura 20 e 21: Arquiteta Joana Braga, Topias Urbanas (fonte: <https://topiasurbanas.wordpress.com/author/topiasurbanas/>)

A primeira entrevista foi realizada no dia 9 de janeiro, à Arquiteta Joana Braga, investigadora no ISCTE-IUL e doutoranda em Arquiteta dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos.¹⁰⁰ A sua investigação baseia-se no estudo de atividades artísticas e urbanas em diferentes áreas de Lisboa.¹⁰¹ No caso de Marvila, coordenou um projeto artístico chamado Topias Urbanas, em 2017, habitando o território de Marvila durante 10 meses (figura 21).

“O projeto de investigação urbana denominado Topias Urbanas que desenhei e desenvolvi com o apoio de um conjunto de investigadores e artistas, resultou de um convite da equipa de direção artística do Teatro Maria Matos. A proposta foi no sentido do desenvolvimento de um projeto artístico duracional que se relacionasse com esta parte da cidade e com os seus moradores, deixando carta aberta para tudo o resto. (...) Topias

¹⁰⁰ ‘Joana Braga - Currículo - Ciência-IUL - ISCTE-IUL’.

¹⁰¹ *Ibidem*

Urbanas procurou mapear e interrogar as múltiplas camadas deste lugar, usando diferentes linguagens e suportes como a fotografia, a imagem em movimento, a caminhada, a performatividade e a escrita como suportes destas cartografias”¹⁰²

A entrevista iniciou-se em frente às ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes e teve a duração de 1h30min (figura 24).

No percurso até à zona ribeirinha, a Joana Braga destaca a diferença de cotas entre as “Duas Marvilas” acentuadas pelo caminho de ferro. Marvila é caracterizada por “uma fragmentação do espaço e por fraturas sucessivas”¹⁰³ construindo pedaços de cidade e modos de habitar muito diferentes no território.

À medida que a entrevista progrediu, foi-se destacando edifícios importantes para o território, como a Sociedade Nacional de Sabões (Figura 22) bem como, da grande dinâmica imobiliária, com vendas de propriedades para grupos internacionais na Marvila Velha. Desabafando que os espaços urbanos podem vir a melhorar, contudo, os moradores poderão a vir a ser expulsos, levando a uma violência urbana.

Falou-se dos inúmeros espaços abandonados, hortas urbanas (Figura 23) e do potencial do local: as Galerias de Arte, as fabricas a serem reabilitadas, os novos estúdios de cinema, cervejarias, entre outros, levando à questão do centro comunitário e do impacto que poderá vir a ter:

“(...) acho que é interessante que acolha a realidade nova. (...) Podia ser, quase utopicamente, um sítio onde se podiam cruzar as realidades todas. (...) Por um lado, criar um conjunto de programas, que interessem estes novos habitantes, artistas, ... e também aos antigos moradores.”¹⁰⁴

¹⁰² Excerto retirado do Anexo: Entrevista Joana Braga.

¹⁰³ *Ibidem*

¹⁰⁴ *Ibidem*

Ao mesmo tempo que se cria um espaço comunitário, tem-se de ter em conta a Biblioteca de Marvila, já um centro de referência comunitário da zona, não muito longe do local de intervenção proposto pela Trienal de Arquitetura de Lisboa. Em suma, a Arquiteta descreve a zona de Marvila como um território pouco “cozido” em termos urbanos, um local com má fama sem necessidade, um local com história e potencial.

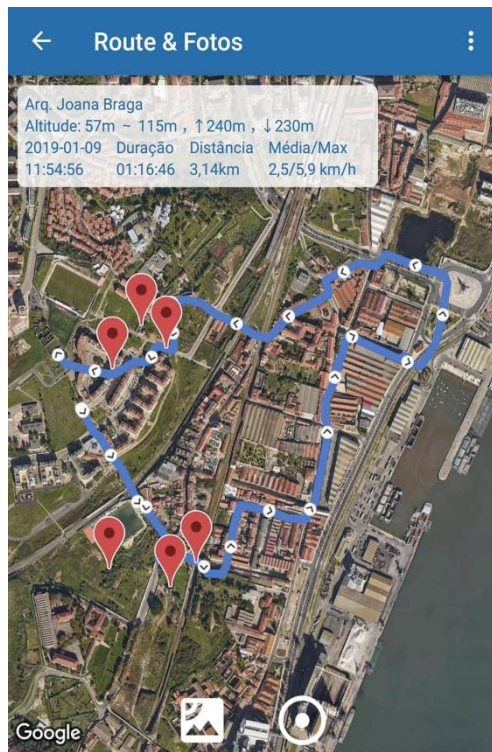


Figura 22, 23- Marvila, fotografado pelo autor;

Figura 24- Print-Screen do percurso da plataforma MinhaRota- Arq. Joana Braga;



Figura 25- Dr. João Rebolo (fonte: <https://www.dinamiacet.iscte-iul.pt/research-team/Jo%C3%A3o-Teles-Rebolo>);

Figura 26- Currículo João Rebolo (Fonte: <https://ciencia.iscte-iul.pt/authors/joao-manuel-teles-rebolo/cv>)

A segunda entrevista foi realizada no dia 9 de Janeiro, ao Arquitecto João Rebolo, investigador no ISCTE-IUL com licenciatura em Arquitectura, na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, com Mestrado de Arquitectura na Universidade Lusíada, e Doutoramento em Arquitectura no ISCTE-IUL, em 2017, com sua investigação em "O Realojamento do Bairro Chinês em Marvila, Participação e Autoconstrução como processo - o caso da PRODAC (1970 a 1974)"¹⁰⁵ (figura 26).

A entrevista iniciou-se, também, em frente às ruínas do Palácio da Quinta dos Alfinetes, com duração de 40min (Figura 29). Contudo, tomou um rumo completamente diferente da entrevista da Arquitecta Joana Braga, dando ênfase ao bairro da PRODAC.

¹⁰⁵ 'João Manuel Teles Rebolo - Currículo - Ciência-IUL - ISCTE-IUL'.

Para João Rebolo, Marvila é caracterizada por espaços não qualificados, ou seja, espaços que sobram da cidade. Acima de tudo, habitação social.

Pôde-se constatar a habitação precária e a história da PRODAC, e que cresceu mais para a zona Sul (Figura 27). Começou-se com a construção de 84 casas, evoluindo para 500 numa outra fase. Tudo clandestino, sendo casas pré-fabricadas, contudo, hoje em dia já se fizeram acréscimos e melhorias, mantendo só a tipologia semelhante ao passado (Figura 28).

Ao contrário da Arquiteta Joana Braga, o Dr. João Rebolo relata não será a melhor ideia misturar todos os bairros, ou todas as idades, dizendo que é muito difícil de prever como a população reagiria.

“Tem uma área de intervenção muito grande. Aqui já há os pequenos núcleos. O que pode acontecer, é que as pessoas não gostem de ir a um centro onde vai toda a gente, onde se podem misturar outras comunidades. (...) Depende da reação das populações. Eu acho que é impossível prever, é muito difícil. Eu diria que naquela localização já não teria tanto impacto na população da PRODAC que já vive a sua vida.”¹⁰⁶

No final da entrevista, na chegada ao Palácio dos Alfinetes, falou-se novamente nos espaços abandonados e da biblioteca ser já um centro comunitário, tendo assim em atenção em fazer um complemento a esta infraestrutura, e não uma competição.

¹⁰⁶ Excerto retirado do Anexo: Entrevista Dr. João Rebolo.



Figura 27 e 28- PRODAC, fotografado pelo autor;

Figura 29- Print-Screen do percurso da plataforma MinhaRota- Prof. João Rebolo;



ROCK

Cultural Heritage
leading urban futures

Figura 30- Dr. Roberto Falanga (Fonte: <https://www.oficina.org.pt/roberto-falanga.html>);

Figura 31- Dr. João Martins (Fonte: <https://pt.linkedin.com/in/jo%C3%A3o-carlos-martins-3942b228>);

Figura 32 - Projeto ROCK (Fonte: project.eu/o-projeto-rock-na-europa/);

Na terceira entrevista, foram entrevistados dois atores importantes para o território de Marvila: Dr. João Martins (Figura 3), sociólogo, e Prof. Roberto Falanga (Figura 30), psicólogo, ambos envolvidos no Projeto ROCK - *Regeneration and Optimization of Cultural Heritage in Creative and Knowledge Cities*, dedicados ao estudo de Marvila e Beato (Figura 32).

A entrevista realizou-se no dia 9 de janeiro, e teve a duração de 1h e 30 minutos, com ponto de encontro na Junta de Freguesia de Marvila, um importante lugar no território. O percurso começou na Av. João Paulo VI, percorrendo a Zona J, o local de intervenção da

vertente Projectal, o bairro das Salgadas, a biblioteca de Marvila, a PRODAC, e terminando no ponto de início (Figura 35).

Ao percorrer a Av. João Paulo VI, foi-se constatando que a estrada é mais um ponto de divisão em Marvila, devido à sua largura e aos veículos não parem para o peão passar.

Na paragem na “Zona J” percebemos a transformação do bairro com a introdução do marketing cultural, que mudou o nome para “Bairro do Condado”, devido à má fama do nome anterior (Figura 33).

Como exposto nas duas entrevistas anteriores, mais uma vez apontam-se os espaços abandonados com enorme potencial e o papel da Biblioteca Municipal de Marvila. Como é o caso da figura 34: um espaço totalmente abandonado junto à zona de intervenção.

Para o centro comunitário e para o seu futuro, segundo o Dr. João Martins e o Prof. Roberto Falanga, é necessário ter cuidado com as competições feitas entre bairros, e a necessidade de criar complementos a Marvila:

“Dr. João Martins: A questão é sempre potencial e não sabemos quais são as transformações, e não sabemos o publico que virá. Em relação ao centro comunitário que seja feito aqui, tem de estar necessariamente ligado aos residentes. Esta área vai ser necessária não só pelos residentes, e é de alguma forma triste, sendo Marvila tão rica em termos históricos. (...) Portanto, acho que a resposta é pensar realmente em quem vive cá, e na história. Têm problemas desde sempre, onde se irá juntar também as transformações lá em baixo, que naturalmente vão ter que subir.”¹⁰⁷

¹⁰⁷ Excerto retirado do Anexo: Entrevista Dr. João martins e Prof. Roberto Falanga.



Figura 33 e 34- Marvila, fotografado pelo autor;

Figura 35- Print-Screen do percurso da plataforma MinhaRota- Dr. Roberto Falanga e Dr. João Martins;



Figura 36-Sociólogo Henrique Chaves (Fonte: <https://www.cics.nova.fcsh.unl.pt/people/collaborators/henrique-chaves/>);

Figura 37- Projeto Rés Do Chão (Fonte: <https://resdochao.org/quemsomos/>);

Na quarta entrevista, o entrevistado foi o Sociólogo Henrique Chaves (Figura 36). Este, está envolvido na associação Rés Do Chão, que trabalha com métodos de investigação para o *empowerment* da população. Tirou o mestrado em Sociologia na universidade NOVA-FCSH e especializou-se em estudos urbanos.

Rés do Chão (Figura 37), é um projeto de regeneração urbana, tendo objetivo a requalificação do património edificado e do espaço público, habitando o rés-do-chão dos edifícios e melhorando o espaço público das comunidades locais.¹⁰⁸

A entrevista teve lugar no dia 12 de janeiro e iniciou-se em frente à Biblioteca Municipal de Marvila, com duração de 1 hora (Figura 40). Percorreu-se os bairros à volta da zona de intervenção da vertente prática, visitaram-se, também, várias lojas que estavam ligadas ao projeto Rés do Chão.

Começou-se por falar na clara divisão territorial de Marvila e dos espaços abandonados, à semelhança dos outros quatro atores, anteriormente, entrevistados.

¹⁰⁸ Ficha D E Candidatura, ‘Programa BIP / ZIP 2018’, 2018.

“Fizemos um mapeamento de todas as lojas que haviam nestes bairros todos, com o objetivo de perceber se estão fechadas, abertas, abertas com o quê, com que tipo de comércio ou serviço, a que horas abriam e a que horas fechavam, entre outros. Depois, também tentamos perceber que tipo de associações haviam cá no território e qual era o tipo de trabalho que faziam. Muitas das associações estão no território há uma década ou duas, e de momento não fazem muitas atividades associativas. Acaba por ser um espaço de convívio entre pessoas mais velhas do bairro.”¹⁰⁹

As associações locais são muito importantes para Marvila. Existem aproximadamente 40 associações na Zona J, e cerca de 10 são para cidadãos de mobilidade reduzida. Isto, desperta outro problema do território: de acordo com o Sociólogo Henrique Chaves, há construções em Marvila e elementos “decorativos” sem sentido, como no caso da Figura 39, perigosos para cegos, e, também, espaços construídos inabitados e vandalizados. Por outro lado, existe o lado positivo de Marvila ter uma população unida, onde os vizinhos se dão bem e se preocupam com a freguesia. Temos o exemplo da Figura 38, que no pátio destes apartamentos são os próprios habitantes a tratar das flores e do espaço verde. Para o Sociólogo, um centro comunitário tem de ter como objetivo de derrubar estas barreiras de “ilhamento” social para todos os bairros se juntarem entre si:

“Tem de ser um espaço pensado para a freguesia, um espaço de encontro, para pessoas de fora como de dentro. O impacto é ir derrubando estas barreiras de “ilhamento” social.

A longo prazo, pode fazer com que se reforcem os transportes públicos, porque de momento não temos muitos. Ter mais acessos. Uma das coisas que os moradores exigem, é que o comboio passe ao fim de semana, por exemplo. (...) Para terminar, ligar o centro com espaços já existentes na cidade, para começarem a olhar para a cidade como sua, e que não se fechem entre bairros.”¹¹⁰

¹⁰⁹ Excerto retirado do Anexo: Entrevista Sociólogo Henrique Chaves.

¹¹⁰ *Idibem*



Figura 38 e 39- Marvila, fotografado pelo autor;

Figura 40- Print-Screen do percurso da plataforma MinhaRota- Sociólogo Henrique Chaves;



Figura 41- Cristina Santos (Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2277626765597111&set=a.157039090989233&type=3&theater>);

Graças ao Sociólogo Henrique Chaves, foi possível contactar Cristina Santos, residente em Marvila, fazendo, assim, a quinta entrevista. Esta, teve lugar no dia 12 de janeiro e o ponto de encontro foi a Biblioteca de Marvila, durou 30 minutos (Figura 44).

Cristina Santos mudou-se para Marvila há 17 anos, relatando que o bairro era referenciado pela criminalidade, e que, infelizmente, ainda hoje tem essa fama.

Conversou-se, maioritariamente, sobre espaço público em geral e da falta dele, em particular. Existe uma grande vontade dos habitantes de Marvila em ter espaços de convívio, que, neste momento, são só cafés do bairro. Não existe um espaço verde, um espaço de encontro de todos os bairros. As crianças brincam nas estradas, e são essas, que na entrevista do Dr. João Martins e do Prof. Roberto Falanga, se descrevem como muito largas e perigosas.

Os parques infantis existentes e os campos de futebol estão sem manutenção e vandalizados, e, como referido na entrevista do Sociólogo Henrique Chaves, o espaço verde é praticamente da responsabilidade dos habitantes. Mais uma vez, sublinha-se a ideia urgente de criar um espaço público de convívio exterior:

“Eu na minha praceta tenho 3 velhotas que têm apoio domiciliário em casa e, de vez em quando, eu costumo ir lá buscá-las a casa e trago-as para a rua durante algum tempo. Uma delas mal consegue andar, a senhora é muito pequenina e tem uma dificuldade enorme, ela também já tem 80 e tal anos. A senhora estava ali sentada com meia perna fora, meia dentro do canteiro no crochet dela, porque não tem um sítio para estar.”¹¹¹

Cristina Santos termina, dizendo que é uma pena haver tantos espaços e edifícios abandonados no bairro, como é o caso das figuras 42 e 43, e que um centro comunitário para esta zona seria uma mais valia para a comunidade. Refere ainda, que teria um ótimo impacto na freguesia, dizendo que se houve-se um espaço comunitário deste género, que de certeza o usaria, tal como toda a gente do bairro.

¹¹¹ Excerto retirado do Anexo: Entrevista Moradora Cristina Santos.



Figura 42 e 43- Palácio dos Alfinetes, Marvila, fotografado pelo autor

Figura 44- Print-Screen do percurso da plataforma MinhaRota- Moradora Cristina Santos;



Figura 45 e 46- Dr. Rui Telmo Gomes, Posicionamentos das entidades Artísticas (Fonte: https://www.iscte-iul.pt/assets/files/2019/02/01/1549015862660_LM_fevereiroo2019_final.pdf);

A última entrevista, foi realizada ao Dr. Rui Telmo Gomes, investigador no ISCTE-IUL, com áreas de investigação em Sociologia da Cultura, Sociologia das Artes e Culturas Juvenis (Figura 45 e 46). Há cerca de 2 ano que está no território de Marvila, no âmbito de um projeto de investigação sobre projetos artísticos em territórios de intervenção ou em zonas excluídas da cidade.

A entrevista foi realizada no dia 12 de janeiro, iniciou-se na Biblioteca Municipal de Marvila, à semelhança do Sociólogo Henrique Chaves e da Moradora Cristina Santos, com duração de 1hora (Figura 49). Dá ênfase às obras do Festival MURO, realizado em 2017, atividades de arte urbana na freguesia de Marvila, que conseguiu atrair pessoas de fora ao bairro. Na figura 47 pode ser vista uma obra do festival. A obra da figura 48, foi realizada por LS, Luís Simões, *graffiter* local, no âmbito do Projeto BIPZIP Ás de Marvila, 2013, onde os moradores colaram os azulejos partidos como sinal de identidade comunitária.

Em relação ao centro comunitário, e à semelhança dos outros entrevistados, o centro comunitário para o Dr. Rui Telmo Gomes, tem de ser um espaço que envolva as pessoas. O que é importante não é uma típica infraestrutura, mas o que as pessoas carecem. Em relação ao espaço de convívio, o Dr. Rui Telmo Gomes relata:

“Eu acho que talvez aquilo que é comum às reivindicações que tenho ouvido por parte das pessoas é a criação de um espaço público organizado, que possa ser um ponto de encontro. Os exemplos que aparecem normalmente são: uma mesa para os velhotes estarem, uma mesa para as senhoras estarem a fazer crochet ou um espaço para as crianças puderem brincar, um campo de futebol por exemplo. O que penso que isso representa é um espaço público cuidado, onde as pessoas se possam cruzar sem ser só nos vazios, ou seja, não ser só em cafés.”¹¹²

¹¹² Excerto retirado do Anexo: Entrevista ao Dr. Rui Telmo Gomes



Figura 47 - Marvila – Festival MURO;

Figura 48 – Marvila - Muro realizado no âmbito do Projeto BIPZIP Ás de Marvila, 2013, fotografado pelo autor;

Figura 49- Print-Screen do percurso da plataforma MinhaRota- Dr. Rui Telmo Gomes

Após as sete entrevistas, foi possível obter uma cartografia coletiva, cultural e social. Com isto, conseguiu-se analisar em primeira mão, não só as infraestruturas e a evolução da cidade, mas tudo que a rodeia, e o mais importante: as pessoas, o imaterial e o intangível.

Partindo das quatro questões iniciais, foi possível chegar a duas conclusões:

- Marvila é vista como um espaço esquecido em Lisboa, com barreiras sociais, visuais e territoriais; um espaço cheio de história que está esquecida, cheio de locais abandonados e hortas clandestinas.

- A biblioteca municipal, a junta de freguesia e o palácio dos Alfinetes são os pontos de referência de Marvila. Cada um deles com um significado identitário diverso.

Sobre a necessidade de construir um centro comunitário e interpretativo, os entrevistados referem, que mais que uma infraestrutura, a nível material, deve haver uma importante relação do espaço com a qualidade de vida das pessoas, ou seja, um ponto de encontro que sirva todos os residentes dos bairros. Para a arquiteta Joana Braga, esse espaço talvez seja estúdios de cinema. Para o Prof. Roberto Falanga, poderá ser um espaço de convívio livre. Para a moradora Cristina Santos, é sem dúvida um espaço verde. Para o Dr. Rui Telmo Gomes, não é no espaço que está a solução, mas sim no seu desenvolvimento.

Dito isto, as questões levantadas são o caminho condutor da reflexão projectal que se segue, vendo que há mais semelhanças do que o diferenças em cada resposta.

Em suma, o que se pretende é um espaço de encontro que promova a qualidade de vida urbana para os cidadãos em Marvila.

Ao reconhecer o facto de que os bairros são o resultado do coletivo, há um grande potencial para a mudança de paradigma na sua construção. Para tal, é necessário que os projectistas entenderem a complexidade dos cenários cultural e social e, assim, contribuírem para a melhoria das condições de vida das pessoas e construção de ambientes mais adequados.

PARTE 2

VERTENTE PROJETUAL

CONCURSO TRIENAL
DE ARQUITETURA : MARVILA

PARTE II- VERTENTE PROJETUAL 102

INTROCUÇÃO 108

MEMÓRIA DESCRITIVA109

DESENHOS TÉCNICOS 113

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO 114

PLANTA COBERTURA 115

PLANTA EDIFICADO 116

ALÇADOS 117

CORTE LONGITUDINAL 119

CORTE TRANSVERSAL 120

PERSPECTIVAS DO EDIFICADO 123

CORTES PERSPECTIVADOS 124

PERSPECTIVAS INTERIORES 126

REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS 131

MAQUETES 137

MAQUETE 1:5000 138

MAQUETE 1:1000 139

MAQUETE 1:500 140

MAQUETE 1:200 141

CONSIDERAÇÕES FINAIS 147

BIBLIOGRAFIA..... 151

ÍNDICE DE IMAGENS 155

ANEXOS 161

INTRODUÇÃO

MEMÓRIA DESCRITIVA

Para o concurso da Trienal de Arquitetura, foi proposta a realização de um centro comunitário em Marvila.

Com a revolução industrial, esta zona de Lisboa foi fruto de experiências no campo de arquitetura, como já relatado anteriormente. Sofreu transformações urbanas, havendo um contraste entre as estreitas azinhagas das antigas quintas com as longas avenidas.

Hoje em dia, tal como dito nas entrevistas, é definida por espaços abandonados, hortas clandestinas e por ser uma zona com alguma criminalidade.

Existem falta de passeios, e por consequente, estradas muito largas. Isto, faz com que a freguesia se divida entre bairros e que não haja convivência entre eles.

Além disto, não existe um único espaço de convívio- um espaço público- sem ser em cafés típicos do bairro. Contudo, os arredores de Marvila estão a sofrer muitas alterações, das quais farão mudar por completo a vivência desta zona (Figura 3 e 4).

Dito isto, optou-se por esquecer um pouco o programa do concurso da Trienal de

Arquitetura, consistindo em espaços designados para espetáculos de dança/teatro e um auditório com capacidade de 500 pessoas, visto que que existe a biblioteca de Marvila a menos de 50 metros, designada para o trabalho comunitário no local.

Optou-se assim, por tentar combater a barreira invisível dos bairros de Marvila, criando um espaço onde todos se pudessem reunir: um espaço versátil, verde, público.

Este edifício, teria uma grande laje de betão, dando uma topografia artificial projetada longitudinalmente na zona de intervenção, ganhando presença juntamente com o declive natural do local: um acréscimo da topografia.

Este edifício, baseia-se na palavra “versátil” onde é dado ao cliente um sistema de placas de madeira flexíveis, para o cliente fazer o interior a seu gosto.

Com isto, espera-se assim que a grande laje, o grande espaço verde e toda a versatilidade do local, dê a Marvila um bom espaço de convívio e acima de tudo, um ponto de encontro desta zona esquecida de Lisboa.

DESENHOS TÉCNICOS



Figura 50- Planta de localização, escala 1:70000

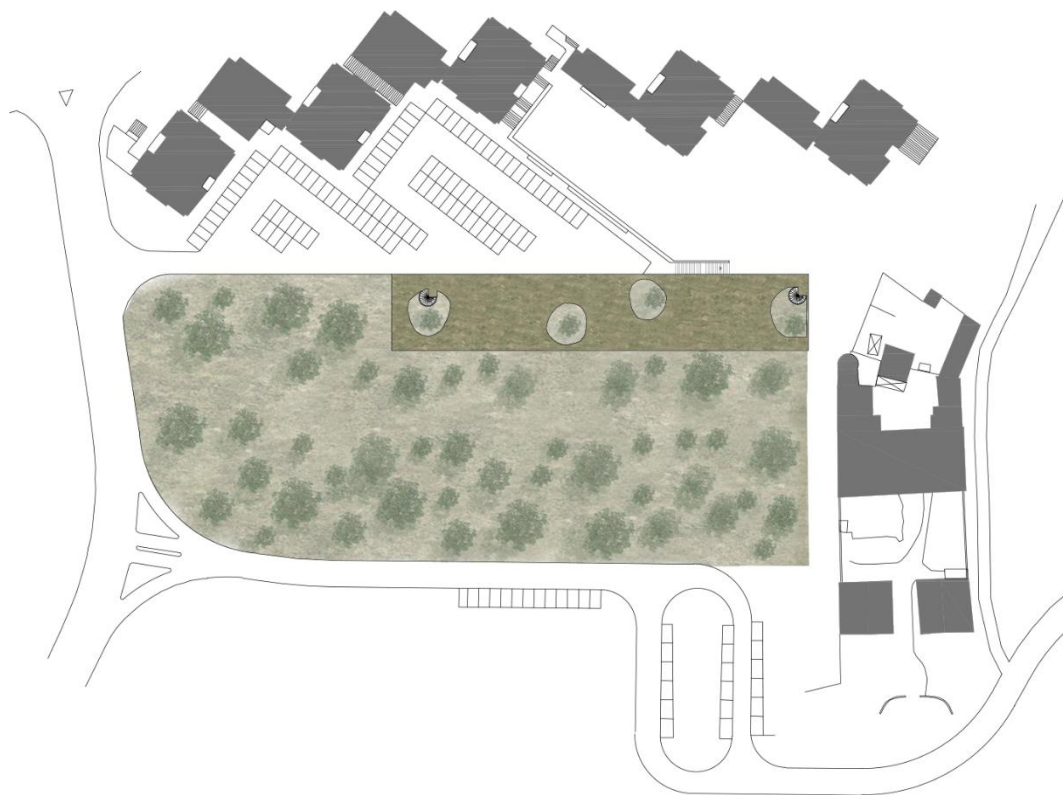


Figura 51- Planta de Cobertura, escala 1:2000

1-Open Space; 2- Zona Avac; 3-WC; 4- Arrumos;

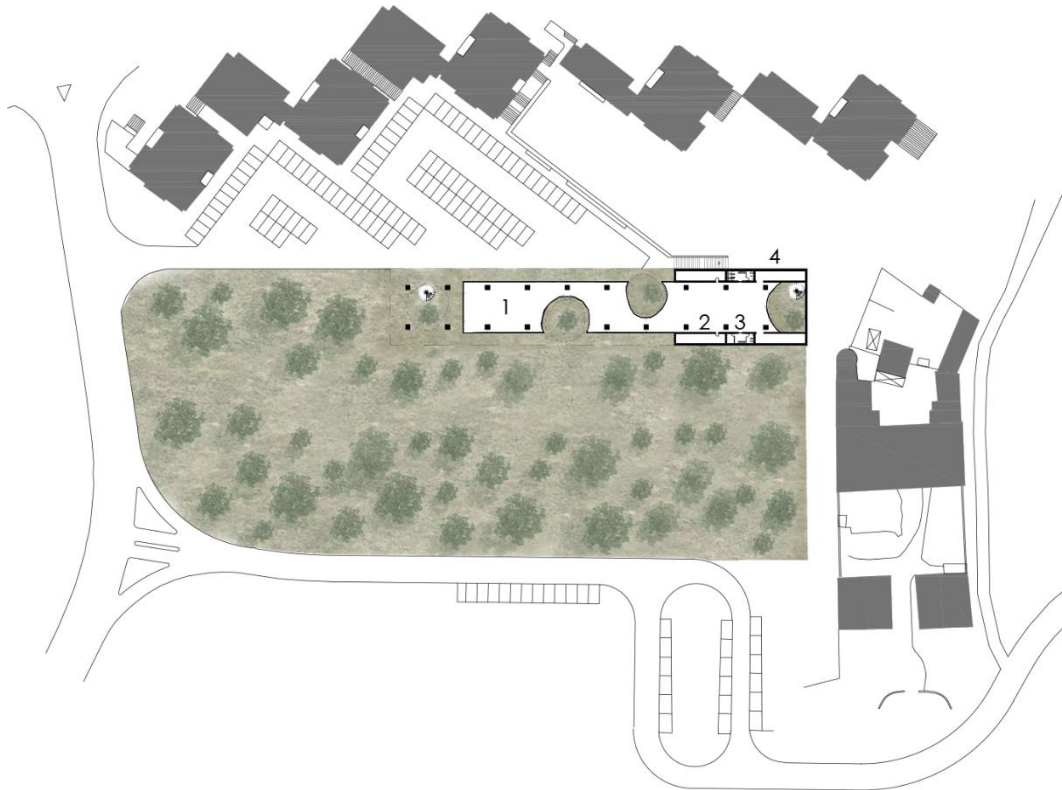


Figura 52- Planta Edificado, escala 1:2000

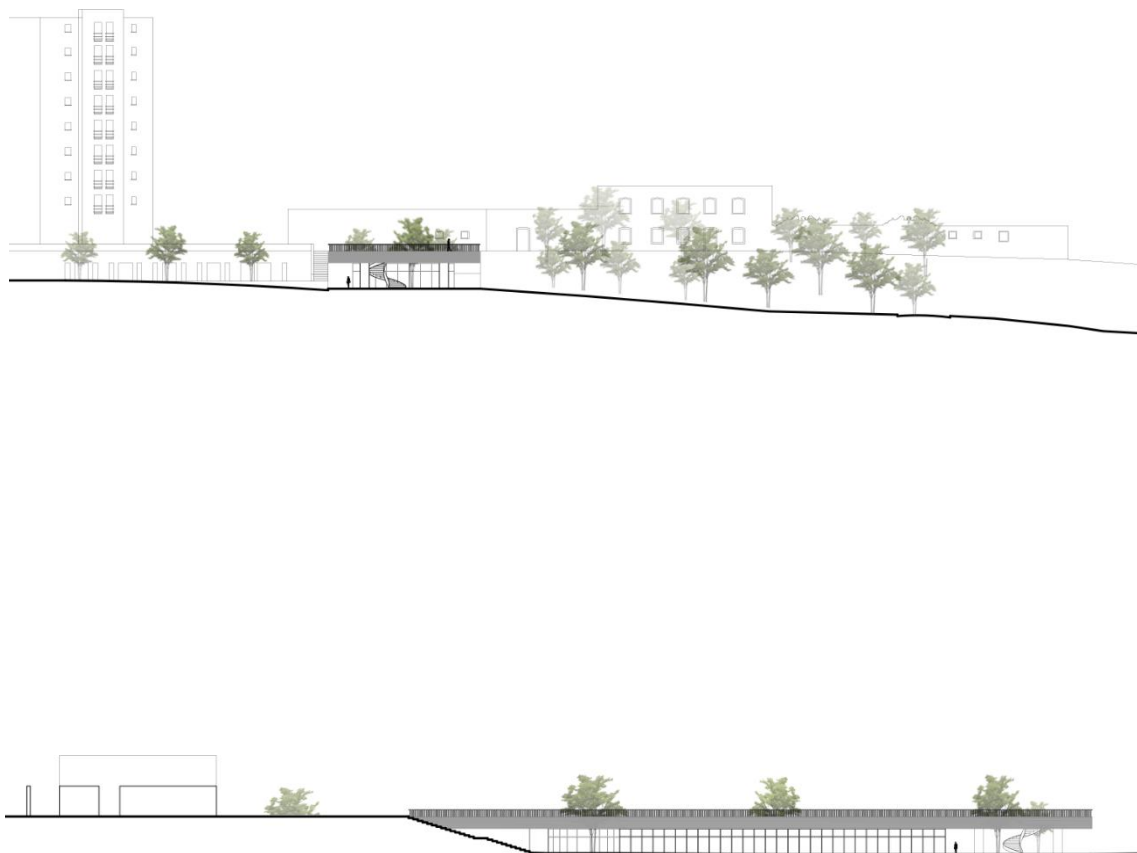


Figura 53 e 54- Alçado Sudeste e Alçado Nordeste, escala 1:1000

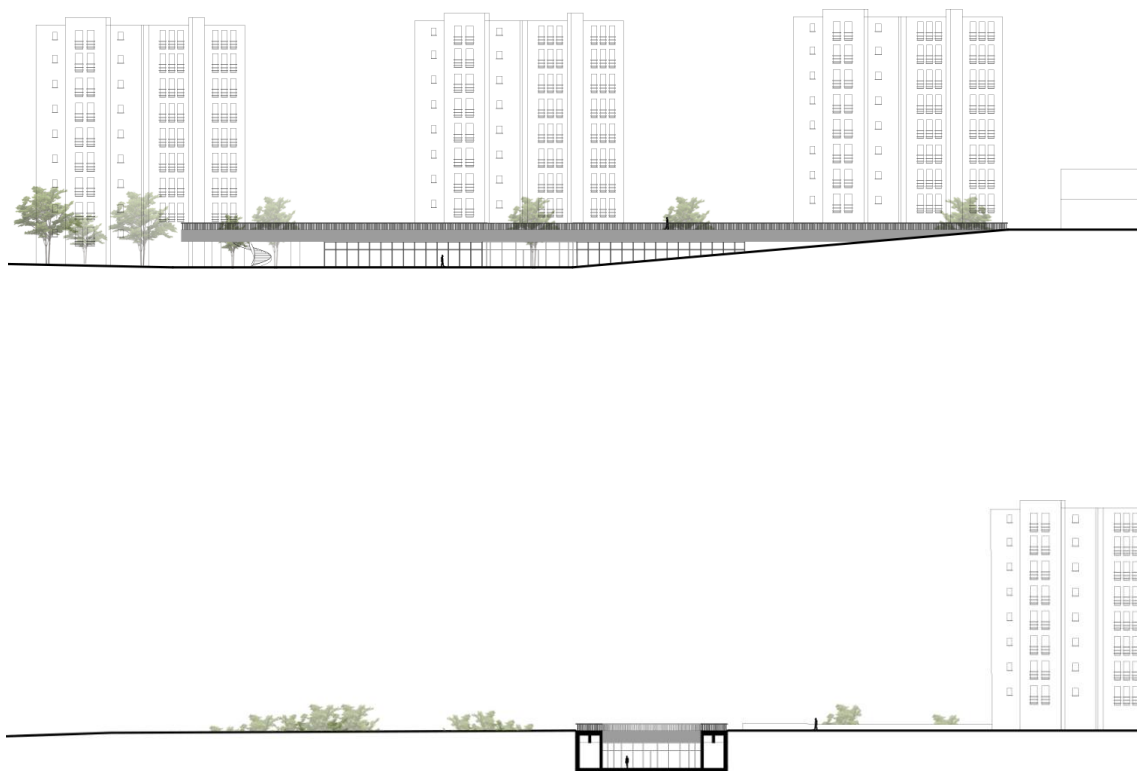


Figura 55 e 56- Alçado Sudoeste e Alçado Noroeste



Figura 57- Corte Longitudinal, escala 1:1000

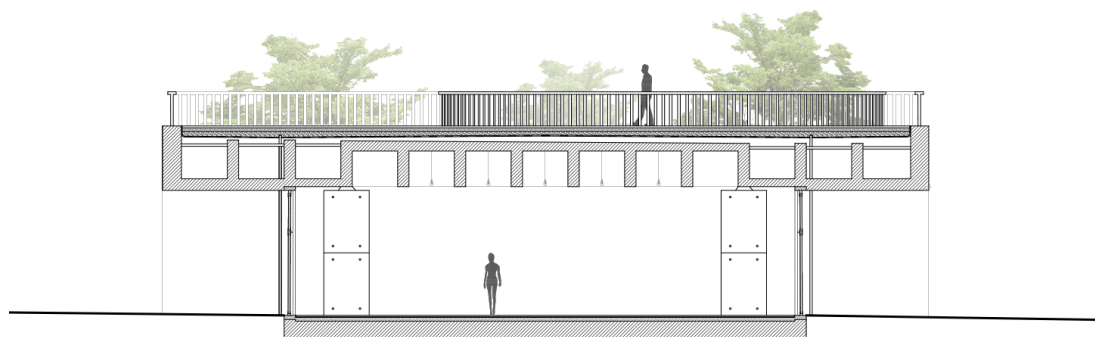


Figura 58- Corte Transversal, escala 1:200

PERSPECTIVAS DO
EDIFICADO



Figura 59- Corte Perspetivado;

/



Figura 60- Corte Perspetivado;



Figura 61- Corte Perspetivado;

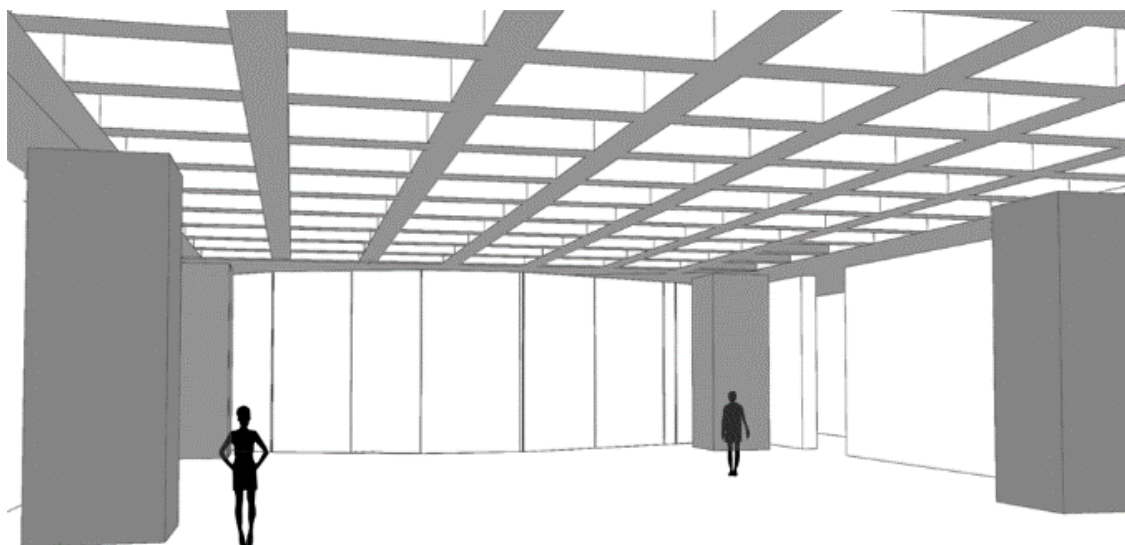


Figura 62- Perspetiva interior;



Figura 63- Perspetiva interior;

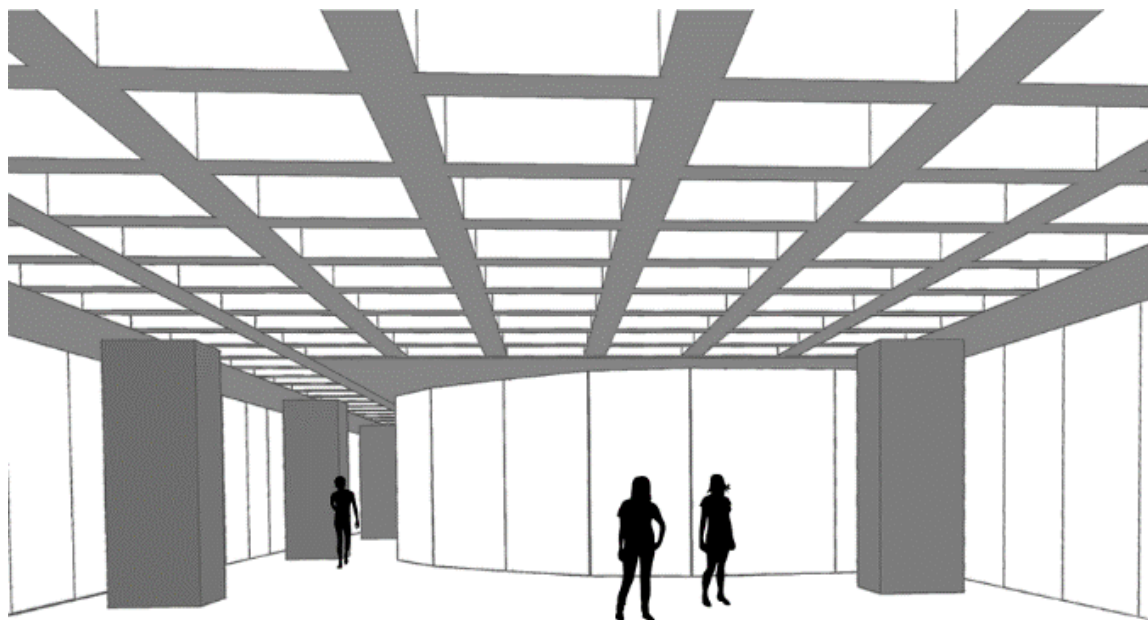
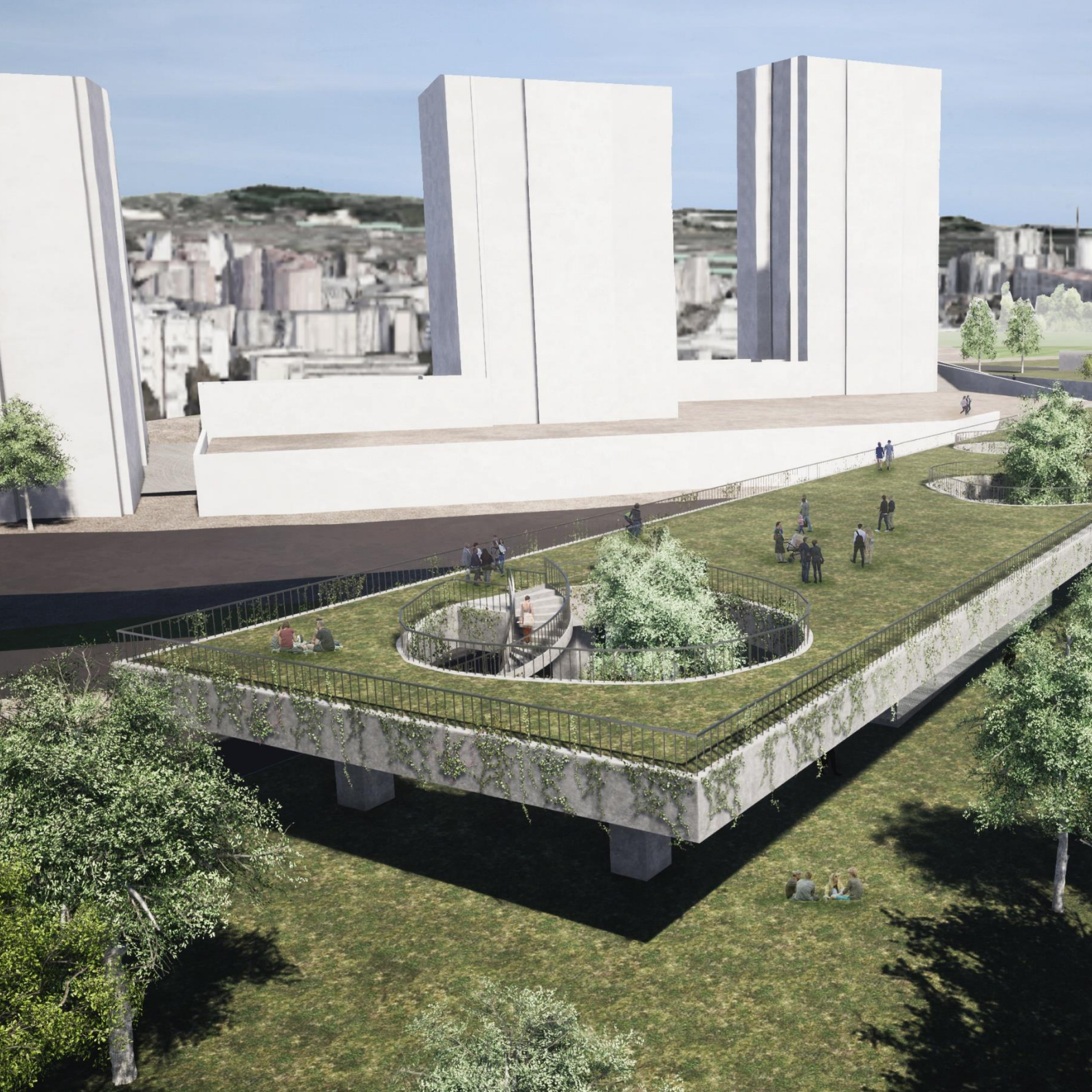


Figura 64- Perspetiva interior;

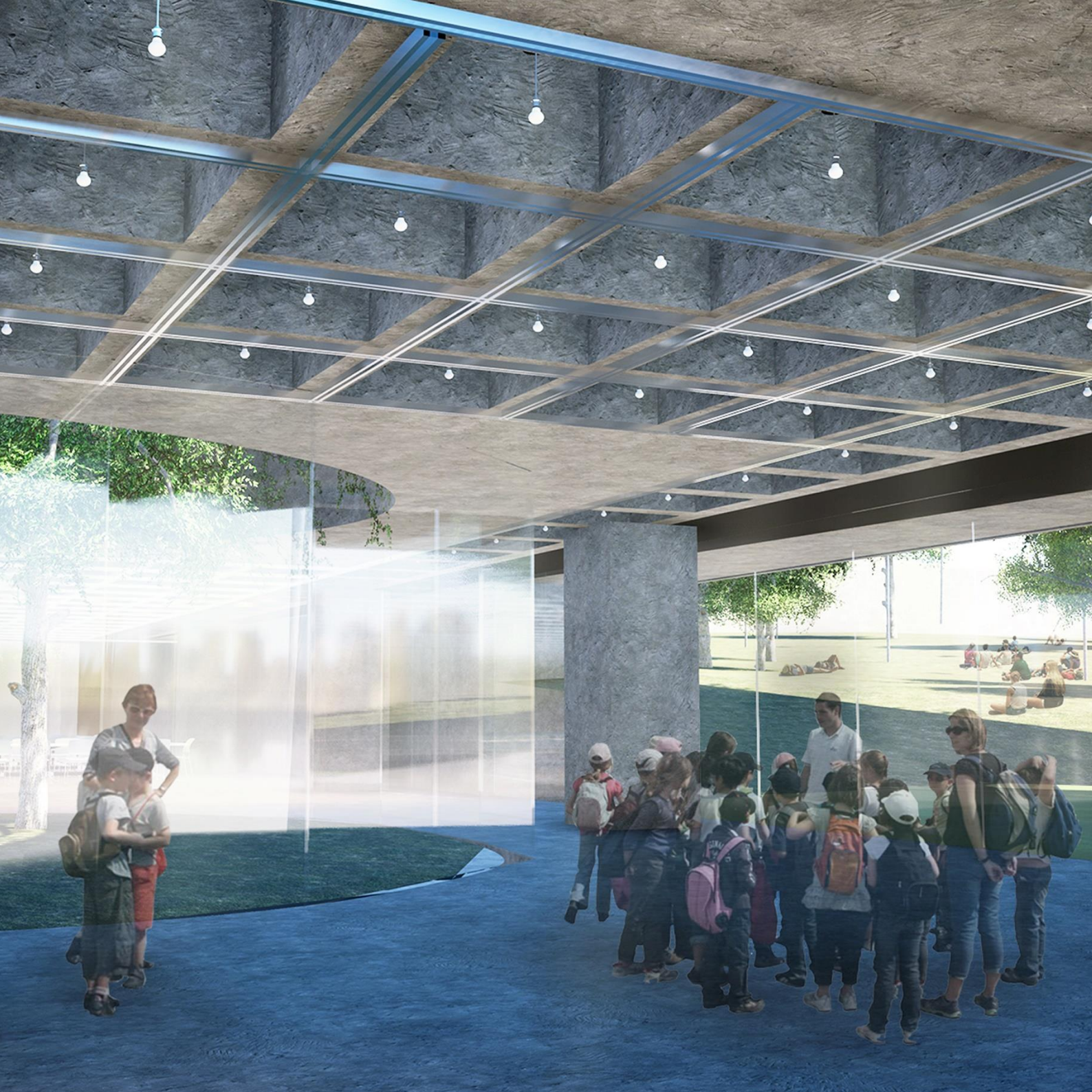
REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS













MAQUETES

Figura 71- Maquete 1:5000;

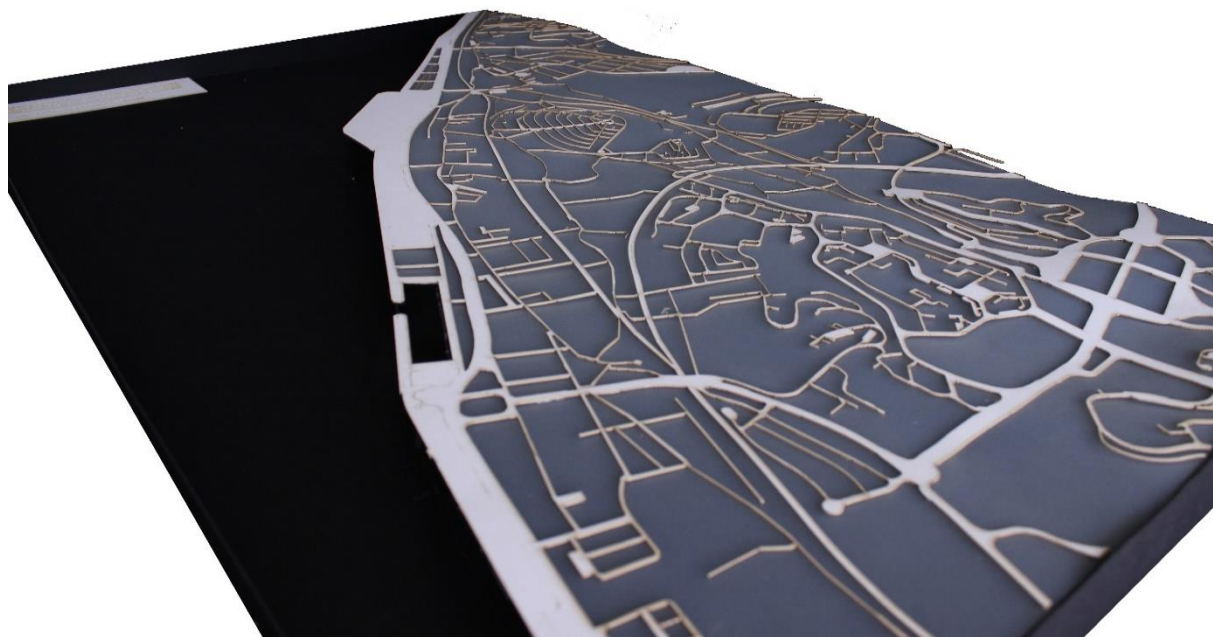


Figura 72- Maquete 1:1000;



Figura 73- Maquete 1:500



Figura 74- Maquete 1:200;



Figura 75- Maquete 1:200;

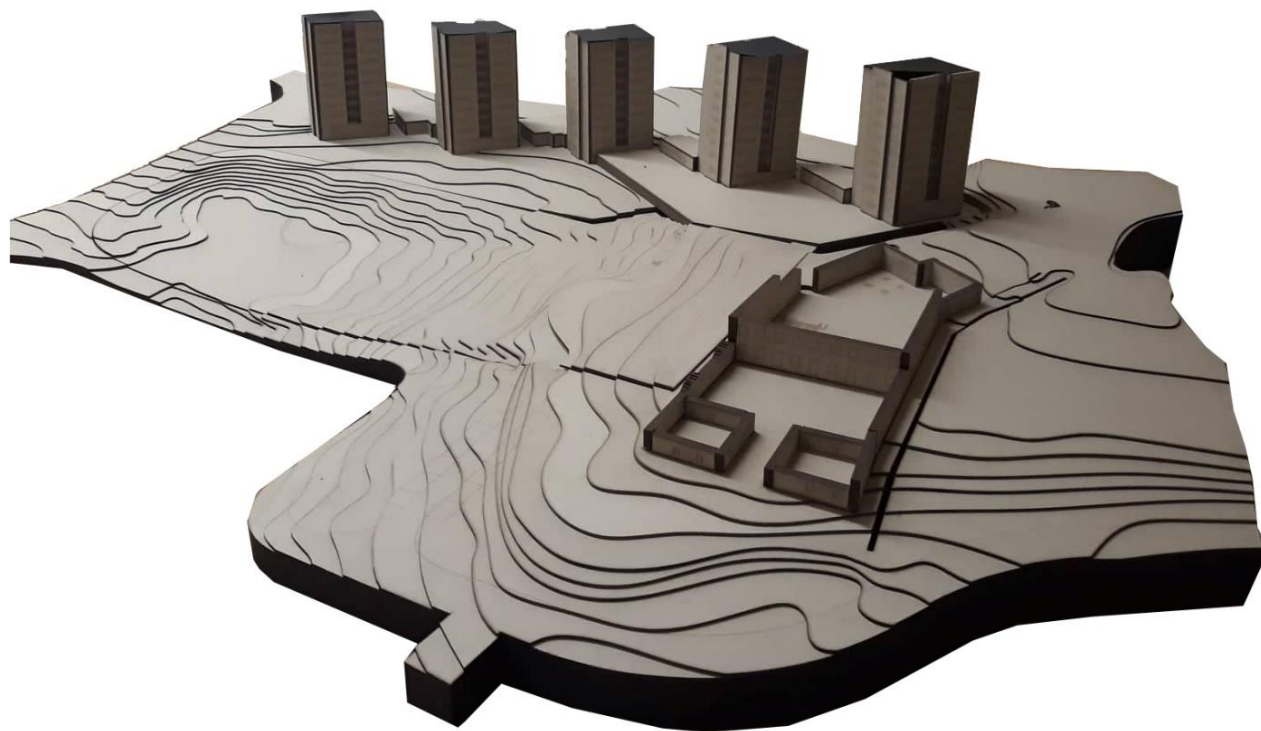
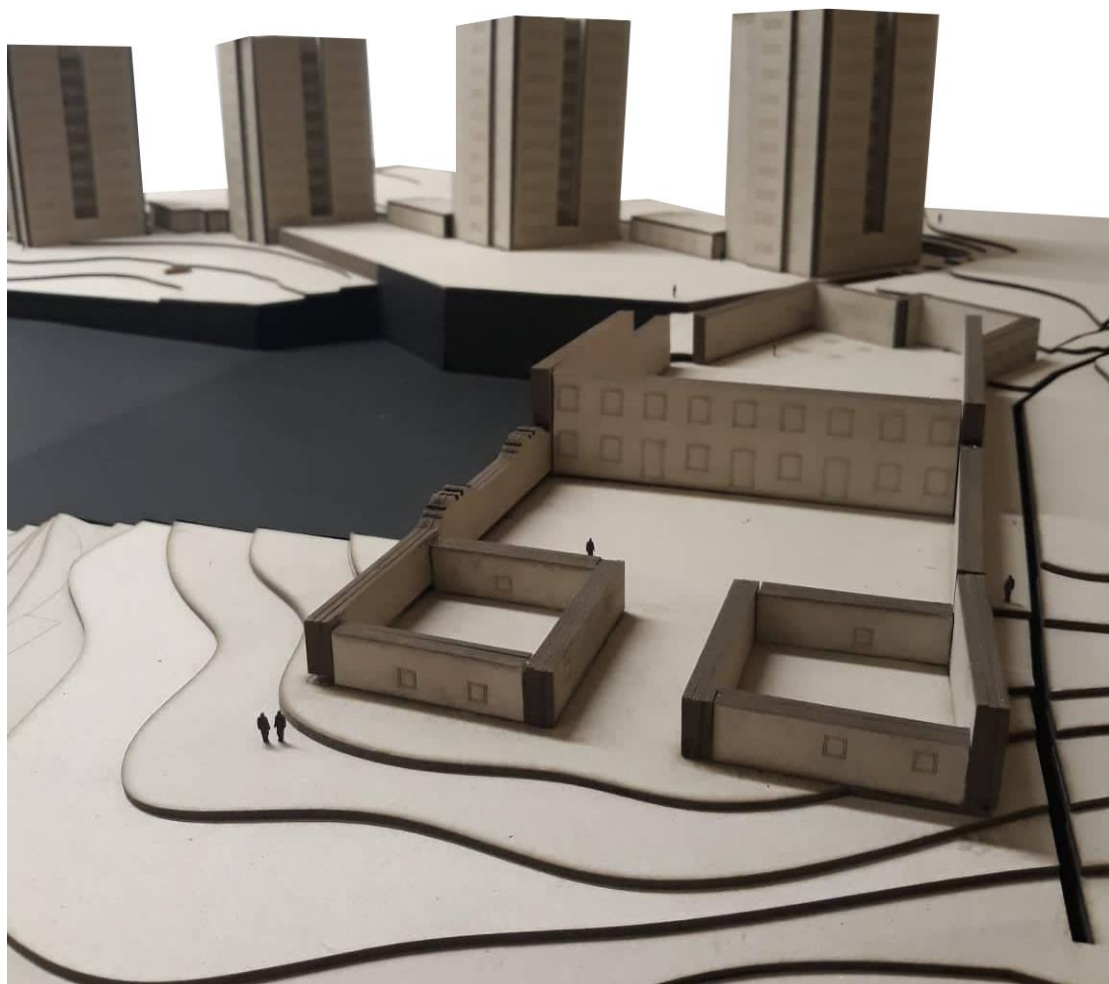


Figura 76- Maquete 1:200;



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente dissertação, foram analisados imensos aspetos relativamente a Marvila e à sua vivência como bairro. As leituras passaram pela história, e o porquê de uma presença rural e industrial. O património industrial e palaciano ainda é um tema muito forte em Marvila, que, infelizmente, não está a ser usado em seu favor, pois a maior parte das fábricas e palácios permanecem abandonados ou vandalizados.

Com isto em mente, e pensando no concurso da Trienal de Arquitetura de Lisboa 2019, houve a necessidade de cartografar para além da sua história, da sua morfologia e a evolução do espaço, como é comum no procedimento projectal do arquiteto.

Assim, além da abordagem morfológica, foram realizadas cartografias sociais, culturais e coletivas.

No âmbito social, com a ajuda do ROCK Project (*Regeneration and Optimisation of Cultural Heritage in Creative Knowledge cities*), obteve-se informação relevante para compreender os habitantes do bairro, pôde-se cruzar informação e acrescentar dados que não se conseguiriam apurar na cartografia morfológica.

A cartografia cultural, com a realização de um mapa de equipamentos, onde é mostrado a localização de galerias, estações de metro/comboio, o caminho-de-ferro, museus, bibliotecas, fábricas ativas/inativas, entre outros. Com este mapa, foi possível ver que ao pé da zona de intervenção do concurso da Trienal, há uma grande escassez de espaço público e de um ponto de encontro de todos os “minibairros”.

O único equipamento que se pode assemelhar um espaço de reunião é a biblioteca municipal de Marvila, que para além de biblioteca, é o centro comunitário da zona.

Com esta informação, começou-se a questionar-se o centro comunitário com espaços de espetáculos para 500 pessoas. Será mesmo o que o Marvila necessita? Partindo, assim, para a outra leitura cartográfica: a cartografia coletiva. A reunião de um conjunto de atores importantes do território, permitiu olhar para uma realidade “escondida”. O intangível assume um papel fundamental na procura de explicações.

As respostas são surpreendentes, todos os entrevistados sublinham a necessidade de desenhar um espaço público que seja o espaço de encontro para as pessoas.

Com todos estes dados e com todas as abordagens cartográficas realizadas, optou-se por repensar o programa da Trienal, realizando um espaço público, verde e cheio de árvores, e com um edifício colocado longitudinalmente no terreno, como uma topografia artificial. Este espaço, seria um espaço versátil, onde os cidadãos da metrópole pudessem usufruir de um espaço de convívio, onde além de versátil no espaço público, é também versátil o edificado, com um grande *open space* com uma métrica de placas de madeira que os clientes farão a seu gosto.

Com este novo verde em Marvila, espera-se que haja a qualidade urbana que esta parte de Lisboa necessita, requalificando o local e melhorando a vida de todos.

BIBLIOGRAFIA

- ADAM**, Roberto Sabatella, ‘Analisando o Conceito de Paisagem Urbana de Gordon Cullen’, *Da Vinci*, 5 (2008), 61–68
- Brito, Michele**, Ana Isabel De Sá, and Natacha Rena, ‘IndAtlas - Technopolitic Platform for Urban Investigation’, 2018
- Camerini**, Jane R., ‘The Power of Maps . Denis Wood , John Fels ’, *Isis*, 2002, 129–30
<<https://doi.org/10.1086/356735>>
- Candidatura**, Ficha D E, ‘Programa BIP / ZIP 2018’, 2018
- Coelho**, Carlos, João Costa, João Leite, José Silva, Luisa Trindade, Paulo Pereira, and others, ‘Morfologia Urbana- Estudos Da Cidade Portuguesa- Elementos Urbanos’, 2013
- Debord**, Guy, ‘Guy Debord_ Antes e Depois Do Espetáculo - JUREMIR MACHADO DA SILVA, CRISTIANE FREITAS GUTFREIND’
- Dunham**, H. Warren, ‘The Image of the City Kevin Lynch’, *Social Problems*, 2012, 280–81
<<https://doi.org/10.2307/798927>>
- Gilles Deleuze**, O que é um dispositivo?, 2005
- Gilles Deleuze & Félix Guattari**, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed.34, 1995
- Henriques**, Eduardo Brito-;, Paulo; Morgado, and David. Cruz, ‘Morfologia Da Cidade Perfurada : Padrões Espaciais de Ruínas e Terrenos Vacantes Em Cidades Portuguesas’, 2018, 111–33
<<https://doi.org/10.18055/Finis12160>>
- Hurni**, Lorenz, and Gerrit Sell, ‘Cartography and Architecture: Interplay between Reality and Fiction’, *The Cartographic Journal*, 2009, 323–32
<<https://doi.org/10.1179/000870409x12549997389664>>
- Ignasi de Solá-Morales**, ‘Terrain Vague’, 2013
- ‘Ti . Metodologia de Trabalho e Estrutura Da Dissertação’, 27–32
- Ildefonso, Sónia, Rita Machete, Ana Paula Falcão, and Teresa Heitor, ‘A Proto-Habitação Social Na Cidade de Lisboa: Uma Leitura Integrada Da Vila Operária No Contexto Urbano Atual’, *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 11 (2019), 1–15 <<https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.001.ao05>>
- Jan Gehl** e Birgitte Svarre, How to Study Public Life, 2013
- Joana Braga** - Currículo - Ciência-IUL - ISCTE-IUL’
- João Manuel Teles Rebolo** - Currículo - Ciência-IUL - ISCTE-IUL’
- Jr**, Clorisval Pereira, ‘Speculative Cartography and the Formation of Public Interest Issues’, 2018
- Kullberg**, José Carlos, ‘A Geologia Na Toponímia’
- Lamas**, José, ‘Morfologia Urbana e Desenho Da Cidade’, 2010
- Latour**, Bruno, ‘Um Prometeu Cauteloso ?’, 2014, 1–21
- Longley**, Alys, and Nancy Duxbury, ‘Introduction: Mapping Cultural Intangibles’, *City, Culture and Society*, 7 (2016), 1–7 <<https://doi.org/10.1016/j.ccs.2015.12.006>>
- Marat-Mendes**, Teresa, and Maria Amélia Cabrita, ‘Morfologia Urbana Em Portugal: Percurso e

- Visibilidade’, *Second Conference of the Portuguese Network on Urban Morphology*, 2012, 1750–81
- Markus** Miessen, ‘Novas Coletividades: Perspetivas Criticas’ On Arqa Novas Coletividades, 2013, 22-39
- Mendes**, Luís, ‘Gentrificação e a Produção Social Do Espaço Fragmentado Introdução’, *Cadernos Metrópole*, 13 (2011), 473–95
- Mendes**, Luis Luís, ‘Urbanização Clandestina e Fragmentação Socio-Espacial Urbana Contemporânea: O Bairro Da Cova Da Moura Na Periferia de Lisboa’, *Revista Da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade Do Porto*, II (2008), 57–82
- Morgado**, Sofia, ‘Lisboa, Um Território Em Formação’, 2015
- Ochoa**, Ana Rita, ‘Da Azinhaga À Estrada. Memória E Identidade Na Zona Oriental De Lisboa’, *On the W@ Terfront*, 2007, 33–41
- Panerai**, Philippe, *Análise Urbana*, 2006
- Paola Berenstein Jacques**, ‘Breve Histórico Da Internacional Situacionista – IS’, 2003
- Passos**, Eduardo., *Pistas Do Método Da Cartografia: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade*, 2010
- ‘Património Imaterial No Brasil | UNESCO’ <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>
- Pereira**, Cristóvão, Sérgio Vicente, and Telmo Lopes, ‘Á Procura Do Centro: Marvila’, *On the W@terfront*, 2005, 18–29
- Rebolo**, João Manuel Teles, ‘O Realojamento Do Bairro Chinês Em Marvila Participação e Autoconstrução Como Processo – o Caso Da P Rodac (1970-1974) João Manuel Teles Rebolo’, 2016
- Reis e Silva**, Margarida, ‘Pátios e Vilas de Marvila e Beato: Modos de Vida de Um Movimento Antigo’, *Cadernos Do Arquivo Municipal*, 2016, pp. 143–70
- Sisti**, Claudia, ‘Morfologia Do Território e Paisagem. Marvila’, *On the W@terfront*, 2005, 7–17 <<http://www.raco.cat/index.php/Waterfront/article/view/217108>>
- ‘The Following Excerpt of the ROCK-Marvila Project Report Is Introduced Here as an Element for Context Characterization of the Site and Does Not Represent the Criteria by Which the Proposals Will Be Evaluated by the Jury or Selected for the “Natural Beauty”, 2020
- Viana**, David L, and Isabel C Carvalho, ‘O Estudo Da “ Forma - Dinâmica ” Urbana Atravé s Do Mapping de Dinâmicas Sociais e Da Apropriação Espacial E’, 4 (2016), 29–42
<https://turcocreating.weebly.com/plataforma.html> (acesso, outubro 2019);
http://tecnopoliticas.indisciplinar.com/index.php?title=P%C3%A1gina_principal
<https://storymaps.arcgis.com/>

ÍNDICE DE IMAGENS

P A R T E 1

MARVILA

Figura 1- Pormenor da Carta das linhas fortificações de Lisboa, 1835, estrada de Marvila. (Fonte: obra MATOS, José Saramago, PAULO, Jorge Ferreira. A Caminho do Oriente, Guia Histórico II. Edição Livros Horizonte, 1999);

Figura 2- Plano de Pormenor da Quinta Marquês de Abrantes e Alfinetes (fonte <http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-de-pormenor>);

Figura 3- Hospital Todos os Santos (Fonte: <http://lx-projectos.blogspot.com/2011/03/hospital-de-todos-os-santos.html>);

Figura 4- 3ª Travessia Tejo (Fonte: <http://www.grid.pt/projectos/pontes/d/terceira-travessia-sobre-o-rio-tejo>);

MARVILA: LEITURAS CARTOGRÁFICAS

Figura 11- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Marvila-a-velha;

Figura 12- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Beato (Sul)

Figura 13- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- PRODAC;

Figura 13- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- PRODAC;

Figura 15- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- M. de Abrantes;

Figura 16- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Alfinetes;

Figura 17- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Salgadas;

Figura 18- *Print-Screen* da plataforma ArcGis Story Maps – Delimitação de bairros- Quinta do Chale;

Figura 19- Mapa de Equipamentos, escala 1:8000;

Figura 20 e 21: Arquiteta Joana Braga, Topias Urbanas (fonte: <https://topiasurbanas.wordpress.com/author/topiasurbanas/>)

Figura 22, 23- Marvila, fotografado pelo autor;

Figura 24- *Print-Screen* do percurso da plataforma MinhaRota- Arq. Joana Braga;

Figura 25- Dr. João Rebolo (fonte: <https://www.dinamiacet.iscte-iul.pt/research-team/Jo%C3%A3o-Teles-Rebolo>);

Figura 26- Currículo João Rebolo (Fonte: <https://ciencia.iscte-iul.pt/authors/joao-manuel-teles-rebolo/cv>)

Figura 27 e 28- PRODAC, fotografado pelo autor;

Figura 29- *Print-Screen* do percurso da plataforma MinhaRota- Prof. João Rebolo;

Figura 30- Dr. Roberto Falanga (Fonte: <https://www.oficina.org.pt/roberto-falanga.html>);

Figura 31- Dr. João Martins (Fonte: <https://pt.linkedin.com/in/jo%C3%A3o-carlos-martins-3942b228>);

Figura 32 - Projeto ROCK (Fonte: project.eu/o-projeto-rock-na-europa/);

Figura 33 e 34- Marvila, fotografado pelo autor;

Figura 35- *Print-Screen* do percurso da plataforma MinhaRota- Dr. Roberto Falanga e Dr. João Martins;

Figura 36- Sociólogo Henrique Chaves (Fonte: <https://www.cics.nova.fcsh.unl.pt/people/collaborators/henrique-chaves>);

Figura 37- Projeto Rés Do Chão (Fonte: <https://resdochao.org/quemsomos/>);

Figura 38 e 39- Marvila, fotografado pelo autor;

Figura 40- *Print-Screen* do percurso da plataforma MinhaRota- Sociólogo Henrique Chaves;

Figura 41- Cristina Santos (Fonte: <https://www.fac-book.com/photo.php?fbid=2277626765597111&set=a.157039090989233&type=3&theater>);

Figura 42 e 43- Palácio dos Alfinetes, Marvila, fotografado pelo autor

Figura 44- *Print-Screen* do percurso da plataforma MinhaRota- Moradora Cristina Santos;

Figura 45 e 46- Dr. Rui Telmo Gomes, Posicionamentos das entidades Artísticas (Fonte: https://www.iscte-iul.pt/assets/files/2019/02/01/1549015862660_LM_fevereiro2019_final.pdf);

Figura 47 e 48- Marvila, fotografado pelo autor;

Figura 49- *Print-Screen* do percurso da plataforma MinhaRota- Dr. Rui Telmo Gomes;

P A R T E 2

DESENHOS TÉCNICOS

Figura 50- Planta de localização, escala 1:70000;
Figura 51- Planta de Cobertura, escala 1:2000;
Figura 52- Planta Nível 0, escala 1:2000;
Figura 53 e 54- Alçado Sudeste e Alçado Nordeste, escala 1:1000;
Figura 55 e 56- Alçado Sudoeste e Alçado Noroeste;
Figura 57- Corte Longitudinal, escala 1:1000
Figura 58- Corte Transversal, escala 1:200;

PERSPECTIVAS DO EDIFICADO

Figura 59- Corte Perspetivado
Figura 60- Corte Perspetivado;
Figura 61- Corte Perspetivado;
Figura 62- Perspetiva interior;
Figura 63- Perspetiva interior;
Figura 64- Perspetiva interior;

REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS

Figura 65,66,67,68,69 e 70- Representações gráficas;

MAQUETES

Figura 71- Maquete 1:5000;
Figura 72- Maquete 1:1000;
Figura 73- Maquete 1:500;
Figura 74- Maquete 1:200;
Figura 75- Maquete 1:200;
Figura 76- Maquete 1:200.

ANEXOS

Entrevistas

Arq. Joana Braga

Sara: Então agora começaria com algumas questões, como: o que é que acha que caracteriza Marvila?

Arq. Joana Braga: Esta zona, eu diria que é caracterizada (em termos urbanos) por uma fragmentação do espaço e [por] fraturas sucessivas, nas quais se entrevêem [os vários] projetos [e marcas] urbanas [que foram constituindo este pedaço de cidade ao longo do tempo], modos de estar, de viver e de habitar muito diversos, não estando bem articulados. [Vislumbra-se] modos de vida diferentes.

Sara: Sim eu acho que com esta zona de Marvila e de chelas, parece que não estamos bem em Lisboa, estando num espaço mais rural.

Quando eu que uma colega minha começámos por analisar Marvila, vimos que esta população tinha vindo do norte do país, tendo aqui muitas quintas.

Arq. Joana Braga: Daqui deste bairro [Marquês de Abrantes], certo?

Sara: Sim.

Arq. Joana Braga: É isso. Marvila é gigante e tem toda uma área que foi abrangida pelo Plano de [urbanização] Chelas, de 65, e havia pré-existências, como as quintas. Quando aconteceram estas migrações, muitas pessoas encontraram nestes espaços (como não tinham capacidade para comprar uma casa, ou para alugar) um sítio para viver.

Estas pessoas foram realojadas aqui [no lugar onde já habitavam] ao longo [da implementação] do plano de Chelas tendo vindo para aqui morar muito mais gente.

Todos os atrasos e faseamentos da sua implantação, que não eram previstos no início, e a alteração muito significativa do país, tanto a nível político, histórico, social, cultural, com o fim da ditadura, e a descolonização, etc., levaram a que a sua concretização se tornasse mais complicada.

Quando andamos por aqui percebemos que está tudo muito pouco cozido em termos urbanos

Sara: A ideia que eu tenho de Marvila é que esta zona é um pouco esquecida a comparar com todo o resto de Lisboa.

Arq. Joana Braga: Durante muitos anos sim. Esta zona tinha uma grande força em termos industriais. Era uma zona de operários. Desde o século XIX, e reforçando esta sua vocação ao longo dos 3 primeiros quartéis do século XX, era a mais importante zona industrial da cidade. Foi decaindo a partir dos anos 80.

[2]

quando caminhamos temos estes vários bairros que foram pensados neste plano como centralidades.

Esta área, que [é] tão grande [e era ocupada por] quintas, como já falamos, era uma área rural de Lisboa em meados do século XX ([até aos] anos 60). A ideia era construir um conjunto de bairros que por si criassem uma ideia de centralidade: Várias polaridades capazes de ser tornarem polos centrais. [mas era à partida desajustado imaginar que a criação de cinco áreas ocupadas por bairros sociais, numa zona rural no meio da cidade, até então desligada da vida urbana, e ainda por cima fisicamente separada desta tanto pelas características dos seus limites, como pela sua topografia acidentada, pudessem vir a tornar-se centralidades novas na cidade de Lisboa.] Este território tem fronteiras [geográficas] muito específicas. Temos a Avenida Gago Coutinho, a Marechal Gomes da Costa, a linha do comboio, [a Infante D. Henrique. Todas grandes vias, e o corte que é uma linha de caminho de ferro...] e depois tudo isto está aqui no meio, sendo difícil de ligar ao resto da cidade.

As primeiras construções terminadas em Chelas, mesmo antes do 25 de Abril de 1974, foram nas amendoeirais, e estas acabaram por ser ocupadas [no período revolucionário que se lhe seguiu] As seguintes [a estarem terminadas], no fim dos anos 70/80, foram nos Lóios, e depois no Condado, ainda hoje conhecido como Zona J. Tudo o resto acabou por ser bastante atrasado.

A [falta de concretização] das vias de ligação [entre os bairros, e da sua ligação ao resto da cidade] também contribuiu para a ideia de que os bairros de Chelas eram guetos, muito comum ao longo dos anos 90, e que acalmou um bocado após a expo, [e nas décadas seguintes].

Sara: Mesmo assim ainda tem essa fama, eu acho.

Arq. Joana Braga: Sim, mas sem razão nenhuma, o que é um bocado assustador, visto que isto é calmo. [assustador na medida em que se disseminam ideias preconcebidas em relação a determinados espaços da cidade sem qualquer relação com o que se passa nesses mesmos espaços]

Sara: Eu não sou daqui de Lisboa e quando vim para cá estudar foi com esta ideia que eu fiquei de início, como por exemplo o apeadeiro sem ninguém.

Arq. Joana Braga: Pronto, ali é a fábrica da Padaria Portuguesa [muito perto do apeadeiro de Marvila]. Aqui é um pequeno pátio operário, existem muitos por aqui.

Esta zona é de o clube ferroviário, há um campo de futebol [estamos na Azinhaga dos Alfinetes, depois de atravessar o caminho de ferro no apeadeiro de Marvila]

Sara: E o campo de futebol costuma ser utilizado?

Arq. Joana Braga: Sim muitas vezes, e há toda uma disputa sobre quem pode usar o campo. [há muitas pessoas que jogam futebol e este campo é muito requisitado]

Então, nesta zona estava a Sociedade Nacional de Sabões. Este terreno todo que vai até à escola [Afonso Domingues]. Era uma fábrica enorme.

Sara: Considera um ponto importante?

Arq. Joana Braga: Sim, apesar de [o terreno] estar vazio neste momento. Esta fábrica foi à falência, se não estou em erro, nos anos 90 e chegou a ter cerca de 10.000 pessoas a trabalhar.

[3]

Era muito antiga, teve obras grandes por volta dos anos 50, e funcionou até à década de 90s, se não estou em erro. Quando a fábrica fechou, fechou com grandes dívidas, tanto

aos trabalhadores como a fornecedores. [Os credores juntaram-se num grupo que promoveu um projeto para os terrenos da fábrica, um condomínio residencial, esperando com a venda dos terrenos já com a aprovação de construção do dito condomínio, ter retorno financeiro que pudesse compensar a dívida que os proprietários haviam deixado.]

A partir da EXPO, houve uma expectativa que esta zona sofresse uma transformação significativa][, que não aconteceu. [Daí a esperança do grupo de credores.] Após a Expo, começou a haver umas compras [e vendas de terrenos e edificado] por aqui.

Depois com este novo plano da terceira travessia do Tejo, e do TGV... se não me engano, acho que haveria aqui um pilar de acesso, portanto aqui [nos terrenos da antiga fábrica] nada pôde ser construído e ficou tudo parado. Existem muitas complicações imobiliárias no meio deste processo...

Não tenho estado aqui a fazer uma investigação continuada, mas penso que neste momento há uma grande dinâmica imobiliária, com vendas de propriedades até a grupos imobiliários internacionais, aqui nesta zona [Marvila Velha]

Sara: Estes terrenos?

Arq. Joana Braga: Sim. Muitos destes pátios, alguns dos armazéns... tudo isto tem sido bastante procurado, vendido e revendido algumas vezes. Na realidade, existe uma especulação imobiliária imensa, principalmente ao pé do rio, por isso, por muito que vejamos isto agora assim [o edificado degradado, por reabilitar, o tecido urbano pautado por devolutos], não vai ficar desta maneira.

Se por um lado, os espaços urbanos vão melhorar, por outro lado, os moradores vão [provavelmente] ser expulsos, [levados a sair deste lugar,] o que é um bocado violento, [é uma forma de violência urbana].

Este é o pátio do Marialva. [O antigo palácio, com o mirante, e o terreno à volta, foi comprado no século XX pelos proprietários da Sociedade Nacional de Sabões e veio a integrar os terrenos da fábrica, tendo sido na altura demolido.] Ficou só o mirante.

Sara: Seguindo as minhas questões, qual é o seu papel neste território?

Arq. Joana Braga: Vim para aqui na altura em que coordenei um projeto artístico, Topias Urbanas, e por isso foi um bocado [uma forma de] habitar o território durante 10 meses, todos os dias.

[O projecto de investigação urbana denominado Topias Urbanas que desenhei e desenvolvi com o apoio de um conjunto de investigadores e artistas, resultou de um convite da equipa de direcção artística do Teatro Maria Matos. A proposta foi no sentido do desenvolvimento de um projecto artístico duracional que se relacionasse com esta parte da cidade e com os seus moradores, deixando carta aberta para tudo o resto. Aquilo que me moveu de início foi o desejo de questionar, contestar e reinventar as imagens dominantes desta área urbana da cidade de Lisboa –Marvila, particularmente uma parte desta freguesia conhecida por Chelas composta por um conjunto de bairros habitacionais de promoção pública – que a representam como enclave urbano caracterizado tanto pela violência e criminalidade como pela pobreza e exclusão social.

Associando um carácter processual e relacional ao teor discursivo e reflexivo e ao fazer artístico, Topias Urbanas procurou mapear e interrogar as múltiplas camadas deste lugar, usando diferentes linguagens e suportes como a fotografia, a imagem em movimento, a caminhada, a performatividade e a escrita como suportes destas cartografias.]Aqui temos a outra linha do comboio, a linha do Norte. Neste local preciso, conseguimos ver uma grande diferença de cotas que se constitui como outra grande barreira. Ou seja, além da linha do comboio a separar, ainda há este corte vertical que separa Marvila Velha da zona mais ribeirinha.

Em termos urbanos, há estas questões de ligação na cidade.

Daqui já se consegue ver a torre Vasco da Gama.

Sara: Agora vamos para uma parte mais industrial, certo?

Arq. Joana Braga: Sim, mas já não tem muitas fábricas, estão abandonadas ou utilizadas para outras coisas.

Sara- Pois realmente existem aqui uma grande diferença de cotas.

[4]

Arq. Joana Braga: Sim, esta diferença é imensa. E vai criar fronteiras no território. Há alguma vontade de quebrar esta fronteira que acho que acontecerá nos próximos anos. Agora, a segunda linha do comboio [a primeira atravessada ao longo deste percurso] é a que faz fronteira com Chelas e os Bairros sociais [a linha de cintura interna que havíamos atravessado primeiro, logo nas traseiras da Biblioteca de Marvila], e eu diria que é a barreira mais difícil de quebrar, apesar de não ter diferenças de cotas. Tudo isto irá sofrer uma transformação significativa.

Esta rua está cheia de Galerias de arte.

Sara: Sim, porque muitas das fábricas também que foram agora reabilitadas, estão com estúdios de cinema, etc.

Arq. Joana Braga: Há estúdios de cinema, há cervejarias, ... está tudo nesta zona em que estamos agora.

Isto aqui está tudo abandonado aqui por dentro, temos só as fechadas [apontando para um edifício específico, através do qual, espreitando os vãos não emparedados, se pode ver uma área a céu aberto e ao fundo a linha do comboio]

Sara: Só mantiveram as fachadas?

Arq. Joana Braga: Sim, atrás foi tudo demolido, dá para ver a linha do comboio lá em cima.

[Este percurso por mim escolhido] Para primeira visita não é mau porque aqui há mesmo muitas diferenças significativas no território.

Como estava a dizer no início, são cortes, mudanças, que se sentem tanto a nível urbano como nos modos de vida, como história do território.

Sara: Como haveriam de contornar esta barreira?

Arq. Joana Braga: Esta escada não é a escada mais convidativa para atravessar [referindo a escada que desce do Pátio do Israel (que ficava a seguir ao do Marialva) para a Rua José Domingos Barreiros]. É criar modos de atravessamento mais simpáticos, que aliviem um bocado. Na realidade, Lisboa está cheia disto. Há várias possibilidades. Aquilo é um monumento geológico, tem que ficar à vista. É possível [amenizar estas

barreiras físicas, por exemplo com a criação de uma subida mais longa e mais suave, ou com a construção de uma escada rolante, como foi feito para subir do Martim Moniz para a Mouraria] Em termos históricos há um conjunto de edifícios relevantes por terem sido fábricas com alguma dimensão; esta é antiga Fábrica da Borracha. Há partes que estão ocupadas, com pequenas coisas, não sei bem o que é em cada uma. Tem pequenas atividades, espaços de co-work, indústrias criativas, desportos radicais,.há coisas a acontecer lá dentro. Ali ao fundo a Fábrica dos Fósforos.

Ali já temos o rio e o Porto de Lisboa que nesta zona ainda está em funcionamento.

Estás a ver aquelas chaminés todas seguidas? É a Vila Pereira. Agora não se consegue entrar. A parte de baixo é composta por lojas e armazéns. No primeiro andar há um grande corredor longitudinal que distribui o acesso aos vários apartamentos. Neste momento, os actuais moradores têm sofrido com o bullying imobiliário. E foi vendido como se estivesse vazio, estando habitado.

[5]

Sara: E agora o que acontece com as pessoas que lá estão?

Arq. Joana Braga: Pois... agora há todo um processo. Se a lei permitir as pessoas são despejadas, porque quem comprou isto não quer que tenha ninguém [a habitar lá dentro].

Sara: Coitadas das pessoas.

Arq. Joana Braga: É horrível. E há estas lógicas de bullying imobiliário, que estão a começar a entrar em Lisboa. Existem por exemplo em Paris há muitos anos, porém, não eram lógicas muito comuns [por aqui].

Sara: Mas aqui ainda é Marvila?

Arq. Joana Braga: Sim, isto aqui ainda é Marvila!

Sara: É completamente diferente da realidade lá em cima.

Arq. Joana Braga: Marvila tem isto. Eu acho que as grandes características [desta área] são a diversidade e as fraturas urbanas que nos permitem vislumbrar várias temporalidades que coexistem neste território, que é muito diverso. E pensando num centro comunitário...

Sara: Sim, isso era a minha próxima questão: o que é um centro comunitário para este local?

Arq. Joana Braga: Se ele está a ser construído agora, acho que é interessante que acolha a realidade nova. Não sei se é possível acolher todo o tipo de pessoas... [Lembro-me, assim de repente, por estarmos a passar neste momento numa zona para onde vieram várias produtoras cinematográficas, se uma possibilidade não seria estas, assim como outros dos novos ocupantes da área que para aqui trouxeram as suas atividades, partilharem algumas das suas criações, obras, práticas, com os outros moradores? Neste caso, exposições de cinema, por exemplo...]

Sara: O enunciado é muito subjetivo, é vermos o que falta no local e fazemos um centro comunitário à base disso.

Arq. Joana Braga: Mas também é [um centro interpretativo], não é?

Sara: Sim. O que eu estava a pensar em fazer era pegar na laje do Arquiteto Óscar Niemeyer e evitar o "beco" que ele criou, com salas de workshop, etc. Pedem-nos um auditório, mas pensei em fazer um anfiteatro, visto que a biblioteca já tem um.

Joana Braga: Faltam algumas coisas àquele auditório. A biblioteca na realidade serve como centro comunitário. É das bibliotecas de Lisboa que tem uma programação [mais continuada], tem de facto um conjunto de [propostas artísticas e culturais dirigidas aos moradores de Marvila, algumas pelos próprios moradores e associações locais, propostas artísticas com alcance mais alargado, acolhe seminários e conferências, festivais de cinema, etc. Tudo se cruza ali.

Ali é o Domingos Barreiros, estamos numa zona muito bonita [quando chegamos ao Poço do Bispo, nome por que é conhecido o Largo Leandro de Sousa].

Sara: Sim, verdade. Eu não sabia era que esta zona ainda era considerada Marvila.

Arq. Joana Braga: A Fabrica do Braço de Prata é ali. Podemos ir pelo rio agora, para irmos ao Renzo Piano. Está tudo aqui.

[6]

Sara: Então acha que o centro comunitário englobaria estúdios de cinema?

Arq. Joana Braga: Não sei. Não é um projeto comunitário, é um centro comunitário. É ver o que faz falta e o [que] faria sentido.

Sara: Pois, o centro teria de englobar mais ou menos só aquela zona à volta.

Arq. Joana Braga: Tens de pensar o que é um centro comunitário. Pode ser tudo, mas à partida, e se eles estão a pedir auditórios...

Sara: o que eu estava a pensar fazer, era fazer uma estrutura metálica, ao ar livre, por cima da laje do Arq. Óscar Niemeyer, tipo Polivalente.

Arq. Joana Braga: Sim, pode funcionar.

Sara: E depois tendo a escola e a biblioteca logo ao lado, fazer com que haja uma ligação direta entre ambos. Também segundo o PDM vai haver uma extensão da escola.

Arq. Joana Braga: Sim, para essa zona há uma extensão da escola, e há uma parte, uma frente, que seria para o programa de arrendamento acessível. [E ainda,] se falares com uns senhores desta zona, eles garantem-te que lhes foi prometido um pavilhão desportivo também ali.

A questão é, o Polidesportivo não deve acontecer, mas eles acreditam nisso.

Com isto, diria que pode ser interessante pensá-lo, em termos formais e do edifício, da sua forma e da relação com o lugar, fará todo o sentido pensá-lo ali, [numa relação estreita com a sua envolvente próxima]. Mas, em relação à população, às pessoas que poderão lá ir, eu alargaria essa perspectiva agora.

Sara: Depois, outra questão seria: A longo prazo, consoante todos os projetos a acontecer em Marvila, que impacto terá o centro comunitário na comunidade?

Arq. Joana Braga: Depende do que ele vier a ser. Podia ser, quase utopicamente, um sítio onde se podiam cruzar as realidades todas [que constituem esta zona da cidade, desde os moradores seniores cujo modo de vida ainda tem reminiscências da ruralidade, passando pelos jovens ligados ao rap e ao graffiti, os jovens das crews urbanas, até aos novos moradores, tanto aqueles ligados à produção cinematográfica e às galerias de arte, como aos novos habitantes dos conjuntos residenciais de luxo, como aquele desenhado pelo Renzo Piano]. É difícil que as pessoas se interessem pelo mesmo. Isso é um bocado o que

a Biblioteca tenta fazer. Por um lado, criar um conjunto de programas, que interessem estes novos habitantes, artistas, ... e também aos antigos moradores.

O que se pode fazer em termos arquitetónicos, é criar um local onde tudo se relacione, onde se possam cruzar...

Sara: estava a pensar em criar um ponto de informação no local. Por exemplo, existem imensas hortas clandestinas. Com isto, pensei em criar espaços para essas hortas, onde houvesse uma transmissão de informação de idosos para os mais jovens.

[7]

Arq. Joana Braga: Mas hortas há muitas. Há vários parques [hortícolas], sem serem clandestinos, construídos e geridos pelo município. Há 3 parques.

Ali, [o conjunto habitacional desenhado pelo] Renzo Piano, é um bocado habitação de luxo, [que contrasta com a realidade urbana à sua volta.] Apesar de que quando o fui visitar, ter percebido que os acabamentos interiores não eram muito interessantes, [eram claramente banais. Leva-nos a pensar na desadequação entre o preço de compra e a qualidade do espaço]. Quando fui visitar estava só um [dos edifícios quase] acabado, [e esse] estava tudo vendido. A maior parte [dos apartamentos] não [foi vendida a] portugueses. A maior parte das pessoas que [tem interesse em] comprar este tipo de apartamentos, fá-lo mais como investimento do que como procura de um lugar para morar.

Tem uma dimensão muito grande, daqui até lá à frente [referindo-se a toda a extensão do terreno abrangido por este projeto urbano e residencial]. Vão ser repetições daquele módulo, sucessivas. É massivo. O desenvolvimento do projeto esteve parado também por causa das [eventuais] travessias [do Tejo], e foi libertado agora há relativamente pouco tempo [já há uns anos].

Aqueles edifícios ali ao fundo já são Zona J.

Sara: Aqueles brancos?

Arq. Joana Braga: Sim. Agora, em relação às tuas perguntas... é difícil.

Eu diria que era interessante criar condições, uma vez que tens um território ultra diverso, com muitos seniores, ... e estamos só a ver um lado!

Ali havia o bairro Chinês. As pessoas que lá viviam, e que eram de Castro de Aire, Resende e Cinfães, de perto de Viseu, ou voltaram para as terras de origem, ou foram realojadas ali naquele bairro. O que fez com que se mantivesse a cultura dessa zona.

Depois, também foram realojadas mais pessoas, não foram só eles. Algumas vinham do Vale de Chelas, e há uma comunidade cigana. Portanto, há um *mix* ali.

Se falares com as pessoas, eventualmente vão falar de uma grande violência entre uns e outros. Tem a ver com construção de identidade. Há modos de estar diferentes, as crianças são educadas de maneiras distintas, etc. [Mas durante o período em que estive por aqui, não observei violência física de nenhum tipo, tendo até podido testemunhar pessoas vindas do interior norte a apoiarem jovens da comunidade cigana.] **Sara:** Ali é aquele grande desnível?

Arq. Joana Braga: Aqui é um dos desníveis, mas esse que estás a pensar é mais para lá. Nós vamos conseguir passar as linhas, passando por baixo de uma que aqui é um viaduto, e outra descendo por umas escadas e atravessando um túnel. Tem ainda um desnível, apesar de ser bastante inferior ao do outro lado.

Vamos fazer um bocadinho da rua Direita de Marvila.

Aqui o desnível é muito menor porque também temos vindo a subir, e do outro lado descíamos.

Agora, vamos passar pelo bairro [Marquês de Abrantes], que não passámos, e terminamos no terreno.

Estamos aqui numa subida, e a rua do lado [do outro lado da linha de comboio] é a rua de Marvila.

[8]

Sara: Pois, estas escadas assim não são nada simpáticas.

Arq. Joana Braga: Nada, mas isto é fácil de transformar [referindo-se às escadas de acesso ao túnel de passagem pedonal sob a linha do Norte, entre a Rua Direita de Marvila e a Rua de Marvila].

Pronto, isto é a rua de Marvila, e agora vamos por aqui. Passamos esta linha de comboio caminhando na rua que fica por baixo dela. Esta é a segunda, e juntam mesmo ali à frente.

Sara: Elas ainda juntam em Marvila, não é?

Arq. Joana Braga: É no limite da freguesia. Mas acho que sim.

São dois cortes grandes. Entre as duas linhas, há um tecido urbano de cariz mais habitacional. Para lá da linha do Norte, na zona ribeirinha, fica a área industrial, com as fábricas. Estas duas áreas têm uma história urbana mais longa, enquanto para aqui para trás estavam as quintas, toda esta extensão manteve a sua ruralidade até meados do século passado

Sara: É uma pena este espaço estar em ruína.

Arq. Joana Braga: Completamente. E tem enquadramentos visuais muito interessantes. Muitas zonas de vista, absolutamente incríveis.

Sara: E também tem imensa arte urbana por aqui.

Arq. Joana Braga: Esta arte urbana, [referindo-se aos murais nas empenas dos edifícios do bairro Marquês de Abrantes] foi feita toda em 2017, com o festival MURO, inserido dessa vez na capital ibero-americana da cultura, e foram convidados um conjunto de artistas da América Latina, para virem pintar as empenas.

Sara: Julgava que tinham sido portugueses.

Arq. Joana Braga: Pois, não são portugueses nem são locais. [Os artistas, originários dos países da América Latina, foram convidados a conceber pinturas relacionadas com as culturas locais das regiões onde habitam, culturas invisibilizadas e violentadas pela colonização. Depois chegaram a esta zona, que não tem qualquer relação com essas culturas, e transpuseram-nas para as empenas. Uma prática descolonizadora e emancipadora que aqui se tornou, ela própria, uma forma de colonização.] Houve apenas um artista local que pintou uma empena no meio disto. Houve um grande aparato, com imensas gruas, devido a serem pinturas muito grandes. Foram umas semanas de pinturas, depois um festival, e depois desapareceu tudo.

Surpreendentemente, acho que se perguntares às pessoas, até não estão descontentes, na altura havia algumas...

Sara: Eu acho que dá vida ao espaço.

Arq. Joana Braga: Dá vida, mas porquê registos da América Latina aqui? Para além de que há um grande investimento económico nestes murais e, como algumas pessoas dizem “Então e as infiltrações em minha casa?” A maior parte destas pessoas são inquilinas, com rendas de habitação social.

Sara: Aqui são hortas clandestinas?

Arq. Joana Braga: Sim. Isto são tudo hortas.

[9]

Ali, há uma outra zona de hortas (a Quinta das Flores), que é um parque de hortícola municipal. É o mais próximo.

Sara: Acha então que fazer hortas naquela zona é uma boa ideia?

Arq. Joana Braga: Acho que há hortas por todo o lado. Acho que não é uma coisa muito necessária, a não ser que tenha alguma particularidade, como por exemplo a experimentação de hortas comunitárias.

Aqui é o bairro da Quinta do Chalé, que [corresponde a um] dos primeiros realojamentos, enquanto ainda havia o bairro chinês, que acabava ali. Houve pessoas que foram realojadas nesta outra zona, e na Prodac.

Nestes bairros de barracas as pessoas pagavam um “X” à Câmara [pelo facto de terem a sua barraca colocada em solo municipal], não era uma coisa assim tão estranha.

Há um pouco do bairro Chinês, que é isto [apontando para um conjunto de construções]. Esta rua, era a rua principal deste bairro, onde havia um grande mercado.

Ali temos a única zona edificada que existe do bairro Chinês. As pessoas aqui [ao longo da antiga rua principal] tinham propriedade do terreno, e quando a câmara fez o realojamento, [negociou as expropriações respectivas] Houve um casal que se recusou a sair, e é a casa que vê aqui. Portanto, eles mantêm-se cá, porque não aceitaram na altura o valor da expropriação, e a coisa ficou.

Esta é a rua da biblioteca. Tem um conjunto de entradas, com pequenos pátios, pontuados por colunas que parecem não estar terminadas, desenho urbano do qual não se entende a lógica. Aqui há uma platibanda, que vai dar ao nível de lá da frente.

Sara: Este é o edifício que quando o passarmos estamos em frente ao palácio?

Arq. Joana Braga: É [esse quarteirão] Só que agora estamos a ir por dentro do quarteirão Este, chamado de “piano” pelos moradores, foi o primeiro a ser construído do bairro Marquês de Abrantes, e as pessoas que moravam no bairro Chinês foram realojadas aqui, a maior parte, pelo menos.

Há algumas fotografias de uma publicação municipal que mostram ainda o bairro Chinês, e só este quarteirão construído.

Isto aqui é um bocado estranho [referindo-se ao desenho do espaço público no interior do quarteirão].

Sara: Tem saída? Parece que aquelas escadas não estão a dar para nada.

Arq. Joana Braga: Tem, e vamos dar direitinhas ao palácio. Isto enquanto espaço público tem muito que se lhe diga, apesar de quando há bailaricos, é aqui que acontecem.

Sara: Aqui então parece mesmo que não estamos em Lisboa.

Arq. Joana Braga: Pois, há isso. Isso tem a ver com o facto de quem viria [passear] para aqui, [para além dos moradores]. Agora, com a biblioteca começa a ser diferente, [o bairro deixa de ser apenas residencial]. As pessoas que aqui moravam vinham todas da mesma zona,

[10]

Aliás, há uns senhores mais velhotes, que dizem “Fui a Lisboa”, como se não estivessem na mesma cidade.

Sara: Tem uma métrica mesmo estranha.

Arq. Joana Braga: Sim, rigorosa, estranha, ... e ao mesmo tempo as pessoas cuidam bastante do espaço.

Pronto, aquilo também são hortas clandestinas. Esta azinhaga aqui ao lado, entre o estádio [do clube Oriental] e o palácio [dos Alfinetes], é a azinhaga dos Alfinetes, que fazia a rua

toda [para baixo a descida por onde começamos, atravessando a linha de comboio e até à Rua de Marvila], [e nesta zona onde ainda se percebe como uma vereda,] dando à zona J. E pronto, cá estamos no Palácio dos Alfinetes.

Dr. Prof. João Rebolo

Sara: Vamos começar então. O que caracteriza Marvila para si?

Dr. Prof. João Rebolo: Para mim, é o plano de Chelas, que é sobretudo habitação social. Desconfio que tenha sido para pessoas que habitavam o Bairro Chinês. Por isso, estes planos podem ser interessantes, do ponto de vista urbano, em termos de originalidade, contudo, parece que ficam umas pontas soltas. É a ideia que me dá. Como se o plano não fosse implementado todo ao mesmo tempo, ou como se houvessem vários planos. A ideia que me dá em Chelas, é que os planos não comunicam muito uns com os outros, e sobra espaço. Esse espaço, é o que estamos a ver.

Como não há investimento, por não serem zonas turísticas, ou que estejam na moda, ... quer dizer, vê-se algum investimento, mas é sempre mais escassa do que noutras zonas da cidade.

Aquilo que caracteriza mais são os espaços não caracterizados, é o que me parece.

Podem vir a transformar-se no futuro. Na minha opinião são espaços que sobraram. Há muito mais espaço de sobra do que propriamente utilização.

Ali já é o bairro da PRODAC.

Sara: A minha seguinte questão era qual é o seu papel neste território?

Dr. Prof. João Rebolo: foi perceber as razões daquela implantação do terreno da PRODAC, e que devia ter crescido mais para o lado de cá.

O bairro só foi construído metade, e a outra metade seria para Sul. Começou em Norte com 84 casas, e depois para 500, que era a segunda fase. Depois ainda haveria uma terceira fase.

Era para ter crescido mais para o lado do bairro chinês.

Esta vista é espantosa. Há aqui uma linha de vale, provavelmente teve aqui algo de claudêncio.

Isto tinha uma grande quantidade de quintas, e isso eu tenho no meu doutoramento.

Um dos lados que me despertou mais curiosidade foi como é que o bairro chinês, era financiado. Era um grande negócio, que foi preciso dismantelar.

E a parte mais difícil foi mesmo essa: houve pouca gente a ganhar muito dinheiro com o aluguer das barracas, que eram caras para a altura. A PRODAC teve a inteligência de perceber, quanto aproximadamente cada pessoa pagava, para depois poder injetá-los numa nova urbanização. Foi um processo que correu bem.

Sara: Estamos a aproximar-nos, certo?

Dr. Prof. João Rebolo: Isto já é. A característica destas casas é serem pré-fabricadas, vê-se bem nos telhados. Hoje em dia, algumas têm acrescentos, e já não se consegue perceber tão bem. Ali, conseguimos ver claramente, na fachada de cima, a pré-fabricação, com pequenos pilares, com uns painéis separadores. Nesta aqui, já fizeram um acrescento em betão.

Pronto, estas são casas originais, mas o modelo é muito semelhante, a tipologia. Contudo, as casas variavam entre o T2 e o T5.

Sara: E este bairro ainda é grande, não é?

Dr. Prof. João Rebolo: Sim, este bairro mais ou menos 550 casas.

Aqui é PRODAC Sul. Aqui são umas instalações de uma escola e da Santa Casa da Misericórdia. Tem várias vertentes.

Sara: Tem uma escola mesmo muito perto da outra.

Dr. Prof. João Rebolo: Exato.

A determinada altura falei com os moradores, e eles queixaram-se que as pessoas daqui do bairro, deviam ser as preferidas a entrar na escola, mas acho que já haviam outros critérios, vindas crianças de fora.

A misericórdia não estava ligada á PRODAC de início, era a Caritas.

Conseguimos aqui ver a zona Norte, que foi a primeira a ser construída. Como correu bem, avançaram com a parte Sul. Foi como um teste e também como foi uma construção provisória.

Sara: Agora não tem nada especto de provisório.

Dr. Prof. João Rebolo: É isso que é espantoso aqui, não ter esse aspeto, porque as próprias pessoas investiram bastante nas casas. A maior parte remodelou telhados, colocou isolamentos nas coberturas, mas calculo que não devem ter investido muito nas fachadas. O isolamento térmico aí é mau. São casas com isolamento muito básico.

Como estas pessoas transitaram de uma situação pior para aqui, diria que ficaram agra-decidos e se afeiçoaram e trataram. Todas elas têm um cuidado especial.

Eu diria que uma situação seguinte seria desfazer o bairro e ir para um lugar melhor. Estas pessoas tinham falta de instrução básica. Era uma população muito humilde.

Sara: Ali em baixo também é?

Dr. Prof. João Rebolo: É sim, o Vale Fundão. Aliás, daqui consegue-se ver o bairro todo. Esta pré-fabricação deveu-se aos tais 12 anos que eram supostos cá ficar, que era suficiente, para as pessoas se mudarem de um bairro de lata, para casas convencionais.

Sara: Tem aqui um grande desnível também.

Dr. Prof. João Rebolo: Um desnível brutal, o que mostra uma grande barreira.

A misericórdia fez um livro dedicado à PRODAC, no qual assume este bairro com uma beneficência enorme, e com uma autoconstrução, mas omitindo o facto de ser provisório. Aqui a grande diferença é que só tinham 1 piso, como se fossem moradias. A grande característica desta é ter dois pisos.

O estaleiro da PRODAC estava ali em baixo onde estava o centro de apoio. Aqui é uma língua, uma estrada, sem saída.

Há a características diferentes destas pessoas, que seriam as mais urgentes em termos de realojamento, e vieram para aqui.

Estas casas já foram transformadas, ainda há uma rua ali abaixo,

Este projeto teve arquitetura, naturalmente sem requintes nenhuns. Há aqui ideias de arquitetura, nomeadamente não fazer comboios muito monolíticos. Há ideia do desfase-mento das casas, o que não é habitual. Diria que os arquitetos ao fazer o que fizeram acertaram em cheio no que as pessoas queriam. Estavam habituadas à vida de bairro, do

bairro chinês, e depois vieram para aqui. Elas gostam disto, e em parte é por causa da organização. Dá muita familiaridade.

Isto já foram coisas que foram conseguindo com as organizações de moradores. É engraçado que há coisas que ficam a falar neste tipo de habitações, como espaços exteriores. O bairro Chinês ainda prolongava por ali fora, onde tinha uma bela vista. 10000 pessoas tinham-se de espalhar por uma área muito grande. 10000 habitantes é quase o número de pessoas de uma cidade pequena em Portugal. É brutal.

Como isto não conseguiu absorver a população toda, a câmara foi facultando casas à volta. O bairro Chinês era o maior bairro da zona oriental. Eu acho até, que era o maior bairro da cidade de Lisboa. Era difícil entrar, era perigoso, ... e isto ficou parado no tempo. Mantêm esta vivência, laços de vizinhança,

O choque da pobreza de Viseu que estavam ligadas à agricultura, não tinham casas de banho em casa..., portanto, vir para o bairro da lata já terá sido grande. De seguida, vir para aqui, terá sido o presente da vida delas.

No início eram desconfiadíssimos. Quando a minha orientadora dizia que haviam almoços grátis, o pessoal desconfiava desse almoço, do “porquê”. Achavam esquisito.

Esta volta é lindíssima.

Sara: Pois é.

Dr. Prof. João Rebolo: Ainda tem um ar de quinta.

Sara: E esta casa é abandonada?

Dr. Prof. João Rebolo: Isto são construções da rua. Um núcleo de construções, provavelmente clandestino.

Aqui claramente a casa pré-fabricada, com dois pisos. Depois aqui uma tipologia tem uma escada a meio, que fazia a distribuição para os dois lados. Quatro tipologias.

A densidade é muito grande, nós não temos bem noção. É maior do que na Expo. Os prédios grandes não querem dizer nada. Há imenso espaço à volta. Aqui está tudo denso.

Sara: Muitas planas também.

Dr. Prof. João Rebolo: Isso mostra o investimento. Os minijardins também muito bem arrançados.

Há uma coisa que não mostrei. Um anfiteatro ao ar livre, que foi feito por desempregados do bairro pela comissão de moradores. Arranjaram um financiamento da câmara, e a própria população, disponível, agarrou numa inchada e começaram a construir, orientados por o José Augusto.

Foi contruído em poucos meses. Depois na parte final, os grupos de autoconstrução ajudaram-se uns aos outros a fazer os vários acabamentos dentro da própria casa. A pintura não tenho a certeza como foi feita.

Algumas casas até já têm um ar de habitações económicas de Salazar, não é?

Não parece Lisboa, parece um subúrbio. Marvila também. Os tais arquitetos começaram a desenhar ao gosto deles, mas aqui a proximidade conjugou-se.

Está ali o anfiteatro. Quando há espetáculos, usam este espaço. Não é muito grande, é uma intervenção modesta. De qualquer maneira, dá para ver.

Sara: Mas é engraçado terem sido aqui as pessoas da zona a construí-lo.

Dr. Prof. João Rebolo: Sim, lá está. É uma ideia minha, mas o espírito de grupo inicial, tentaram fazer uma ligação entre as pessoas, e acho que há esse efeito até agora.

Há desconfiança. No início, quando fiz perguntas aqui às pessoas, havia uma certa retração, por ainda não estar legalizado. Tirando isso, deu para ver que funcionam bem com a associação de moradores. Quando percebem que é do seu interesse perdem essa desconfiança.

A maneira que isto está adaptado ao Vale toma uma certa adaptação de vida.

Sara: E o que é que acha que seria um centro comunitário para aquela zona ali de Marvila?

Dr. Prof. João Rebolo: Tem uma área de intervenção muito grande. Aqui já há os pequenos núcleos. O que pode acontecer, é que as pessoas não gostem de ir a um centro onde vai toda a gente, onde se podem misturar outras comunidades.

Sara: Então não é uma boa ideia misturar?

Dr. Prof. João Rebolo: Depende da reação das populações. Eu acho que é impossível prever, é muito difícil. Eu diria que naquela localização já não teria tanto impacto na população da PRODAC que já vive a sua vida. Acho que é uma comunidade relativamente autónoma, parece-me. Tenho ideia que eles vivem aqui felizes, apesar de serem casas sem muitos meios. Investiram, fizeram muros... estão ligados a isto.

Sara: Então acha que não precisariam do centro comunitário naquela zona?

Dr. Prof. João Rebolo: Talvez, depende do que lá se passar. Poderá ser útil. Podemos agora contornar o muro. Só me oriento pela parte Norte ou Sul, ou a saída que tem os apoios da misericórdia.

Sara: Existem ruas sem saída aqui?

Dr. Prof. João Rebolo: Não, a maior parte têm saída. Estamos a ir bem. Estas são as últimas casas do bairro. São bastante modestas. A ideia que me dá, é que a PRODAC funcionava ali, faz sentido. Isto era a rua José Patrocínio, conheço isto pelas fotos. Era aqui que funcionavam os serviços administrativos. Pela proximidade faz todo o sentido.

Sara: Aqui estamos na bela vista que vimos há pouco.

Dr. Prof. João Rebolo: Sim.

Sara: Agora uma última questão: A longo prazo, consoante todos os projetos a acontecer em Marvila, que impacto terá o centro comunitário na comunidade?

Dr. Prof. João Rebolo: Claramente estará dependente da maneira que for vocacionado, ou seja, estas populações sofreram várias gentrificações. Pessoas que vieram de Viseu. Custou a adaptação a Lisboa. Viver num bairro Marginal, bairro chinês. Já foi uma dificuldade em termos de integração.

A interação dos assistentes sociais e os sociólogos no bairro chinês, para vencer a desconfiança inicial, fez-se centros de apoio. Alguns cuidavam de crianças, onde se começava a ganhar um certo grau de confiança com as famílias, para se abrirem, para se conseguir fazer um cadastro. Começaria por aí. Na minha visão, esses centros comunitários,

eram relativamente pequenos (100 metros quadrados cada) foram um início de um convívio, que num bairro de lata não existia. Portanto, acho que faz todo o sentido, mas com apoio direto à população, tendo ideia de bairro.

Não há nada mais triste que um bairro que não tenha centros, ou que haja e as pessoas não se querem encontrar, que também pode ser um problema.

Sara: Chegámos ao palácio, que também é uma pena estar em ruína.

Dr. Prof. João Rebole: Sim, é quase uma fatalidade. Pode ter sido uma quinta que ainda tenha problemas legais para ser resolvido. A câmara terá expropriado algumas destas quintas e os proprietários foram embora, nem quiseram saber. Pode também agora vir a ser um museu.

A biblioteca poderia ter-se instalado aqui, não sei se seria mais caro, mas tem de se pensar nas potencialidades, não é deixar num estado de degradação grave.

Para já, a entrada é muito engraçada. E dá para fazerem a relação com o centro.

Dr. Roberto Falanga e Dr. João Martins

Dr. João Martins: Agora estamos na Av. João Paulo VI, que é uma avenida importante, que separa, no nosso caso, o nosso território ROCK, da Zona J.

A Zona J, tendo um processo que começou em 75, teve várias vagas de construção, associadas ao realojamento de alguns retornados portugueses, e é um bairro maioritariamente negro, tendo essa dinâmica particular, em relação aos outros bairros.

Esta Av. João Paulo VI, simboliza também de certa forma uma fronteira entre estas duas povoações: uma mais africanizada, na parte de cima, e depois na parte de baixo, depois há de ver.

Eles nesta rua não param a passadeira, e é um problema também. O facto de ser muito larga cria uma barreira.

Como estava a dizer, estes edifícios brancos que estamos a ver aqui, foram construídos em 2011. Foram as construções mais recentes de grande escala de Marvila.

Dr. Roberto Falanga: Sim, o primeiro empreendimento do Renzo Piano, o primeiro, foi em dois mil e...?

Dr. João Martins: o processo iniciou-se em 98, mas acho que tem construção em 2015/2016, no máximo. O que temos hoje em dia, é a construção já do segundo, que já está totalmente construído, mas não foi totalmente vendido. O Renzo Piano começou em 98, com um processo associado à Expo 98, mas depois a cidade parou. Foi vendido a diferentes grupos imobiliários, e pensamos nós que este será o último promotor, porque já houve compras e vendas em planta e fora da planta. Agora, estão a fazer a venda do segundo.

Pensa-se na construção de 12 edifícios, e ainda estão apenas 2.

Sara: Sim, nós numa primeira fase de análise, estudamos isso.

Dr. João Martins: Estes edifícios brancos que estávamos a falar há pouco, foram construídos por uma corporativa, e tem uma marca diferente em relação aos outros: as garagens, o que cria uma barreira para o exterior.

Em 2011, 30% destas casas ainda estavam à venda. Ainda era difícil de perceber o que ia acontecer a estes edifícios.

O teu lado direito, os edifícios não têm as cores originais, aqueles azuis e aqueles rosas. Durante os anos 80, houve uma primeira fase de construção do Condado da Zona J, aquelas torres brancas. São de 75, que são os primeiros edifícios. A proposta era muito “à francesa”: grandes, em altura, realojamento de populações, ... Depois dos anos 80 parece que houve uma certa mudança. O próprio edificado baixou de cota. Não densificar demasiado.

Este bairro já perdeu alguns dos seus edifícios, devido a questões que tinham haver com tráfico de drogas, nomeadamente o prédio do corredor da morte, em 2009. É um bairro que tem todas as dinâmicas associadas à palavra *ghetto*, associado à segregação, de empregabilidade, e também associado a problemas juvenis.

É um bairro que ao contrário dos que vamos ver lá em baixo, tem alguns idosos, tem uma percentagem próxima aos idosos que existem na cidade de Lisboa. E o que é que este bairro tem? Muitos jovens e crianças.

É um bairro que tem uma dinâmica muito forte ligada às crianças, juventude. Para além disso, este bairro tem 3 escolas dentro.

O Condado, é o bairro que todos os antropólogos já trabalharam. Este e a Cova da Moura são dois modelos.

São bairros que já existem há muito tempo, bairros negros. Existem efeitos de racismo para quem olha para estes espaços, são dois bairros que têm problemas de delinquência constante e que mediaticamente são muito conhecidos. A expressão “Zona J”.

Agora estamos a abandonar a zona do Condado, e a aproximar-nos do Palácio dos Alfaiates.

Do teu lado direito tens o estádio Oriental.

Dr. Roberto Falanga: Deixa-me só dizer mais uma coisa em relação à Zona J e Cova da Moura.

Uma coisa interessante é que a Cova da Moura sempre se chamou assim. Umas das coisas que às vezes se discute é o branqueamento de certos nomes. De repente, bairro do condado começa a sobrepor-se. Quer dizer, sempre existiu, mas sempre foi chamado Zona J. Agora, de repente, coma operação de marketing territorial, tudo se torna Marvila.

Quando se apanha um táxi, e pedes ao taxista para te levar à biblioteca de Marvila, as pessoas não sabem, porque não sabem fazer a conexão do que era antigamente o nome de um sítio, e como é chamado agora.

Dr. João Martins: E a junta de freguesia teve de fazer este trabalho. Assim, é também uma forma de criar fronteiras nos territórios.

Estes territórios eram ocupados por quintas e os nomes são recuperados dessas mesmas quintas. O problema é que, num processo de construção, muitas destas fronteiras foram apagadas. Os caminhos que eram a circulação nessas quintas, hoje em dia talvez exista um edifício, logo, as pessoas têm dificuldade os caminhos, pois fisicamente todo o território mudou.

Bom, a palavra “Chelas”, vem da “estrada de Chelas”, e o plano estava exatamente no centro.

O plano tem um conjunto de Zonas. Nós estamos na zona J, aquela zona lá em baixo é a zona L, a Falmenga é na zona N1. Muitas das zonas não foram feitas, ou não foram construídas exatamente como no Plano.

O estádio do Oriental é de um clube relativamente pequeno de Lisboa. É principalmente para a população aqui à volta. É o resultado de 3 clubes industriais: o clube de futebol dos Fósforos, Marvilence e de Chelas.

O que eu sei sobre isto, foi que foi o presidente dos Fósforos que comprou e cedeu ao Oriental.

O Oriental funcionava muito também, nos anos 50, como um clube de gestão política, onde se uniam operários e trabalhadores.

Estas cooperativas aqui ao nosso lado esquerdo, deram-se no final de 1981. No início, o processo tinha-se iniciado antes do 25 de abril, associado a um conjunto de caixas económicas. Encontras 3 nomes de 3 corporativas diferentes. Existe a ESAI, por exemplo. Desejou-se que estes edifícios de cooperativa tivessem um conjunto de lojas a nível do Rés do Chão, para comércio e também para dar vida a este espaço.

Como vês, a vista é espantosa, mas, como se consegue ver todas as lojas estão fechadas. Não quer dizer que algumas não sejam usadas.

Aqui, conseguimos ver que falhou completamente a tentativa da câmara municipal de tentarem ocupar isto de alguma forma dinâmica. Isto aqui tem um enorme potencial.

Sara: Isto é propriedade privada, não é?

Dr. João Martins: Sim.

Sara: Até pode haver um acesso daqui ao Palácio dos Alfinetes.

Dr. João Martins: Sim. Se estas lojas também estivessem ocupadas pelos moradores, ou alguém que tinha de ter uma ligação forte com eles, era bom, porque se não, em contrário a loja é arrombada e roubada. O espaço é inóspito, muito vazio e à noite é fácil fazer este tipo de coisas. O que poderia acontecer neste espaço? Tem uma grande potencialidade para crianças, para jovens. Infelizmente não está a ser utilizado.

A opção que eu veria aqui são empresas, escritórios, atividades económicas que necessitam de um espaço.

Dr. Roberto Falanga: Ou então, e o Dr. Henrique depois poderá falar melhor, os projetos, ao abrigo do projeto ROCK com Rés do Chão, é a ocupação de lojas, com fins de dinamização comunitária.

Dr. João Martins: Bom, em relação ao Palácio dos Alfinetes, tinha uma ocupação religiosa no séc. XVIII/XIX, passou a ser propriedade do Marquês de Abrantes, que o transformou numa fábrica de fazer alfinetes.

Depois terminou, e a informação que me deram foi que nos anos 80 é que isto era uma garagem de carros, e que era também um sítio de consumo de heroína daqui de cima, principalmente ligado ao Condado.

Na altura do bairro chinês, o palácio era um sítio feio e um sítio para não passar. Nessa altura, aqui em baixo, existia o maior bairro de barracas de Lisboa, o bairro Chinês. Este bairro era composto por quintos interiores. Vamos por ali.

Sara: Dá para sair ali?

Dr. João Martins: Dá. Essa é outra. Quem constrói estes espaços, normalmente não é muito fácil de perceber os acessos. Parece que não houve racionalidade, ou que houve uma dificuldade em fazê-los. Normalmente, nestes territórios é sempre difícil perceber qual é a saída.

Dr. Roberto Falanga: Repara uma coisa, que as únicas lojas que estão abertas, uma é de tatuagens e a outra é de lavar roupa.

Dr. João Martins: Esta empresa de lavagem de roupa, pode estar aqui como pode estar na China.

O bairro não tem metro, e vir para estes territórios não é a coisa mais fácil.

Sara: O comboio está mesmo aqui ao lado.

Dr. João Martins: Sim, mas são poucos horários.

Dr. Roberto Falanga: O problema do apeadeiro é que o comboio é de 30 em 30 min e no fim de semana o comboio não para.

Dr. João Martins: Aqui em frente tu tens as estruturas daquilo que seria a Fundação Luso-Brasileira. Eu já ouvi várias pessoas a falar sobre isso...

Dr. Roberto Falanga: Passamos para dentro?

Dr. João Martins: Se calhar é melhor não, porque podemos encontrar alguém a viver ali. Então, estas estruturas do Arquiteto Óscar Niemeyer estão alagadas, com água.

Sara: O Arquiteto sobe a laje, com que ele deixe aqui um “beco”, que acho que não é nada boa ideia para este local.

Dr. João Martins: Eu vi um desenho que não me dizia nada, mas vocês arquitetos sabem melhor que eu.

Sara: E depois a laje como subia ficava ao nível do Palácio.

Dr. João Martins: Com projeto ou sem projeto do Arquiteto, o que é significativo para mim e ainda não percebi, é quem é o responsável por este território: se é da câmara ou se foi cedida, etc.

No plano do Marquês de Abrantes, este território aparece vazio, não existe qualquer desejo de alterar qualquer coisa aqui. Mesmo tendo estrutura verde, não há hortas urbanas, não existe nenhum processo específico para o utilizar como zona verde.

Dr. Roberto Falanga: Também uma coisa interessante são os acessos informais que existem.

Sara: À hora de almoço vi também aqui um rebanho a pastar aqui.

Dr. Roberto Falanga: Sim, em frente à biblioteca também.

Dr. João Martins: Os acessos informais também nos podem dar outras pistas, como a possibilidade de haver uma tenda.

Aqui à tua direita, no bairro das Salgadas, foi o primeiro processo de realojamento do Bairro Chinês.

Encontra-se a associação de moradores das Salgadas e dos Alfinetes. Temos informação de estar a ser criada uma nova associação dos Alfinetes, separada das Salgadas, por várias razões: as populações diferenciam-se, conseguem identificar de que bairro és, quando existe uma separação de 50 metros.

Chamamos a esta zona quarto crescente porque tem esta zona do bairro das Salgadas, PRODAC, Marquês de Abrantes e dos Alfinetes. Têm um grupo comunitário com esse nome.

Sara: Então para vocês o que caracteriza Marvila pode-se dizer que é o Quarto Crescente?

Dr. João Martins: É a justa posição exatamente das duas, ou seja, desta Marvila de habitação realojada, de habitação social, e naturalmente Marvila de baixo. O que acontece, é que estão a funcionar em tempos e em processos diferentes, e parece que são duas Marvilas.

O Quarto Crescente é importante para nós por uma razão fundamental: é a biblioteca de Marvila.

Esta biblioteca marca uma grande centralidade no território e a possibilidade de aceder à população e à informação que não terias noutra território. O que leva à tua questão: está é a verdadeira Marvila? A outra é uma Marvila realojada?

Essa visão pode ser um pouco dúbia. Por um lado, eles reconhecem-se uns aos outros, por outro, estes também querem saber o que vai acontecer lá em baixo, porque quando isto encher e começar a ter outra dinâmica, os territórios vão ser mais relacionados.

Dr. Roberto Falanga: Eu deixava isto no condicional, pois pode acontecer, mas também pode não acontecer. Enquanto é claro, o processo de gentrificação e regeneração, o que está a acontecer aqui ainda não é claro. Um grande ponto de interrogação.

Dr. João Martins: Antes que me esqueça, ainda sobre o bairro das salgadas. Aquelas pinturas são resultado de um *graffiter*, que é o Flix, que veio associado ao festival MURO, em 2017.

No lado do Marquês de Abrantes, correu tudo às mil maravilhas, a população participou. Não gostam muito dos motivos, que são a América Latina. De facto, distancia desta população, não têm nada em comum com isso.

No caso das Salgadas, não foram feitas nas empenas porque a associação de moradores faz um baixo assinado, recusando. Diziam que elevavam um carácter pesado do bairro, que teria mais fama de criminalidade, e assim recolheu-se assinaturas para não serem feitas as pinturas. Só foram feitas nas fachadas das lojas, a mando da câmara municipal, que também estão vazias, sem utilidade.

Queria chamar-te à atenção para este espaço verde que vai até à linha do comboio. Estes edifícios amarelos e azuis. O primeiro foi de 95, depois em 2001 e 2005 terminam a construção toda à volta e ficam uns conjuntos vazios.

Estes vazios estavam dedicados a um conjunto de cooperativas, que a seguir ao 25 de abril faliram, e os terrenos ficaram. A câmara municipal de Lisboa neste momento propõe-se a construir 4 edifícios, em renda acessível.

Sara: São uns em forma de “U”?

Dr. João Martins: O problema é esse! São cubos, são fechados. O único que vai ser em U é o ao pé da Biblioteca que necessariamente tinha de estar aberto, tem alguma lógica. Agora, entre aqui e a linha de comboio, os edifícios vão ser cubos, não havendo relação com os moradores de fora. Presume-se que não haverá relação.

Isto é um processo, e em Marvila está a acontecer muito isto. Recebemos informação que alguém comprou um terreno ou que está para, até isso se proporcionar passa muito tempo. A sensação que se tem muitas vezes é que estas notícias são plantadas também na comunicação social, para fazer algum *buzz*, e para aumentar o metro quadrado, etc.

Em relação à renda acessível, há um aspeto muito particular, quem vai financiar estas habitações e investir.

São privados e implicam um investimento de 50 milhões de euros.

Ao nível da reprodução da capital da cidade de Lisboa, 50 milhões de euros é um investimento grande para uma renda demasiado baixa. Então, há aqui algumas dúvidas sobre isto. Há potencialidade de gentrificação, mas quem é que o vai fazer?

Dr. Roberto Falanga: Vamos agora passar por uma loja que foi cedida ao Rés do Chão. A ocupação desta loja é também um projeto do projeto ROCK. Esta loja representa um piloto do que poderá ser feito noutras lojas.

Dr. João Martins: Nós já fizemos duas atividades aqui. Fizemos um mapeamento com uma arquiteta, estilo Kevin Lynch. Foi entregue à população um mapa e pedimos várias coisas. Primeiro pedimos para mapearem os sítios que moraram antes, e tiveram muita dificuldade, por estar tudo diferente, pedimos para identificarem pontos positivos e pontos negativos, e funcionou bem. A segunda foi com fotografias. Tivemos uma família que nos foi mostrando fotografias das suas memórias.

Este espaço, tem ali a linha de comboio e logo do outro lado tem o campo ferroviário, um espaço alugado.

Há também um esforço desta zona de cima para crescer. Aquela zona da rua de Marvila é uma zona que não tem circulação por baixo, chegas ali e terminas. Permite duas coisas:

habitação mais reservada e afasta-te do resto da cidade. Estás a ver o rio, mas não te encontras num sítio com grande concentração de pessoas.

Sara: Também não deve ser muito agradável com a linha aqui mesmo ao lado.

Dr. João Martins: A ideia é que a partir das 23h já não ouves comboios. Mas sim, há de sempre ouvir.

Estas hortas, tenho dúvidas se são legais ou não.

Dr. Roberto Falanga: Aquela é a fábrica da Padaria Portuguesa.

Dr. João Martins: O espaço também tem muitos armazéns vazios.

Sara: Isto tem passagem aqui?

Dr. João Martins: Sim, mais uma vez não parece.

Esta, é a praça dos C's, e aqui tem a biblioteca.

Como eu estava a dizer, a biblioteca é um ponto fundamental de Marvila. O edifício a cor de rosa, fazia parte da antiga quinta das fontes. Tem um canal de comunicação com a biblioteca.

Não é a biblioteca que tem mais títulos. O objetivo tem haver com a biblioteca como centro comunitário. Ganharam aos miúdos através de uma sala com jogos. É o centro de reuniões, de festas, de coisas que a comunidade queria fazer.

Sara: O que eu também queria fazer com este centro comunitário é que não seja uma competição e que seja um complemento. O que leva à minha próxima questão: o que é um centro comunitário para este local?

Dr. João Martins: Tu já conheces a PRODAC. A PRODAC é um centro de propriedade da santa casa da misericórdia.

No teu projeto tens de ter noção disso. Que já existem valências que eles já têm e um conselho muito claro: não proponhas valências que já existem. Porque naturalmente estás a pôr-te em competição.

No condado, o centro paroquial funciona de alguma forma como a PRODAC, mas no condado, eles não entram em competição porque trabalham em espaços diferentes. Volto a recordar: Bairro negro e bairro branco/cigano.

A biblioteca surgiu há dois anos, e é uma coisa pesada. Naturalmente se pudesse dar mais conselhos, era falar com estas 3 entidades.

Nesse centro comunitário, que essas identidades confluam. Ou seja, em vez de tentares perceber o que é que os outros não fazem, que se juntem nesse espaço. A câmara municipal deseja isso, mas às vezes elas não querem, pois competem. É importante ter esta noção.

O aspeto mais difícil que eu sinto nestes territórios, é eles sentirem que nós temos financeiramente, possibilidades de uma melhoria de qualidade de vida, e eles não vêm essa alteração de qualidade de vida.

Dr. Roberto Falanga: Dia 5 de Fevereiro à tarde, vamos ter uma reunião, com os autores institucionais mais importantes da área, para fazer o ponto de situação de o que é que está a acontecer neste território. O que está a acontecer é uma sobreposição de atores, no território, que acaba por prejudicar os próprios atores e “cansar” a população local.

Em nome do projeto ROCK, que já tem 1 ano e meio, mas nem tudo aquilo que deveria ter acontecido já aconteceu. Os tempos de realização nem sempre são os tempos de expectativa das pessoas, e temos de ter muito cuidado com isto. É um fator importante a ter em conta, de não iludir a comunidade.

Dr. Roberto Falanga: Nós temos interesse em que o bairro fique melhor, e a câmara municipal de Lisboa tem interesse naturalmente político para este território.

Dr. João Martins: Bom, ali no “Piano”, 30% dos moradores já são proprietários das suas casas. Houve ali um esforço por parte dos moradores. Confluem-se aqui moradores de alojamento, moradores de venda, que por vezes pode trazer dificuldades.

Estas lojas, como consegues ver, estão todas ocupadas, com diferença do resto do território. Aquele supermercado é o mais frequentado desta zona. De alguma forma este “largo” funciona.

É interessante que o bairro de Marquês de Abrantes tem duas associações de moradores. Uma que surgiu naquele edifício ali, que surgiu no processo de realojamento. E esta surgiu posteriormente. Competem as duas pelo mesmo espaço.

Este terreno que estamos é particular por aquele senhor que conheceste com as ovelhas. Aquela casa verde. Vive lá um casal. Há 20 anos atrás, nem todos os proprietários aceitaram o processo de desapropriação da altura, e estes foram uns deles.

Manteve-se o território muito largo, que é mais um espaço vazio do bairro, em que falta claramente utilização de espaços, faltando urbanização.

Diz-se que o processo no tribunal está avançado, o que vai fazer com que sairão dali nos próximos tempos, voltando para a terra natal.

Aqui não existe qualquer tipo de uso. O presidente da Oriental disse-me que este terreno ia ser cedido, e iriam criar um poli desportivo. Talvez mais desejo dele que outra coisa.

Entretanto, ao lado esquerdo, é um dos projetos que tivemos conhecimento em Marvila.

Um grupo de moradores queria também criar um ciclo via, aqui como podemos ver.

Estes edifícios são da Quinta do Chale, com realojamento em 81. Realojamento do bairro chinês e a percentagem é muito elevada, por volta dos 30/40%.

O bairro tem um ar simpático. Limpinho, o que dá alguma dinâmica, e também aqui houve casas de rende convencionada postas a concurso. Ou seja, casas vazias, que a câmara tem, que depois mete a concurso.

Agora podemos voltar à Junta de Freguesia.

Na PRODAC, também não há uma boa lógica de acessos. As casas têm mais ou menos o mesmo tamanho. Processo de autoconstrução, e tiveram todas um toque.

Sabes que na PRODAC estão em processos de regularização da propriedade? A câmara municipal, através de dois BIP/ZIP's.

Sara: Foram aprovados?

Dr. João Martins: Sim. Saltou-se por cima do regulamento. Nós tivemos acesso ao gabinete de projetos de autoconstrução e aqui foi claro que houve uma certa facilitação do processo. Para arquitetos há falhas graves na distância entre casas, humidade, temperatura, etc. A câmara, através de um BIP/ZIP, quis saber quantas casas existem, quanto

tamanho têm, e quantos moradores. Foi calculado a diferença entre as rendas que as pessoas pagaram até agora e o restante. Decidiu-se preço pelo metro quadrado, e agora estão a fazer o pagamento. Estamos a falar de valores de 6000/7000 euros.

Acho que é um bairro diferente de todos os outros, por ser de autoconstrução. Especialmente para arquitetos, acho que é olhar um pouco para a aldeia dentro da cidade, e a uma recriação.

Sara: Não parece Lisboa.

Dr. João Martins: O que aconteceu foi que estas zonas foram sendo esquecidas. O Vale Fundão era uma floresta. Foi limpo pela câmara Municipal e foi cedido à população. Não houve uma gestão inteligente da organização dentro do bairro. As pessoas chegavam, montavam a sua casa, independentemente do que acontecia a seguir.

A forma que os arquitetos olhavam para este tipo de edificado há 10 anos atrás, é diferente para a que olham hoje. Via um enorme preconceito, do género, “mas quem és tu para construir?”, e hoje em dia não se vê essa perceção. Também a câmara Municipal mudou a maneira de olhar para este bairro, para estes espaços. Agora é visto como pitoresco.

Sara: Uma última questão: A longo prazo, consoante todos os projetos a acontecer em Marvila, que impacto terá o centro comunitário na comunidade?

Dr. Roberto Falanga: Tens de ir no evento de dia 5 de fevereiro e descobrirás!

Dr. João Martins: A questão é sempre potencial e não sabemos quais são as transformações, e não sabemos o público que virá. Em relação ao centro comunitário que seja feito aqui, tem de estar necessariamente ligado aos residentes. Esta área vai ser necessária não só pelos residentes, e é de alguma forma triste, sendo Marvila tão rica em termos históricos.

A visão que tenho é que não há a tentativa de valorização desse património, como por exemplo Londres ou Nova Iorque. Portanto, acho que a resposta é pensar realmente em quem vive cá, e na história. Têm problemas desde sempre, onde se irá juntar também as transformações lá em baixo, que naturalmente vão ter que subir. Em que ritmo e quando? Não sabemos.

Sociólogo Henrique Chaves

Sara: Começando então com uma questão base: o que acha que caracteriza Marvila?

Sociólogo Henrique Chaves: Para mim, é claramente uma divisão territorial que existe aqui em cima e na Marvila velha: tens a zona de Chelas, que vai até lá acima, e aquela zona de baixo. Durante muito tempo estas partes foram sedimentadas como “Chelas”, sendo como outra freguesia.

Recentemente houveram alguns artigos de Lisboa, sobre a introdução da “Emel” na freguesia de Marvila (não há aqui ainda), e nesses artigos falam da questão de Chelas e Marvila como sendo dois bairros diferentes. Separam sempre estes espaços. É um discurso vincado.

Sinto aqui que os moradores se sentem como Freguesia de Marvila, e a ideia de Chelas está a ficar apagada. Havia placas que diziam “Chelas” que estão a ser retiradas. Também está a ficar esquecido alguns nomes de bairros, como Zona J ou I, mudando para bairro do Condado e Armador.

Então, nestes bairros específicos, o nosso trabalho tem sido feito no bairro Marquês de Abrantes, Alfinetes, Salgados e no bairro do Condado, zona J. Foi sempre situado tanto no espaço público como em ojas.

Sara: Sim, porque o vosso trabalho é “habitar” o rés do chão dos edifícios, certo?

Sociólogo Henrique Chaves: Sim, mas também é também intervir no espaço público. É ativar estes dois eixos.

Fizemos um mapeamento de todas as lojas que haviam nestes bairros todos, com o objetivo de perceber se estão fechadas, abertas, abertas com o quê, com que tipo de comércio ou serviço, a que horas abriam e a que horas fechavam, entre outros. Depois, também tentámos perceber que tipo de associações haviam cá no território e qual era o tipo de trabalho que faziam. Muitas das associações estão no território há uma década ou duas, e de momento não fazem muitas atividades associativas. Acaba por ser um espaço de convívio entre pessoas mais velhas do bairro.

Outra coisa que se mapeou foi o espaço publico. Tentámos perceber a história da freguesia.

Este espaço era para ser transformado numa associação luso-Brasileira...

Sara: Sim, do Arquiteto Óscar Niemeyer.

Sociólogo Henrique Chaves: Sim.

Sara: Sim, mas já não vai acontecer, só tem um bocado de laje.

Sociólogo Henrique Chaves: Sim, até há um bloco de pedra aqui que diz: “Aqui será construído o projeto de associação luso-brasileira do arquiteto Óscar Niemeyer”.

Já houve uma criança que morreu aqui. Foi antes de começarmos o nosso trabalho.

Sara: Aqui?!

Sociólogo Henrique Chaves: Sim. Já tinham construído as lajes de edificação do projeto do Niemeyer. Depois a empresa faliu e houve uma entrega de terreno à câmara.

É importante saber isto: Este terreno foi oferecido pela câmara à fundação luso-brasileira, e esta fundação quando fica falida e vende o terreno à câmara de volta. Isto também é um processo de realidade política, coisas que se fazem com fundos públicos.

A laje foi feita depois da criança morrer. Depois, deixa-se de construir, e fica um processo inacabado.

O que eu quero dizer é que não se avança com projetos aqui no território que o podem qualificar, e deixam-se as coisas assim inacabadas e abandonadas num terreno.

A escola que está ali em frente é também uma delas, que foi desativada para a construção da terceira ponte.

Este território passou por várias transformações e processos de intenções que não avançaram. Uma delas, foi a construção de um pavilhão desportivo neste terreno em frente à biblioteca.

Sara: No PDM diz que é uma extensão da escola, tendo uma creche também.

Sociólogo Henrique Chaves: Sim, e era para ser um pavilhão, e desativaram todas as hortas urbanas. Todas as pessoas que tinham aqui as suas hortas, tiveram de se desapropriar do espaço, porque o espaço é da câmara e depois no fim, não avançaram com a construção.

Falando com pessoas na rua e fazendo inquéritos, nota-se que as pessoas sentem esta frustração. As pessoas começam a lutar pelas coisas e depois ninguém faz nada, e ainda por cima tiram o que já têm feito.

A questão da ponte foi, que o Sócrates já tinha intenções de construir o TGV. A ponte começava aqui, mas depois as obras não avançaram. Ali, na linha de comboio quase ao pé de Braço de Prata, há uma ponte que era uma das pontes que ia ser utilizada na construção de mais linhas. Há montes de coisas que ficam em suspenso e uma pessoa questiona-se para que é que servem.

Um exemplo positivo deste território é a Biblioteca de Marvila. Quando foi construída, as pessoas não a queriam, querendo uma esquadra naquela zona.

Isso é ainda outra questão, que é o que as pessoas querem, e o que é realmente feito. As pessoas não acreditaram até ao fim que isto ia ser uma biblioteca, até ao último momento quando foi colocada a placa com o nome de “Biblioteca de Marvila”. Quando a biblioteca é ativada e começa a ter atividades, notámos que ela foi muito bem recebida pelas pessoas. Para perceber isso, é ver à nossa volta o que é que está vandalizado, e ver que a biblioteca não o está.

Sara: É verdade.

Sociólogo Henrique Chaves: Tem um uso brutal para crianças e jovens do bairro, e não há um único grafite nas fachadas da biblioteca, e aqui é uma zona muito propícia a grafites. Se reparares, quando as aulas acabam, vão muitas crianças para a biblioteca.

Há um investimento e um interesse brutal no apoio aos jovens, com *videogames*, não é criminalizado e é incentivado numa forma mais pedagógica.

É possível fazer coisas num território se as pessoas fizerem para elas. Acho que como uma moradora nos disse uma vez: “é importante que as pessoas percebam, que somos

peessoas como outras quaisquer, e se quiserem trabalhar neste território, têm de perceber o que queremos e conversar connosco”.

Esta zona do bairro tem muito espaço publico por dentro dos edificios, como pátios. Ali tem um campo de futebol.

Agora, as lojas aqui nesta zona, percebemos que estavam fechadas, e quando estão abertas são mercearias ou cabeleireiros.

Depois há coisas engraçadas, como a estátua de S. António, que as pessoas pediram à câmara para a ter aqui e ajudaram na construção.

Há mais símbolos religiosos pelos bairros. No bairro Marquês de Abrantes tem outra coisa vincada religiosa.

Ali à frente, tem o campo de futebol um parque infantil, e depois temos lojas em péssimas condições. O que nós exigimos como associação, é que as coisas que se passam nas salgadas passem para o resto do bairro, sendo que seja importante que não se repliquem respostas. Pedem muitos campos de futebol e de parques infantis, mas já há bastantes.

Vou-te mostrar dois muito próximos uns do outro. Este, foi requalificado há pouco tempo, tem menos de 1 ano e meio e o outro que está mais numa zona com maior presença cigana, está em péssimo estado.

Nesta zona aqui vivem mais pessoas do antigo bairro Chinês. Ali em frente eram pessoas que viviam na Curraleira.

Então, este bairro, como eu estava a dizer, têm uma maior presença cigana e são feitos em alturas diferentes. São muito isolados. Para nos movimentarmos há uma dificuldade de mobilidade.

Outra questão é que todos os bairros estão separados em “minis ilhas”. São separados por ruas muito largas como esta, que faz com que os carros andem a uma velocidade maior. Esta limitação de bairros fechados entre eles, na minha opinião, faz com que, o parque infantil ou o campo futebol seja, somente para o “seu bairro” válida, pois para eles não é suposto andar entre bairros. Está tudo sedimentado entre eles.

Tem uns pilares aqui que não servem para nada e que são utilizados pelos moradores para estender a roupa.

Este parque infantil está completamente desativado, e quando se falou com as pessoas daqui, disseram que achavam isto indecente. O campo de futebol é usado, mas está um bocado em más condições.

Se olhares com atenção aos bairros aqui à volta vais encontrar elementos arquitetónicos que não fazem muito sentido: bolas pelo chão, ou no final de um edifício, entre outros.

Por exemplo, na zona J, existem por volta de 40 associações e por volta de 10 são de deficientes. Começamos também a olhar para o território com outro olhar: como é que um deficiente anda pelo território?

Uma vez, estava aqui nas Salgadas fazendo um inquérito, e deixei a bicicleta ao pé de um poste, e os senhores do café saíram todos preocupados, dizendo para eu não a deixar ali, que um cego poderia passar, não conseguindo calcular que tem um objeto, acabando provavelmente por se magoar.

Com isto, comecei a pensar que tinha de ver melhor onde metia a bicicleta. Agora também temos as trotinetes *Lime*, onde as pessoas deixam em qualquer lugar, não se preocupando com as pessoas que poderão não ver. A cidade que se cuide sozinha.

Aqui, isto pode ser controlado com uma educação social, dizendo somente para não se deixar a bicicleta, e levantam-se questões como: este território foi tão mal construído, se uma pessoa é cega aqui, com estas bolas pelo chão, uma pessoa com a bengala não deteta, podendo partir os joelhos a alguém.

Vou falar agora da Cristina, que é uma moradora importante desta zona, que luta e quer transformar o seu bairro. Esta senhora, lidera um processo de enfeitar esta praceta, cuidando de plantas e fazendo pinturas. Há um parque infantil que supostamente deveria estar aqui, e ela exige-o também.

Sara: Há muitas crianças aqui neste “bairro”?

Sociólogo Henrique Chaves: No geral há, na minha opinião a questão é de o parque infantil não ter a posição mais adequada.

Ela além de cuidar desta praceta, está nos grupos comunitários e em todas as atividades do bairro.

Ela é uma pessoa que cativa, e por vezes é convidada para ir a certos lugares pela câmara, falando sobre o bairro. Levantou a questão deste terreno daqui da frente e o que será que será feito. Assim, escreveu um plano, dizendo que queria um parque para aqui.

Sara: Que tipo de parque?

Sociólogo Henrique Chaves: Um parque, como um lugar de encontro.

Sara: É o que eu estou a pensar fazer no terreno lá em cima.

Sociólogo Henrique Chaves: Todo este terreno, chamamos de “ilha”. Estes terrenos entraram em concurso para habitação de renda convencionada.

Os moradores dizem que não estão contra habitação, mas que era melhor outra coisa.

Assim, ela veio ter connosco com uma proposta para este terreno todo, como um lugar de convívio, parque infantil, zonas de apoio a idosos, espaço verde e um espaço aberto. Pensou-se uma imagem boa de enquadrar a proposta, mas depois dissemos-lhe, que uma boa proposta para ir para a frente, tem de ter no mínimo de 5000 votos. Tendo em conta que Carnide ganha sempre, vai ser difícil.

Numa reunião ela conseguiu levar por volta de 50 moradores para se apresentar a proposta. Neste momento, se a proposta ganhar, ela vai ter que andar por lisboa a tentar ganhar votos. 5000 votos não são fáceis de conseguir, mas ela está disponível para isso. Nesta semana, o governo disse que um dos investimentos para 2020 é quadruplicar a linha de comboio.

Sara: Como assim?

Sociólogo Henrique Chaves: Quadruplicar tendo mais duas linhas ao lado.

Sara: Para haver mais frequência de comboios?

Sociólogo Henrique Chaves: Para disponibilizar via norte e sul, não urbanos.

Ao quadruplicar a linha, o espaço aqui à frente vai diminuir, e aumentar o nível de barulho. Aquelas árvores que estão ali, fazem barreira sonora para aqueles edifícios. O último

prédio está em cima da linha. É mais inteligente construir um parque aqui e fazer uma barreira sonora de árvores, do que habitação.

Sara: E o que seria um centro comunitário para esta zona?

Sociólogo Henrique Chaves: A ideia dela é que não seja um espaço fechado, mas sim um espaço aberto, como outro parque em Lisboa, tipo a quinta das conchas.

A nossa ideia é também ver um espaço muito estranho, como esta praça dos C's, e criar num espaço trabalhado e num espaço de convívio, que é o que a Cristina está a pensar para ali.

Já que existe muito esta ideia de construir parques infantis e parques de futebol, mais vale criar zonas de encontro que permitam também criar uma continuidade entre estas “minis ilhas”, e que estas zonas não fiquem fechadas entre si.

Sara: Então, com isto, o que seria um espaço comunitário para ali?

Sociólogo Henrique Chaves: Eu acho que a Biblioteca já tem algumas dessas valências de espaço comunitário. Mesmo que não tenha sido fundada com esse princípio, acaba por o ser.

Sara: Quando fizemos uma análise do local, notamos realmente que a Biblioteca era um ponto comunitário e importante. No meu projeto, estava a pensar em fazer um complemento, e não uma competição (daí a querer fazer também um espaço aberto). Também pedem um auditório e para não competir estava a pensar em fazer um anfiteatro.

Sociólogo Henrique Chaves: Sim, o auditório da biblioteca é muito bom e tem muito espaço. É gigante, tem uma boa qualidade. Faz-se festivais de cinema, entre outros.

A biblioteca responde a isto. Acho que pode ser preciso um novo espaço comunitário na linha de um espaço mais aberto, que não replique respostas e que esteja focado em pessoas idosas de todos os bairros.

Sara: Conhece o projeto do Arquiteto Óscar Niemeyer?

Sociólogo Henrique Chaves: Vi o projeto, sim.

Sara: Ele criou uma laje levantada, dando na cota do palácio dos alfinetes, criando um “beco” em baixo. Estava a pensar em pegar nessa implantação, tirando o beco, com salas

de apoio, e em cima com uma estrutura metálica, onde fosse uma parte versátil, pronta para inúmeras atividades. O desafio será trazer todo o tipo de pessoas e diferentes fachas etárias.

Sociólogo Henrique Chaves: E é isso que eu também acho da biblioteca. Ela consegue agregar moradores e pessoas externas ao bairro. Qualquer pessoa que venha fora da freguesia pensa que está aqui um bom edifício, e não está mais um edifício “de caridade” dado pela câmara. Está mesmo um investimento e uma responsabilidade da câmara.

Querem investir agora em pessoas mais jovens e investem também em pessoas idosas. Em simultâneo, posso querer fazer cá um festival no auditório e é-me permitido. É uma atividade que pode não ser atrativo para quem cá vive, mas é para quem está de fora, para vir a esta zona. É um espaço de encontro, dando uma nova vida ao bairro.

Para ti, há o “fugir” do que a biblioteca já faz. Contudo, acho que precisa de mais qualquer coisa. Aquele espaço é um espaço fronteira, para a zona J, e poderia haver um espaço de continuidade nestes bairros.

Também nunca pensei muito sobre o que era preciso fazer mais em termos de obras no território. Na minha opinião, uma coisa que se pode de pensar, é um espaço que consiga atrair pessoas de fora, que pode expandir de alguma maneira, mas que as pessoas de dentro sintam que fazem parte desse espaço e que possam ir para lá para qualquer coisa. Que acrescente algo.

Sara: Como é que se chamava a senhora moradora?

Sociólogo Henrique Chaves: Cristina Santos.

Sara: Talvez seja uma boa pessoa para eu entrevistar para a minha tese.

Sociólogo Henrique Chaves: Acho que sim, e ela é muito disponível. Não sendo uma identidade, vive aqui.

Eu vou estar com ela hoje, posso falar-lhe.

Sara: Sim, isso era bom. E assim até podemos falar mais daquele espaço que ela pensou para toda esta zona, e tirar algumas ideias.

Sociólogo Henrique Chaves: Tens mais questões?

Sara: Sim! A longo prazo, e com todas as futuras construções nesta zona, que impacto terá o centro comunitário na comunidade?

Sociólogo Henrique Chaves: Acho que a biblioteca promove uma ligação de bairros. Em relação à questão, tem de ser um espaço pensado para a freguesia, um espaço de encontro, para pessoas de fora como de dentro. O impacto é ir derrubando estas barreiras de “ilhamento” social.

A longo prazo, pode fazer com que se reforcem os transportes públicos, porque de momento não temos muitos. Ter mais acessos. Uma das coisas que os moradores exigem, é que o comboio passe ao fim de semana, por exemplo.

Quanto mais o território for valorizado, melhores coisas virão.

Uma caixa multibanco só existe a 1km daqui. Era uma boa ideia fazer algo em relação a isso. Um banco, por exemplo. Serviços gerais, como correio, etc.

Pensar em comércio, talvez. Um local onde tenha uma zona para esses fins.

Há coisas que se podem fazer, para responder a certas coisas. Das pessoas que cá vivem, as que têm o ensino superior não são muitas, e pode-se pensar também como mudar esta realidade.

Um espaço comunitário, para ter um melhor efeito em termos de qualidade no futuro, algumas coisas têm de ser pensadas, como: como é que este centro poderá ter implicações na educação.

Há uma população cigana que quer ser incluída nas coisas também.

Algo que senti muito quando falava com os moradores, foi um racismo muito grande, xenofobia, para com pessoas ciganas.

Pode-se pensar num espaço de co-working, e locais para associações.

As implicações vão até onde houver possibilidades de investimento para tal, mas havendo foco direto na educação, na cultura e na saúde também é bom.

Pensando nas coisas básicas, que às vezes nos fogem um bocado.

Para terminar, ligar o centro com espaços já existentes na cidade, para começarem a olhar para a cidade como sua, e que não se fechem entre bairros.

Moradora Cristina Santos

Sara: Portanto, agora é por onde quiser.

Moradora Cristina Santos: Podemos ir já por ali?

Sara: Sim, sim pode ser. Podemos dar essa volta.

Começando com as minhas perguntas... tenho quatro questões “base”: o que é que acha que caracteriza esta zona?

Moradora Cristina Santos: Tanta coisa! Por exemplo, era uma zona em que eram só quintas e foi evoluindo pelo pessoal todo que veio das beiras, situando-se depois na freguesia de Marvila.

Temos assim o bairro da PRODAC, que é um bairro que atualmente é gerido pela Santa Casa da Misericórdia. Na altura [o bairro] era uma cooperativa feita pelas pessoas que vieram do norte.

Depois outra coisa que caracteriza é também em termos de história, não é? Porque de acordo com o *site* que existe na *internet*...

Sara: Qual é o *site*?

Moradora Cristina Santos: Olhe, eu não lhe sei dizer qual é, mas eu sei que já vi o filme sobre a história de Marvila e onde diz que [como] isto foi conquistado pelo D. Afonso Henriques, à medida que ele ia conquistando, ia dando os pedaços de terreno aos “tropas” dele, chamemos assim, para não virem depois outros por detrás [dele] e voltarem a conquistar, daí nós termos estes palácios assim, que estão abandonados.

Sara: Isso foi antes das quintas, claramente.

Moradora Cristina Santos: Sim, muito, muito antes.

Nesse *site* tem lá a história de Marvila e eu penso que fazendo a busca pela história de Marvila aparece logo.

Eu adoro isto! Às vezes tento imaginar fazerem um restauro disto e fazerem aqui, exposições, sei lá, tanta coisa! Sonho com isso!

Sara: É muito mau estar neste estado.

Moradora Cristina Santos: Sim, este palácio está completamente abandonado, há uns anos houve um incêndio na parte de dentro do edifício.

Sara: Eu sei, a primeira vez que eu cá vim notei isso de imediato.

Eu não sou aqui de Lisboa, sou do Algarve, e apenas eu e uma colega minha é que estamos a participar neste concurso da TRIENAL – que é para fazer ali o centro comunitário – e nós até achávamos que era para intervir nesta zona aqui do palácio, em vez daquele descampado.

Moradora Cristina Santos: Seria giríssimo!

Sara: Sim, claro! Mas não, é do palácio até ali à ponta.

Moradora Cristina Santos: Mas seria giro aproveitar esta zona aqui e mantinha-se a fachada.

Sara: Sim, fazer uma ligação pelo menos, que é o que nós estamos a pensar fazer.

Moradora Cristina Santos: Seria ótimo para dinamizar esta zona.

Eu não sei se tem acesso por ali, mas podemos ir ali ver.

Sara: Tem, tem, mas é perigoso. Só lá entrei uma vez.

É uma pena estar assim...

Enfim... Esta zona é a que eu estava a dizer do local de intervenção, da fundação Luso-brasileira.

Moradora Cristina Santos: Que gerem o dinheiro todo... e isso só sobraram os escombros todos!

Faleceu aí uma criança, que caiu lá dentro, ficou espetada... eles metem a estrutura dos prédios, e acho que tudo isto ainda se arrasta.

Atualmente, [para ser] sincera, não sei mesmo como é que isso está. Sei que se arrastou por tribunais... há largos anos!

Aqui há tempos, vieram aí meter camionetas para descarregar a areia para tapar os fossos, mas muito sinceramente, eu não vou ali para dentro! Nem aconselho ninguém a ir para ali, porque não sei se ficou tudo tapado... aquilo tinha mesmo uns [buracos enormes], essa zona toda estava toda repleta deles!

Onde houve o incêndio foi neste aqui (aponta para o local). Que salve erro funcionava aí uma oficina de carros...

Sara: Sim, isto no final do século XX era uma oficina.

Moradora Cristina Santos: Depois houve aí esse incêndio.

Sara: O que eu estava a pensar fazer aí era uma estrutura de espaço aberto, com muito espaço verde, e por isso é que queria muito falar consigo, que vai ao encontro...

Moradora Cristina Santos: Que vai ao encontro?

Sara: Sim, e não sei se viu o projeto da fundação Luso-Brasileira?

Moradora Cristina Santos: Sim, vi.

Sara: A mim não me dizia muito porque tinha muitos becos, e o que eu achava interessante era o arquiteto elevar a laje, por causa da vista para o rio. Assim, pensei em utilizar esse género de implantação.

Em baixo dessa laje “levantada”, em vez de deixar aqueles becos e coisas estranhas, fazer salas de apoio a uma zona mais em cima que fosse um espaço aberto onde pudesse ter inúmeras atividades.

Porque neste concurso da trienal, eles pedem um auditório para 500 pessoas, contudo, o enunciado é muito subjetivo.

Eu estava a pensar fazer um anfiteatro, porque ali na biblioteca também já há um auditório. Depois, fazer em frente uma implantação desse género, com uma estrutura metálica em cima, leve, e um espaço verde de convívio com um parque infantil, maior do que aqueles de cada bairro, um ponto de encontro!

Moradora Cristina Santos: Nós aqui na zona, temos ali um campo de futebol, naquele bairro das Salgadas. Daquele lado dos Alfinetes, começam ali, e estendem-se por esses (prédios) azuis e amarelos. Os verdadeiros “Alfinetes” começaram ali naqueles (prédios) esverdeados, que chamam agora o “bairro dos Nameks”.

Sara: Sim, por causa do *Dragon Ball*, certo?

Moradora Cristina Santos: Qualquer coisa assim...

Sara: É, é aquele das bolinhas!

Moradora Cristina Santos: Eu sei que [aquele bairro] no princípio (quando eu vim aqui morar há 17 anos atrás) estava referenciado pela criminalidade e estava nos mapas a vermelho. Mas nós nos bairros sociais, somos um pouco descriminalizados por morar cá, e assume-se, que há criminalidade, quando ela existe espalhada por todo o país.

Ali eles também têm um campo de futebol, que há uns três anos atrás houve lá um incêndio, ardeu o campo e arderam, imensos pinheiros, que ali estavam. Têm um parque, que está todo destruído!

Zona verde temos a quinta das flores, que não tem acessos, pois a Câmara começou a fazê-lo, mas não o terminou. [O parque] é muito giro, é um sítio calmo. Eu consigo lá ir, porque consigo andar bem, mas mandar as nossas crianças para o parque não convém irem, e os velhotes não têm acessos como deve ser.

Zona verde que estávamos a pensar, seria aquele descampado todo, frente ao apeadeiro, que está colado à linha de comboio. Eu não estou a ver ter ali uma casa mesmo encostada à linha do comboio.

Sara: Mas é isso que estão a pensar fazer para ali?

Moradora Cristina Santos: É isso que se acha mais lógico, porque aquilo tem um descampado enorme e, por exemplo, as crianças na rua por detrás destes prédios, andam de bicicleta na estrada, não há sítio para andarem de bicicleta pois não há ciclovias. Andam de skate, brincam nas pracetas (onde muitas vezes vão a correr para a estrada), aquilo tem uma reta que muitas das vezes há sempre um ou outro (carro) que passa.

Sara: Andam muito de skate aqui?

Moradora Cristina Santos: Andam, sim. Eu tenho uns 3 ou 4 skates do meu neto de 6 anos! Andam com os *overboards* e os *ovekarts*! A maior parte deles têm *overkart* e andam com eles, miúdos pequeninos, e pode vir um carro à abrir e “leva” uma criança.

Sara: Então por onde é que eles andam?

Moradora Cristina Santos: Eles andam ali na parte de dentro da estrada e nesta estrada aqui que vai dar acesso à biblioteca, ou seja, não há um sítio onde os velhotes possam estar, e onde é que eles vão parar? À porta dos cafés.

As crianças brincam nas pracetas e os parques que existem estão destruídos, precisam de ser renovados. O presidente da Câmara da Junta já disse que vai renovar antes do mandato dele terminar. Se não fizerem ali, façam naquele da fundação luso-brasileira, que tem também um espaço enorme, que dá para fazer exatamente a mesma coisa. Portanto, isso não podemos ser nós a ir dizer à Câmara: “não, quero isto aqui!”, e eles fazem.

Sara: Sim, é só o projeto e o texto que estava a pensar...

Moradora Cristina Santos: Nós fazemos o pedido e concorremos ao orçamento participativo. Não é garantido, mas ao longo da nossa vida também temos imensos “nãos” e continuamos a lutar e a batalhar por alguns “sim”.

Depois podemos ir pela parte de baixo?

Sara: Sim, podemos passar por aqui, se quiser.

Moradora Cristina Santos: Como está? Bom dia! (para quem passou)

Isto melhorou muito desde que eu vim para aqui há 17 anos atrás, porque eu não sou desta freguesia, eu sou da “Pina”. Tanto a minha mãe como o meu pai são de “Pina” e eu nasci lá. “Pina” sempre no coração!

Claro que, agora moro aqui, é por esta freguesia que eu luto em conjunto com muitas outras instituições que têm vindo para aqui. Eu relaciono-me com todos os moradores e sempre que eles precisam de alguma coisa, eu estou lá e ajudo, porque queremos dinamizar isto! Quando fizeram o festival, tivemos imensos turistas a virem para aqui!

Eu fiz formação para estar a fazer visitas guiadas e tudo...!

Sara: Uau! A sério? Que engraçado!

Moradora Cristina Santos: Sim, através da Câmara Municipal de Lisboa.

Desde que fizeram a biblioteca (primeiro a biblioteca e depois a galeria), dinamizaram ainda mais a freguesia. As crianças não tinham sítio onde estar, não havia um espaço para estudar, ou um ATL.

Sara: E agora já têm?

Moradora Cristina Santos: Agora já têm, é para a biblioteca que eles vão.

Eles têm aqui este parquezinho, têm este canto.

Sara: Pois é, por cada bairro têm um parque e um parque de futebol”

Moradora Cristina Santos: Aquele (parque) está composto, este também. Mas aqui em baixo não há absolutamente nada. Por exemplo, nós queremos ir a um parque com uma criança ao fim de semana para andar de bicicleta, de triciclo ou fazer algum jogo com eles, e não há! Temos a “Belavista”, que fica longe para nós. Temos a “Expo” a 5 minutos daqui, sim, mas está a 5 minutos para quem conduz, não está tão perto para as pessoas com pouca mobilidade. Daí [nós] estarmos a lutar para melhorar. Seria, para mim, um sonho!

Sara: E o que é que acha que seria um centro comunitário para esta zona?

Moradora Cristina Santos: Seria um sítio onde houvesse apoio aos idosos, mais ainda do que aquilo que eles têm, na zona da PRODAC, da Santa Casa da Misericórdia, que dá apoio a imensa gente ali, mas é só ali, [pois] os daqui não têm nada.

Temos uma escola ali em cima, aqui em frente, mas fechada.

Sara: Também já sabia, que está abandonada, correto? Devido à terceira ponte.

Moradora Cristina Santos: Por causa desse poste, da terceira ponte.

Bom, que é que eu posso dizer em relação a isso? Eu acho que as obras aqui em Portugal são feitas todas pelo telhado primeiro – em vez de começarem pelos alicerces, como deveria ser – e depois quer-se fazer tudo ao mesmo tempo, e na volta não se faz nada!

Fala-se muito, apresentam-se imensos projetos, mas no fim não se vê nada. E, devido à terceira ponte, a escola ficou inativada. Uma escola que era nova, um espaço enorme que ali está com um descampado grande à volta, que podia ser aproveitado, mas que não se aproveita!

Sara: Acha que um centro comunitário podia ser um espaço mais aberto (como eu estava a pensar fazer)?

Moradora Cristina Santos: Sim, acho que deveria ser mais aberto.

Sara: Porque também há muitas coisas que eles pedem no concurso que eu acho que seriam uma competição com a biblioteca, enquanto deveria ser um complemento.

Moradora Cristina Santos: Eu acho que competir com a biblioteca iria ser...

Sara: Estúpido, não é?

Moradora Cristina Santos: Sim! Pelo menos nesta zona seria.

Sara: Portanto, eu acho que era mesmo uma boa ideia fazer um sítio mais aberto.

Moradora Cristina Santos: Se a biblioteca veio dinamizar esta zona, porquê estar a combater com ela? Não tem lógica nenhuma! Contudo, se vier complementar aquilo que a biblioteca já faz, é outra coisa. Este Verão que passou fizeram ali eventos onde as pessoas andavam todas divertidas, então as crianças! Foi espetacular, como é que é possível fazer coisas [para] competir com a biblioteca? Eu [seria] uma das pessoas que ia ficar contra isso!

Sara: Este é um parque que está...?

Moradora Cristina Santos: É um dos parques, eu vou mostrar uma zona que eles têm ali dentro, que descobri à muito pouco tempo com duas amigas minhas que são vizinhas e moram aqui neste bairro, também são facilitadoras comunitárias, a Leandra e a Nanda. Eu desconhecia aqui esta zona.

Sara: Mas é este sítio que estavam a pensar ou era este? (apontando)

Moradora Cristina Santos: Não, este sítio era para o Presidente da Junta renovar o parque, que assim isto “não tem pés nem cabeça”!

As pessoas, às vezes, ficam um [pouco] aquém das situações, porque isto é um parque. Mas como nós vivemos num bairro social, é diferente, e é por isso que tentamos também lutar, contra o estigma do “bairro social”. Todos nós temos valências, todos nós somos gente, [todos nós] temos capacidades! Não é para olhar para as pessoas e pensar que somos marginais.

Eu acho este bocado [de terreno] aqui tão simpático! Mas tão simpático, no meio do nada!

Sara: Pois é, que engraçado, com esta barreira de árvores!

Moradora Cristina Santos: Eu descobri isto com as outras facilitadoras, que às vezes os miúdos no Verão costumam vir para aqui, metem os colchões de praia e apanham aqui sol, estão aqui entretidos a jogar.

A linha do comboio passa aqui em baixo.

Sara: Pois, faz mesmo uma barreira! Eu sabia que havia estas árvores que faziam barreira sonora para as habitações, mas desconhecia esta parte.

Moradora Cristina Santos: Agora, qual é a logica de isto estar num projeto para se construir casas?

Sara: Muito giro era fazer aqui qualquer coisa, parece que de repente estamos no meio da Natureza!

Moradora Cristina Santos: É, eu acho este local aqui tão apetecível! Porque a linha de comboio é já ali em baixo!

Sara: Sim, e [acha que] deviam haver mais comboios para esta zona?

Moradora Cristina Santos: Quanto aos comboios, até 2030 esta linha vai ser aumentada, isso posso garantir que eu sei, eu sou pior que o Presente da Câmara! Acho que eu sei mais de projetos do que ele sabe!

Sara: Mas o que o Sociólogo Henrique me disse, foi que ia ser quadruplicada, mas não era para comboios urbanos, era norte e sul.

Moradora Cristina Santos: As outras linhas foram fechadas. Tem imensas linhas e este campo ardeu todo e tem sido assim... os miúdos é que volta e meia vêm aqui, arranjam isto para estarem aqui a jogar. Ardeu mesmo tudo, tinha essas árvores todas, que eram iguais àquelas.

Sara: E era este o sítio que estavam a pensar?

Moradora Cristina Santos: O terreno para o orçamento participativo: é este todo aqui! Aquele terreno sei que era da “EPAL” e agora é camarate, porque a “EPAL” ficou com o dinheiro dos jovens e muito mais.

Sara: Isto também tem de ter aqui passeios.

Moradora Cristina Santos: Toda esta zona pertence à “EPAL”, do tubo para cá, depois tem mais meio metro. [Os terrenos] nota-se [a quem pertence] onde é cortado, ou seja, se está cortado é Câmara, onde não está cortado é “EPAL”, porque depois eles chegam cá e

cortam, e depois fica mais um metro até ao muro que [pertence às] infraestruturas de Portugal, a CP.

E o que [nós] estávamos a pensar, muito sinceramente, é este espaço todo!

Sara: Neste também ou neste?

Moradora Cristina Santos: Esta ilha toda do meio, que isto faz uma ilha.

Sara: O que é que estavam a pensar fazer para aqui, com este espaço?

Moradora Cristina Santos: Um espaço para idosos, um espaço para jovens, mesas com cobertura, que tenha ciclovias, porque se fizerem aqui um ciclovias envolvente (podem fazer uma ligação também ao corredor oriental que eles estão a fazer agora), porque as ciclovias na cidade são [engraçadas], andam 500 metros e depois têm calçada e [apenas] começam outra vez ao virar da esquina.

Sara: O apoio para idosos, como estava a dizer, era para uma zona fechada ou era uma zona com mesinhas mais aberta para eles estarem? Ou os dois?

Moradora Cristina Santos: Podia haver um sítio com mesas abertas, como fazem nos outros jardins: como o jardim da Amadora, frequentado por imensos jovens; a praça do Concelho que está sempre carregada de jovens; ou até lá em cima o Jardim do Caracol onde os jovens e os idosos lá ficam.

Geralmente, quando chega a altura do Verão, temos de telefonar para a Câmara ou para a Junta, de modo a fazerem o remate disto, meter remédio, porque aqui fica com cobras, ratas... é uma podridão! E nós vivemos em frente!

Aquilo faz aquelas pracetas, eu moro naquela praceta ali.

Sara: Eu sei, o Sociólogo Henrique também me disse. Foi por isso que surgiu a conversa.

Moradora Cristina Santos: Não foram lá?

Sara: Fomos, acho que chegámos a entrar, ele disse que vocês organizavam todo o pátio.

Moradora Cristina Santos: Temos os vasos feitos de pneus.... E os canteiros!

Isto é um espaço enorme que aqui está completamente ao abandono.

Sara: Há muitas coisas aqui que estão ao abandono...

Moradora Cristina Santos: A mim não me incomoda nada que a Câmara venha aí e construa casas e que as dê a quem precise. Eu também precisei. Morei num bairro de lata. A minha casa não era de madeira e não estava a cair de podre. Até tinha uma boa casa. Contudo, a Câmara precisou do terreno e teve de mandar a casa abaixo. Apesar da casa ser minha, o terreno era da senhoria. Como me mandaram a casa abaixo, tiveram de me dar uma casa... não me iam deixar na rua...

Mas há muita gente que está a precisar de casa e eu até entendo isso, eu só não entendo é como é que se vai fazer uma construção de casas em frente a um apeadeiro, a uma estação de comboios.

Não há aqui um sítio para as pessoas pararem. Param à porta dos prédios, muitas vezes estão à porta dos cafés. Agora ainda é cedo, mas lá para as 15:00, depois de almoço, começam a ir para a porta dos cafés e ficam lá até fecharem. Depois vão bêbados para casa... Porque não têm sítio para estar!

Eu na minha praceta tenho 3 velhotas que têm apoio domiciliário em casa e, de vez em quando, eu costumo ir lá buscá-las a casa e trago-as para a rua durante algum tempo. Uma delas mal consegue andar, a senhora é muito pequenina e tem uma dificuldade enorme, ela também já tem 80 e tal anos. A senhora estava ali sentada com meia perna fora, meia dentro do canteiro no crochet dela, porque não tem um sítio para estar.

Sara: Tem ali na praceta algum canteiro? Já não me lembro.

Moradora Cristina Santos: Tem, são estes bancos de cimento.

Podemos ir agora por detrás da biblioteca.

Sara: Ok.

Moradora Cristina Santos: Quanto à biblioteca, antigamente era um lagar e depois passou a ser uma sede. Quando eu vim para aqui morar, ainda vinha aqui à sede beber café, porque estes cafés daqui ainda estavam todos fechados.

Sara: Eu tinha ainda aqui outras questões: o seu papel no território, como é que funciona?

Moradora Cristina Santos: Cada vez que as pessoas precisam de alguma coisa, vêm ter comigo. Eu sou muito chata, eu telefono para toda a gente! Se houvesse alguém que chegasse ao pé de mim e dissesse assim: “eu preciso de falar com o Papa!”, eu acho que conseguia arranjar maneira de falar com o Papa!

Isto porque eu até com o Marcelo Rebelo de Sousa já falei! Encontrei-o na rua e abordei-o por vários motivos.

Sara: E o que é que ele disse?

Moradora Cristina Santos: Achei-o muito simpático! E escrevi-lhe uma carta há pouco tempo [para o] convidar a vir à biblioteca, ainda não recebi a resposta mas espero mesmo recebê-la!

Cada vez que é preciso alguma coisa, por exemplo, quando chega a altura do Verão elas (moradoras) vêm ter comigo e dizem: “Oh Cristina, já anda tudo cheio de baratas, veja lá se resolve!”

“Cristina, o mato está tão grande depois há sempre problemas!”. Os miúdos, às vezes, são maldosos e pegam fogo e isso (terreno) anda tudo a arder, então tenho de telefonar. O ano passado, pelo Verão, fiz queixa da Câmara à GNR, porque saiu a lei [da obrigatoriedade] de cortar o mato, pois não pode estar a não sei quantos metros da casa. E essa lei não é só para o norte ou para o sul, é também para dentro das cidades e, como a Câmara não veio fazer esse serviço, fiz queixa à GNR e à Polícia Camarária, que vieram fazer o abate das árvores.

Entretanto, há também outras coisas, como por exemplo, os prédios, se têm infiltrações ou qualquer outra coisa, elas (moradoras) vêm ter comigo e eu falo com a seguradora, passo a vida nisto!

Sara: Isso é bom! A minha última questão: a longo prazo, consoante todos os projetos a acontecer em Marvila, que impacto teria o centro comunitário na comunidade?

Moradora Cristina Santos: Seria uma mais-valia para todos nós, tanto para a comunidade como para mim [e] para os meus netos, porque eu tenho 6 netos! Já estou a caminhar para velha, não é? Já estou com 52 anos e não sei o meu dia de amanhã...

Sara: 52 anos ainda é nova, não é velha!

Moradora Cristina Santos: Sou adulta!

Mas acho que [o centro] teria um impacto ótimo para toda a gente, eu tenho intenção de um dia, se houver um centro comunitário, usufruir dele.

Sara: Mais um espaço aberto, com apoio a idosos, parque...?

Moradora Cristina Santos: Para tudo, para toda a gente! Idosos, crianças, jovens...

Sara: Zona com mesas.

Moradora Cristina Santos: Eu já fui miúda e gostava que falassem comigo. Quando me comecei a pintar, se o meu pai em vez de me dar a primeira chapada, falasse comigo, talvez hoje não me pintasse. Quando eu comecei a fumar, exatamente a mesma coisa!

A maior parte das pessoas daqui, se conseguirmos falar com eles, incentivamo-los a fazer coisas boas, eles precisam é de um incentivo! Agora, se ninguém quer saber e é o chamado “deixa-andar”, a criminalidade vai crescendo. Há uns que se endireitam, mas há outros que não. Porque dizerem: “pão que nasce torto nunca mais se endireita” é treta! A gente consegue endireitar as pessoas.

Os idosos já são assim, precisam é de apoio, muitos deles até de atenção, porque vivem aqui sozinhos! Os filhos casam e vão para o outro lado, não estão para viver em bairros sociais.

Daí se houver aqui um centro comunitário, era uma mais-valia para toda a gente, para toda a gente mesmo!

Dr. Rui Telmo Gomes

Sara: O que é que acha que caracteriza Marvila?

Dr. Rui Telmo Gomes: Marvila como freguesia ou esta zona aqui?

Sara: Em geral. Mais se calhar para esta zona.

Dr. Rui Telmo Gomes: Se é para ficar gravado, eu estou a fazer um trabalho de investigação.

A minha área é sociologia da cultura e das artes e estou aqui a fazer um projeto de investigação sobre projetos artísticos em territórios de intervenção ou em zonas excluídas da cidade. Estou aqui há uns dois anos.

E o que está a acontecer aqui, é uma transformação da cidade, nesta zona, que está a atingir a freguesia de Marvila e interessa-me também por uma série de projetos de política pública pública que tem estado a investir.

Portanto, há uma série de programas de intervenção (base cultural ou artística) que são promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa através de diversos dispositivos, que se têm estado a concentrar aqui.

Eu também tenho trazido uma série de agentes exteriores aqui ao território porque uma das características que tenho estado a ver é que há relativamente pouca dinâmica associativa e participativa política em termos gerais nestes bairros. Alguma da dinâmica que nos últimos anos tem acontecido, até também por efeito de alguns dos projetos que têm estado a acontecer, como o “Rés-do-Chão” que faz parte o Henrique e outros.

Um dos projetos artísticos ou culturais com mais impacto nestes últimos dois anos é o festival “MURO” que aconteceu em 2017, responsável por estas obras de arte pública. A própria implementação do festival, a organização. A edição deste ano tem uma série de características que são um bom ponto de observação de toda a dinâmica em geral que está a acontecer aqui.

Bom, esta foi a segunda edição, depois de uma primeira edição que correu muito bem no bairro “Padre Cruz” em Carnide. Esta aqui correu já em moldes de acasalamento diferentes, foi inserida na programação da capital ibero-americana da cultura, o que significa que a maior parte das obras que estão aqui apresentadas são encomendas feitas a artistas internacionais e ibero-americanos.

Sara: Só há uma que é de um português, certo?

Dr. Rui Telmo Gomes: Não, há várias.

Sara: Julgava que era só uma.

Dr. Rui Telmo Gomes: O Miguel Bruno é português, mas também tem motivos assim para o lado exóticos; mas eu agora também não sei dizer todas as autorias.

Em todo o caso, o projeto de intervenção aqui foi feito muito de cima para baixo, isto é, há uma ideia de intervenção mas houve um envolvimento da população inferior àquilo que podia ser o desejado, poder-se-ia maximizar o impacto.

Uma das curiosidades que observei aqui, por exemplo: neste bloco está representado o Vasco da Gama mas foi interpretado por algumas pessoas como sendo “o cigano”, “o teatro do cigano”. Portanto penso que as pessoas de uma forma geral gostam das obras porque aplicam melhoria mas podiam ser melhoradas, estão muito mais preocupadas com coisas mais práticas como as infiltrações nos prédios.

Sara: Já me deram esse exemplo, por acaso.

Dr. Rui Telmo Gomes: Questões desse género, para até haver um efeito contraproducente é estas obras desta escala só se fazem em bairros sociais ou bairros municipais o que, ao contrário de ser uma intervenção positiva, pode ser simbolicamente uma forma de aumentar o estigma pois só acontecem estas obras em casas vazias, que são estes territórios.

Vamos passar aqui neste ponto.

Uma das coisas que me fui apercebendo à medida que fui entrando, enfim, fazendo o trabalho de campo aqui, são as enormes segmentações de chama de um bairro para outro. Para mim, fisicamente que estou próximo daquele, há semelhança nos prédios em termos

da construção, mas as pessoas tratam como se fossem bairros absolutamente diferentes, e só depois me apercebi que sim, porque o facto de estarem aqui na proximidade física não quer dizer que seja uma comunidade. Na verdade, são secções que correspondem a momentos de realojamento diferentes, de períodos de realojamento diferentes.

Sara: Até naquela zona mais atrás, têm um parque e um campo para cada “bairro”.

Dr. Rui Telmo Gomes: E mesmo assim, reclamam quando se pergunta o que é a Câmara faz, quais seriam as melhorias mais desejáveis ou quais são os equipamentos que são mais importantes. Muitas vezes aparece mais um campo de futebol, pelo facto de haver muitos até prejudica a capacidade de mantê-los, mas tudo isso significa que é um território muito fragmentado.

Este aqui é um outro ponto, isto é do “LS”- Luís Simões, que é um *graffiter*/artista urbano aqui do bairro e que participou e colaborou no festival “MUR”. Tem uma obra do outro lado, espero que ainda consigamos passar lá. Fez assim um pouco a papel de cicerone, de contacto entre pessoal da “GAL” - pessoal da Câmara que está a organizar o muro e a apresentar as pessoas e as obras. Ele próprio também tem uma afinidade muito própria, muito bairrista que está muito marcado.

Esta aqui foi uma outra obra que ele fez por encomenda da, onde incorpora aqui os azulejos dos prédios.

Sara: Isso é engraçado!

Dr. Rui Telmo Gomes: Acho graça porque me parece uma coisa menos formatada, apesar de tudo, em relação às restantes obras que fazem parte do muro.

É um caso que apesar de tudo, há um artista do bairro, para não dizer que é uma coisa completamente institucional.

Estava a dizer há pouco que o associativismo é relativamente fraco aqui, na medida em que não se vê que hajam muitos projetos que sejam de organização ou promovidos por associações. As associações que parecem que deram continuidade (umas sim, outras não) são as associações de moradores. Penso que agora há uma dinâmica diferente à volta de

um grupo comunitário e alguns projetos que estão a acontecer, na biblioteca e depois no projeto ROAC.

Sara: Subimos?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim.

Sara: O que é que acha que seria um projeto comunitário para esta zona?

Dr. Rui Telmo Gomes: Eu acho que aqui a questão fundamental é mesmo implicar as pessoas, ou seja, qualquer que seja o resultado de um projeto comunitário, o mais importante é o próprio processo, porque justamente não havendo esta dinâmica associada ou participativa e pelo contrário haver muito saliente tudo o que separa os bairros e as fases de realojamento e as origens de onde vêm, significa também um adiamento face à tomada de decisão.

Eu acho que o que as pessoas carecem para além da necessidade de equipamentos básicos, é estarem afastadas de decisões efetivas sobre os territórios onde vivem, e onde habitam. Portanto, um projeto comunitário seria aquilo que as pessoas decidissem que era o melhor para elas.

Sara: Pois isso é o desafio, não é?

Dr. Rui Telmo Gomes: Exatamente...

Sara: Eu penso que a biblioteca já faz muito de “biblioteca comunitária”, pois tem lá espaço para as crianças - que é tipo um ATL biblioteca, tem lá imensos eventos. O que eu queria fazer ali era um complemento à biblioteca e não uma competição. Eles pedem, por exemplo, um auditório, e eu acho que vou fazer um anfiteatro porque a biblioteca já tem esse auditório. O que penso que falta ali naquela zona é um espaço verde, mais aberto.

Dr. Rui Telmo Gomes: Eu acho que talvez aquilo que é comum às reivindicações que tenho ouvido por parte das pessoas é a criação de um espaço público organizado, que possa ser um ponto de encontro. Os exemplos que aparecem normalmente são: uma mesa para os velhotes estarem, uma mesa para as senhoras estarem a fazer crochet ou um espaço para as crianças puderem brincar, um campo de futebol por exemplo. O que penso

que isso representa é um espaço público cuidado, onde as pessoas se possam cruzar sem ser só nos vazios, ou seja, não ser só em cafés.

Sara: Agora vamos passar ali para a PRODAC, não é?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim.

Não venho a este lado já há algum tempo e não tinha visto aqui o estaleiro.

Mais um exemplo da fragmentação, que eu não sei se esta história já lhe foi contada, é aqui este passeio.

Vamos passar ali para ver.

Este passeio tem menos de um ano, uns meses, acho que é do Verão e, no período anterior, uma das grandes reclamações era a escola ali à frente, pois muitas crianças vão destes bairros/lotos aqui para aquele lado e não havia aqui nada. Estas crianças, portanto, tinham de ir aqui por esta estrada, que só tem largura para um carro e fica tudo lamacento.

Sara: Foi uma espécie de ciclovía que eles tentaram fazer aqui?

Dr. Rui Telmo Gomes: Tem um pouco ar disso, modernação, mas não. Na verdade isto corresponde a uma reivindicação que as pessoas tinham, que era das mais salientes, que era dos cortes. Isto, no Inverno, ficava cheio de lama e uma coisa completamente isolada da outra.

O oriental é um terreno vazio e se pensarmos tem uma vista espantosa. As pessoas queixavam-se aqui de uma outra coisa: toda a gente utilizava esta parte das traseiras junto ao muro para fazer uma lixeira, portanto, aqui era um aterro improvisado de entulho.

Ao mesmo tempo, quando olhamos para o afiamento do largo da palha parece quase um sítio ideal, por estar vazio, para meter aqui um edificado, ou qualquer coisa de construção. Eu acho que é um espaço tao cheio de buracos que tanto é possível pensar que é um espaço para despejar lixo e entulho como um espaço onde quase tem uma varanda sobre o Tejo.

Sara: Sim, isto aqui tem muito potencial!

Dr. Rui Telmo Gomes: Ao mesmo tempo tem uma situação presente, visto pelo chão, lama. E tem também um corte entre as pessoas deste lado e as pessoas do Marquês de Abrantes e da Quinta do Chaleiro.

Sara: Concorde então com o espaço verde do centro comunitário ou acha que devia ser um espaço mais fechado?

Dr. Rui Telmo Gomes: Eu acho que espaço verde significa, por um lado, não ser mais um espaço edificado. Nas últimas semanas, com a aprovação dos planos da renda acessível da Câmara, é isso que está previsto aqui nestes territórios de construção, ou seja, os moradores que fazem parte do grupo comunitário, uma crítica que têm expresso é que não querem mais edificado.

Sara: Sim, eu hoje falei com a moradora Cristina.

Dr. Rui Telmo Gomes: A Cristina é excelente porque tem coisas a dizer e eu acho que ela, pela forma como ela pareceu, tem protagonismo nesse sentido.

Sara: Ela falou daquele espaço em frente à casa dela, que estavam a pensar ter a habitação da renda acessível.

Dr. Rui Telmo Gomes: Se não começar a chover, entretanto acabaremos a nossa volta aí.

Sara: Ok. Como eu estava a dizer, ela propôs que aquilo não fosse mais habitação e tivesse um espaço verde para as pessoas.

Eu por aqui nunca vim.

Dr. Rui Telmo Gomes: Estamos numa zona que aqui para baixo temos o campo oriental, depois do outro lado a zona J, portanto a Avenida João Paulo VI.

Sara: É este o campo, certo?

Dr. Rui Telmo Gomes: Exatamente.

Temos aqui uma vista perfeita!

Sara: Pois tem!

Dr. Rui Telmo Gomes: Aqui estão algumas obras, são recentes porque não estavam assim há dois anos.

Depois aqui é o bairro da PRODAC.

Sara: Quando eu entrei pelo bairro a primeira vez foi por ali.

Dr. Rui Telmo Gomes: Isto é uma viela que vai adiar o campo oriental e que vai dar à tal Avenida João Paulo VI.

Sara: Que vai dar à junta de freguesia?

Dr. Rui Telmo Gomes: Exatamente.

A junta de freguesia é aqui relativamente perto.

Sara: Sim, é para ali.

Dr. Rui Telmo Gomes: Aqui temos escolas e equipamentos associiais da Casa da Misericórdia, penso que seja a presença social e em modo geral mais antiga, mais permanente.

Sara: E acha que estes habitantes aqui da PRODAC precisariam do centro comunitário ali? Eu acho que este bairro vive muito dentro de si.

Dr. Rui Telmo Gomes: Eu penso que todos vivem, em termos de mentalidade e em termos simbólicos, é como as pessoas reagem.

No outro dia estava-se a discutir com alguns moradores a possibilidade de haver uma candidatura ao programa “escolhas”, onde se envolve o bairro do Marquês de Abrantes, de Salgados, de Alfinetes e o bairro do Condado onde houve (e tem havido) até agora um projeto de “escolhas”. A reação das pessoas, mesmo as que estão empenhadas e envolvidas é a não aceitação: “não é para ir para lá, é para vir para cá!”, ou seja, a reação é sempre virada para dentro, uma reação à privação de concursos que está interiorizada e que falta tudo.

Sara: Falta essa vivência entre bairros.

Dr. Rui Telmo Gomes: Pois, qualquer projeto de intervenção/comunitário tem de descontruir estas fronteiras que estão interiorizadas.

Sara: Entrevistei o Prof. João Rebolo, do ISCTE, ele fez aqui a investigação da PRODAC e disse que achava que estas pessoas não iriam usar tanto este centro comunitário como aquelas ali, achava que estas estavam ainda mais viradas para si.

Dr. Rui Telmo Gomes: É possível que sim, é capaz de haver. Eu estou mais ali do que aqui, mas venho aqui ver atividades. O grupo comunitário abrange pessoas de vários bairros, mas o que me parece importante é que os polos (que venham a ser implementados) tenham uma capacidade de atração da urbanização. A biblioteca, por exemplo, em termos estratégicos de investimento da Câmara, nos próprios documentos e planos da biblioteca é suposto ser um equipamento que serve a zona oriental toda. A biblioteca é um equipamento para a cidade e é oriental, na medida que não é só a freguesia de Marvila que a utiliza, é algo que deve irradiar para além disso.

Acho que não vale a pena seguir, temos aqui a escola, a PRODAC, a junta de freguesia...

Sara: Vamos por onde, voltamos?

Dr. Rui Telmo Gomes: Voltamos.

Quanto à questão do centro comunitário, eu acho que é mais importante pelo programa de ação do que propriamente pelo equipamento. Para dar um exemplo ilustrativo da minha área de investigação, há uns 15/20 anos atrás, houve um fundo europeu gigantesco de construção de equipamentos culturais: teatros, cine teatros, centros culturais, entre outros. Na prática, foi quase como se houvesse (o exemplo é a nível nacional) a possibilidade de cada município construir o seu centro cultural ou o seu grande equipamento de artes de espetáculo.

Na maior parte dos casos, a estratégia era mesmo a construção do equipamento, com uma certa tipologia mais ou menos improvisada, mas também na generalidade dos casos não havia nenhuma estratégia de programação e de atividade posterior à construção do próprio equipamento. Eu penso que isso é uma falha provável quando se trata de projetos de intervenção ou de construção de centros comunitários ou culturais, que é a infraestrutura ser a pedra fundamental e nada mais.

Sara: O que eu estava a pensar fazer ali é..., conhece o projeto da fundação Luso-Brasileira?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim.

Sara: O arquiteto Óscar Niemeyer colocou a laje para cima deixando um beco em baixo, para dar vista, cálculo. Eu estava a pensar utilizar o mesmo tipo de implantação, mas em vez de deixar esse beco, fazia salas de apoio e em cima tinha uma estrutura aberta com uma pala como uma estrutura metálica, que remetesse também para esta Marvila industrial. Fazia depois um espaço público verde com banquinhos, para apoios aos idosos, pontos de convívio, parques infantis e hortas comunitárias.

Dr. Rui Telmo Gomes: Está em arquitetura, portanto desenha o espaço de ponto de vista arquitetónico!

Aproveito para fazer este comentário: eu tenho visto nalgumas das reuniões e nalguns dos encontros aqui à volta, muitas pessoas principalmente arquitetos, (que vêm da área de arquitetura ou que são formados em arquitetura) que aparecem com uma abordagem mais social. Para eles não é só o desenho, no sentido de desenho de equipamentos, é também o impacto, começam a raciocinar a partir do impacto que os equipamentos podem ter no território.

Sara: Sim, o meu objetivo não era fazer um equipamento, era fazer um espaço que tivesse salas de apoio.

Dr. Rui Telmo Gomes: Porque pode não ser isso que as pessoas querem.

Sara: Sim, lá está, nós estamos a basear-nos no enunciado da trienal e já há muitas coisas que eles pedem que eu não vou fazer, estando já eu aqui a fazer uma crítica. Eles pedem um auditório para 500 pessoas, pedem salas para *workshops*.

Dr. Rui Telmo Gomes: Mas isso é uma espécie de requisito a cada projeto?

Sara: Sim, é o enunciado para o nosso projeto.

Dr. Rui Telmo Gomes: Da Trienal?

Sara: Sim, exato. Há coisas para fazer que eu não as vou realizar porque quero que a cidade fale, daí estar com estas entrevistas, para obter a opinião das pessoas e saber se o que estou a fazer está certo ou errado.

Dr. Rui Telmo Gomes: O que eu acho que falta nesta zona aqui, comparada com outras zonas da cidade, é equipamentos culturais tais como os auditórios, salas para 500 ou mais lugares, apesar de eu não achar que isso seja o fundamental.

Sara: O que é que acha que é o fundamental?

Dr. Rui Telmo Gomes: Dinamizar as pessoas e fazer com que as pessoas que vivem aqui possam ter a sua forma de apropriação do espaço com qualidade.

Eu queria mostrar-lhe esta aqui também.

Sara: Esta?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim, esta é a obra do LS, do Luís Santos, o mesmo autor daquela outra obra de Marvila

Sara: LS é Luís Santos?

Dr. Rui Telmo Gomes: Luís Santos, não tenho a certeza, mas penso que sim.

Sara: Se eu pesquisar LS Marvila vai aparecer, certo?

Dr. Rui Telmo Gomes: Não tenho a certeza, porque eu já fiz essa pesquisa.

Sara: Mas o que é que acha que é fundamental para além de dinamizar as pessoas?

Dr. Rui Telmo Gomes: Se pensar agora na descrição que as pessoas fazem dos equipamentos que são mais atrativos são: equipamentos para as crianças brincarem, portanto, jardim infantil; mesas de convívio para jogar às cartas; os bancos para se sentarem... são pontos de encontro!

Sara: Porque eles vão todos para os cafés

Dr. Rui Telmo Gomes: Ou não, muitas das vezes não têm espaço público para estar.

Ah! E outro exemplo que me lembrei: o fogareiro, portanto algo que seja para fazer churrascos

Sara: Para realizar jantares de convívio?

Dr. Rui Telmo Gomes: É a ideia de que o convivial passa pela refeição, o assentar à mesa.

O fogareiro é uma coisa para pôr porque facilmente tem um carácter festivo forte, e é isso que envolve as pessoas, podem nem ser necessariamente atividades institucionais...

Nós especialistas (os arquitetos não são mas estou a falar como se fossem) acreditamos que o que envolve mais as pessoas no imediato pode nem ser as salas de apoio, mas sim algo mais aberto onde todos se juntam.

Penso que os eventos que mais reuniram pessoas e que deram nos últimos meses mais força ao grupo comunitário e mais envolvimento dos moradores foram as festas ou as vendas. Na ocasião do Natal, houve uma organização de banquinhas de vendas com jogos. No fundo, é um espaço aberto que seja visível, ou seja, que tenha uma ressonância pública imediata, para que toda a gente esteja a ver o que está a acontecer e se possam juntar.

Sara: Estava a pensar fazer uma barreira de árvores, talvez não seja boa ideia.

Dr. Rui Telmo Gomes: Pois há os espaços verdes para isso, mas eu penso que os espaços verdes tenham significado, apesar de que aqui o pouco que temos é edificado, temos também algumas placas de estacionamento. Os canteiros são as pessoas que fazem, são elas que decidem fazer.

Sara: Pois, de resto está tudo abandonado.

Dr. Rui Telmo Gomes: Temos estes baldios, que nem se sabe bem de quem é a propriedade, se pertencem à Câmara ou se é das infraestruturas de Portugal ou se é EPAL.

Eu próprio não sei exatamente o que querem dizer com espaços verdes, não sei se é propriamente um parque urbano ou se é outra coisa?

Sara: Pois eu também não sei, estou muito no início do projeto.

Dr. Rui Telmo Gomes: Uma outra ideia de equipamento que também há voluntários para isso e que o requisitam é as ciclovias. Estas têm implicações importantes em termos de mobilidade, podem ser um eixo de ligação entre os bairros e as outras zonas da cidade.

Sara: É engraçado esta vivência que as pessoas têm aqui!

Dr. Rui Telmo Gomes: Podíamos passar por aqui, há aqui um café.

O que eu ia dizer é que aqui também moram muitas pessoas que vêm de outros bairros, de construção precária, tipo barracas, de outras zonas da cidade, mas também pessoas que vêm da província, muito particular do distrito de Viseu.

E sim, temos esta zona rural suja. Suja porque tem um entulho largado, nós não vemos mas é com muita frequência.

Sara: Muitas destas são ilegais, não? Aqui não sei mas são todas ilegais?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim, são todas. Eu digo isto mas não sei exatamente quais são as implicações, porque as pessoas estão aqui há muito tempo, se chegar alguém e os mandar cortar tudo isto abaixo é complicado...

Sara: É que neste sítio parece que nem estamos em Lisboa, está um pouco esquecido.

Dr. Rui Telmo Gomes: Faltam aqui elementos importantes. Especialmente quando faz sol, há rebanhos aqui a passear.

Sara: Sim eu sei, já os vi!

Pertencem ali ao Bairro Chinês, é um casalinho que vive ali, certo?

Dr. Rui Telmo Gomes: Ali, sim. Mas acho que tem mais qualquer coisa...

Sara: Há mais?

Dr. Rui Telmo Gomes: Não, eu penso que seja o mesmo. Tem aqui um redil, pelo menos já o vi aqui parado, é aquela casa com aquele senhor famoso, não me lembro agora do nome dele.

Sara: Que é a única casa que está aqui.

Dr. Rui Telmo Gomes: Pois.

E ele tem este espaço todo.

Sara: A primeira entrevista que eu tive com a Arquiteta Joana Braga (não sei se sabe quem é), sobre utopias urbanas...

Dr. Rui Telmo Gomes: Nós estamos a fazer um percurso muito semelhante ao de utopias.

Sara: Mas eu, com ela, fui até mais abaixo, ao rio.

Dr. Rui Telmo Gomes: Pois, eu pensei que não desse tempo.

Sara: É melhor assim, porque ela no fim disse que se calhar era melhor termos feito mais aqui, mas foi uma forma de me ajudar. Foi bom que assim tive uma pessoa que me deu esta ideia de duas Marvilas, porque eu nem tinha essa noção.

Dr. Rui Telmo Gomes: Pronto, mas nós já passámos ali.

Só dois apontamentos aqui: esta obra aqui que foi apropriada, há uma certa estranheza e as pessoas acham bonito, e mesmo as pessoas que acham bonito, acham estranheza com o imaginário que aqui está projetado. Aqui é a senhora de *guandalope* e houve um vinco com a representação religiosa.

Um outro aspeto do festival MUR é a outra obra ali, um anúncio da *SuperBock*, que é um *sponsor* do festival.

Sara: Eu acho que dá vida a Marvila, mesmo que não tenha muito a ver com as pessoas daqui.

Dr. Rui Telmo Gomes: Lá está, dar vida dá, mas é algo que tem vários anos. Para já, é uma lógica comercial, isto é um grande evento que depois é filmado e é projetado. A *superbock* faz clips, a cidade também pode fazer clips. Há guias turísticos que vêm aqui a estes bairros para ver a arte urbana, mas isso não implica que tenha havido um envolvimento da população, pelo contrário, até pode gerar desconfiança dos turistas. Os turistas são como uma moeda de duas faces: é bom porque deixam dinheiro, mas é mau porque não nos dão felicidade.

Estamos junto à linha.

Sara: Aqui é o apeadeiro ou é do outro lado?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim, aqui é uma zona de baldio, que tem propriedade e responsabilidade (mais ou menos) incógnita. Em termos de tratamento há várias instituições que podem ser responsabilizadas.

Temos aqui uns *graffites* lindos, não há bairros simples?

Sara: Ainda não tinha visto aquele!

Dr. Rui Telmo Gomes: Portanto é uma zona de fronteira que é um vazio.

Sara: Mas aqui está proposto para habitação ou é só daquele lado?

Dr. Rui Telmo Gomes: É só daquele lado.

O que eu ia precisamente agora dizer é que estes terrenos daqui que ou estão vazios ou estão devolutos, não se percebe de quem são, de quem é a responsabilidade para tratar do

lixo e do entulho que se vai fazendo e, os que são da Câmara, podem ou não estar comprometidos, ou seja, terem já alguns planos formados. E quais é que são utilizáveis pelos moradores para os tais equipamentos no espaço público? Existe um projeto em curso onde essa questão está em cima da mesa, possivelmente a Cristina deve ter falado nisso: que é o contentor.

Sara: Não, contentor não mencionou.

Dr. Rui Telmo Gomes: Da ilha, da cozinha.

Sara: Ah! Sim, da ilha falámos mas eu conheço-o por ilha, não sabia disso de “cozinha”.

Dr. Rui Telmo Gomes: Ilha também acho um nome fascinante...!

Sara: Porque é que se chama cozinha? Já há projeto ou é apenas um texto para uma tentativa de projeto?

Dr. Rui Telmo Gomes: Não, existe um projeto, que na realidade são dois projetos num só, onde penso que está em curso juntar uma outra funcionalidade, que é o projeto ROAC. A intervenção do projeto ROAC nesta zona passa por dois projetos/duas entidades que são: “muita fruta cozinha da mouraria” e mais a *warehouse*, que é um coletivo de arquitetos que vão instalar/desenhar a cozinha comunitária.

Sara: Isso já vai acontecer? Não sabia.

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim, a Cristina não falou?

Sara: Não, nós apenas falámos daquele espaço, isso quer dizer que a cozinha comunitária é para aquele sítio, da ilha?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim.

Sara: O que nós falámos é que aquilo era um espaço aberto verde, mas não foi mencionado nenhuma estrutura de cozinha.

Dr. Rui Telmo Gomes: A posição no terreno é justamente o que está a ser repetido.

Sara: Mas existe já projeto arquitetónico, a planta pelo menos?

Dr. Rui Telmo Gomes: É um projeto eventual, não é uma construção fixa.

Sara: Tem apenas um texto com ideias, é isso?

Dr. Rui Telmo Gomes: Não, o projeto existe, mas é apenas um contentor que vai ser desenhado para acolher uma cozinha comunitária. Esse projeto está aprovado no âmbito do ROAC, o que não está definido ainda é a implantação, ou seja, onde é que vai ser colocado o contentor.

Sara: Ok, já percebi, julgava que naquela zona da ilha era só espaço verde.

Dr. Rui Telmo Gomes: É uma instalação provisória.

Sara: Está alguma dessas coisas disponíveis *online*?

Dr. Rui Telmo Gomes: Não tenho a certeza que estejam.

Sara: Sem ser a cozinha e espaços públicos verdes há mais alguma coisa que eu deva considerar?

Dr. Rui Telmo Gomes: Portanto, o projeto que tem estado a ser desenhado pelos trabalhadores e pelo grupo comunitário é o tal grelhador, - o assador para o público - mesas, enfim, um ponto de encontro, e o que se tem procurado é juntar os dois.

Os moradores e o grupo comunitário têm procurado viabilizar o seu projeto (o ponto de encontro) através de orçamentos participativos. Houve um orçamento participativo da freguesia que ganhou, a atribuição é pública, mas não sei se já é do conhecimento público, tem umas duas semanas. É provável que tenha sido esse que a Cristina lhe falou e há possibilidade de juntar ainda mais qualquer coisa, agora a questão também é viabilizar em termos logísticos e viabilizar em termos financeiros. E o sítio ideal seria a ilha, esta zona aqui.

Sara: Em vez de ter casas ter outra coisa.

Dr. Rui Telmo Gomes: Pois, agora o que parece é que o plano que a Câmara anunciou no final de dezembro para o programa da renda acessível, implica construção.

Nas entrevistas dizemos coisas diferentes?

Sara: Mais ou menos, é tudo parecido. Há sempre coisas que se descobre diferentes, tipo o que me disse em relação ao fogareiro, é uma boa coisa para eu pensar colocar lá em cima.

Vamos então por onde?

Dr. Rui Telmo Gomes: Podemos se calhar passar só ali, já nos estávamos a preparar se estivesse mesmo a chover.

Sara: Não, penso que aguenta.

Dr. Rui Telmo Gomes: Aqui já passaste?

Sara: Sim, com eles.

Dr. Rui Telmo Gomes: Este pátio é importante porque estava aqui um interior abandonado e agora não só está com melhor ar como também tem algumas coisas do LS, como os pássaros ali.

Aqui é só uma voltinha para cortar.

Sara: Sim, para ver ali a ilha.

Dr. Rui Telmo Gomes: Pronto, isso já viste. Há duas associações...

Sara: Tem aqui uma loja que pertence ao r/c.

Dr. Rui Telmo Gomes: Exatamente, aqui vão ser lojas que vão ser cedidas pela Câmara Municipal para alguns projetos, alguns na área artística outros ao serviço da comunidade, como o apoio ao estudo. Para um destes espaços acho que há um projeto *gaming* previsto, é uma tentativa de dinamizar os pisos térreos, as lojas devolutas.

Sara: Que estão todas fechadas...

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim, só que se está a esbarrar processos burocráticos da Câmara. Já foste até ali à praceta da Cristina?

Sara: Sim, fui com o Henrique Chaves. Por onde eu fui com a Cristina foi até àquelas árvores que fazem a barreira sonora.

Dr. Rui Telmo Gomes: A ponte, um tunelzinho?

Sara: É aqui o túnel?

Dr. Rui Telmo Gomes: Sim, numa destas pracetas funciona atualmente uma associação. Tem projetos noutros sítios, mas que também tem uma destas lojas. É talvez das únicas lojas atribuídas pela Câmara que está a funcionar.

Sara: A ilha é isto, certo? O que se fala muito?

Dr. Rui Telmo Gomes: Exatamente.

E depois há uma outra associação, que é uma associação de coletividade no sentido mais tradicional, é uma escola de música.

Sara: Tenho uma última questão: a longo prazo, consoante todos os projetos a acontecer em Marvila que impacto teria o centro comunitário na comunidade?

Dr. Rui Telmo Gomes: É um pouco o que eu tenho estado a dizer, eu não entendo as coisas na lógica que está com essa pergunta, mas acho que para ter impacto, é o processo em si, não é? Quero eu dizer, um equipamento como um centro comunitário tem de ser feito em deliberação conjunta com os seus utilizadores e digamos, não é uma situação em que há um antes, e depois há um equipamento e há um depois. É mais um processo que vai sendo construído.

Não sei se isto convém dizer agora, que é a ideia do edificado pois não é aquela que eu acho que tem mais efeitos. O que eu acho que tem mais efeitos é criar situações e momentos em que as pessoas possam estar a partilhar um espaço público, e isso é conseguido através de festas. Pode por ventura ser conseguido através de equipamento simples como os fogareiros ou os jardins, com bancos e cadeiras, mas também existem as questões da manutenção.

Sara: Pois, espaços verdes que é o que eu estou a pensar fazer, mas ainda estamos muito no início do projeto.

Dr. Rui Telmo Gomes: O espaço verde pode querer dizer muitas coisas, correto? Pode ser um parque que tenha uma grande extensão ou pode ser um terreno relativamente delimitado, mas que quebre a ideia de ser só betão, e acho que é isso que os moradores se referem.

